

Índice

I. Um grito no Estige

1. *Intróito diabólico*
2. *A barca de Caronte*
3. *A religião satânica*
4. *Jogando pérolas aos porcos*

II. Um pouco de história

1. *Uma breve história do Satanismo*
2. *A década de Satan*
3. *A Igreja de Satan*

III. Gnose da sombra

1. *O poder das trevas*
2. *A sombra como via transformadora*
3. *A caixa de Pandora*
4. *A plena satisfação do ego*
5. *O fator medo*

IV. O plano astral

1. *O manto de carne*
2. *Importância do estudo do plano astral*
3. *O perigo da mediunidade*
4. *Metamorfismo*
5. *Morte, suprema ilusão*

V. Os arquétipos infernais

1. *Baphomet, o logos*
2. *O arquétipo de Satan*
3. *O arquétipo de Lúcifer*
4. *O arquétipo de Belial*
5. *O arquétipo de Leviathan*
6. *O arquétipo de Lilith*
7. *Outros arquétipos das trevas*

VI. Palavras da escuridão

1. *O modelo holográfico*
2. *O paradigma divino*
3. *A lei da reciprocidade*
4. *Os irmãos animais*
5. *O terceiro pólo*
6. *As nuances do amor*
7. *Um pouco de Thelema*
8. *Satanarquia*
9. *Da inexistência de Jesus*
10. *Igualdade ou Seletividade*
11. *Da paz e da guerra*
12. *O vampirismo psíquico*

I **Um Grito No** **Estige**

Intróito diabólico

Há uma certa dificuldade em definir o Satanismo.

Primeiro, um religioso fundamentalista sempre dirá que uma outra religião é satânica, independentemente de possuir um ícone diabólico ou não. Assim, esse fundamentalista poderia classificar o Budismo, a Wicca, o Espiritismo e o Paganismo como Satanismo, ainda que seus seguidores contestem o absurdo da referida classificação. O problema é que fé, não lógica ou razão, que governa as doutrinas religiosas. Muitas pessoas consideram qualquer outra religião, que não a própria, *satânica*. Saddam Hussein chama os EUA de *O Grande Satan*. Alguns líderes protestantes referem-se ao Papa como o Anticristo. Até assuntos, como um simples horóscopo, são mencionados como artes diabólicas, inclusive por pessoas cultas.

Segundo, pelo motivo inverso, nem todos que se dizem satanistas podem ser considerados representativos do Satanismo. Será que um adolescente rebelde portando um pentagrama invertido, ou um conjunto de rock, com música tipo *black metal*, será realmente satanista? Bem, se o interesse do primeiro é apenas aparecer perante os amigos e o objetivo do segundo se promover na mídia, a resposta é um contundente “não”. Falta em ambos os casos, o vínculo de religiosidade com Satan.

Satanismo estrutura-se como religião própria, organizada, a partir do momento em que um indivíduo ou grupo adora Satan ou um precursor ou um análogo, literalmente ou de forma figurativa, dentro de um conjunto de dogmas e práticas próprias. Desta definição, conclui-se que há dois tipos de Satanismo.

No Satanismo Ateu, os satanistas não adoram nenhuma deidade, mas sim os ideais de Satan, como liberdade, independência, antinomia, inconformismo e rebeldia, e o representam como um signo, símbolo, arquétipo ou, ainda, a energia negra da natureza. O maior representante desta escola é a Igreja de Satan, nos EUA.

No Satanismo Teístico, os satanistas acreditam na existência literal de Satan ou um equivalente, sendo esta deidade o principal foco de adoração. O maior representante desta escola é o Templo de Set, uma dissidência da Igreja de Satan.

Grande parte dos princípios são comuns a ambas as escolas, existe mesmo uma tendência em estudá-las conjuntamente. Independentemente da visão de Satan, seja como uma deidade, seja como um símbolo da psique, nunca deixará de ser um arquétipo, ou seja, uma estrutura complexa do inconsciente coletivo. Esta abordagem comum será feita, na medida do possível, nesta obra. O livre pensamento traz unidade ao Satanismo.

Assim, entenda a pessoa Satan como um ente ou não, o importante é o vínculo que possua com ele: esta é a chave da magia e da realização pessoal.

O Satanismo possui como qualidades básicas, a antinomia, a apoteose e o humanismo.

A palavra antinomia é originária dos gregos *anti*, significando “contra” ou “oposição”, e *nomos*, “norma” ou “lei”. Isto é mal interpretado pelo ignorante, que acha que os satanistas envolvem-se em atividades criminais. O sentido real é a negação da velha ortodoxia e a rejeição da mentalidade de rebanho. A oposição ou rebeldia é ao controle exercido por circunstâncias externas, como a política e a religiosa. O guru indiano Rajneesh explica que *enquanto o clérigo cuidou dos assuntos internos do homem, o político cuidou dos externos - acabou-se a liberdade*. O próprio homem deve assumir o controle, pois quem não controla é controlado.

O termo apoteose também é originado do grego e significa “exaltação ao estado divino”. Trata-se da autodeificação. O homem é o seu próprio deus. Esta é a mais alta fórmula do Satanismo, independentemente de se acreditar ou não na existência literal de Satan. Psicologicamente, é usada a palavra Self, para relacionar a essência divina inerente ao ser humano, relacionada com o fator transpessoal, bem diferente do ego, que é um *software*, uma interface necessária para interagir com as experiências do plano físico. A apoteose traz, em

si, a autoconfiança, a individualidade e o amor-próprio, e não se confunde com o ego exacerbado, que caracteriza a egolatria.

Segundo a Grande Enciclopédia Delta Larousse, “O humanismo, como movimento intelectual, surgiu na Itália, no século IV, como tendência filosófica e filológica. Colocando-se o homem no centro de todas as preocupações, aspirava-se ao pleno desenvolvimento da personalidade humana”. O Satanismo endossa completamente o humanismo, buscando eliminar todos os entraves que submetem e inferiorizam o ser humano, ainda que sob *a capa do manto sagrado*.

Neste sentido, a própria crença no Céu e no Inferno são absurdas, pois ambos são simples alegorias. Céu foi criado para desviar a cobiça para o futuro, tirando-a do presente, em que realmente o homem poderia lutar para melhorar o seu padrão de vida. O Inferno é o medo projetado, de forma a impedir que o homem assuma o controle total da sua vida e atinja os estados mais elevados da sua consciência.

Na verdade, Satan evoca na pessoa luta, poder e oposição a tudo que vai contra a natureza humana, de forma direta, sem hipocrisia, sem futilidade. O homem deixa de ser um animal pastando no jardim do Éden, para assumir a sua própria vida, sem que outros tomem conta dela no seu lugar. Assim, quando o satanista usa os signos de Satan, Lúcifer ou outro demônio, busca expressar magicamente a sua natureza *negra* [1], a Sombra, o lado reprimido, escondido na sacola do inconsciente, de forma a integrar o Self, a essência ou estado divino inerente a si. O satanista é o seu próprio deus. Este estado é conhecido no Budismo como nirvana; no Yoga, como samadhi; nas ordens *thelemicas*, como o contato com o sagrado anjo/demônio guardião; e, em Psicologia, como o fator transpessoal.

O satanista busca a sua máxima realização neste plano, aqui e agora, celebra a vida com alegria, busca conhecimento e poder, é sempre um vencedor, pois, mesmo nos fracassos aparentes, sabe usá-los para colher uma vitória ainda maior. Não perde o tempo na esperança de ver sonhos espirituais serem concretizados num futuro incerto. Ele aproveita o máximo a vida com consciência e responsabilidade.

Do mesmo modo, o satanista não tenta converter ninguém, nem ser convertido. Pela constante agressão ao caminho dos outros, o mundo tem atravessado inúmeras guerras, com uma infinidade de mortos desde as épocas antigas. Quem está perfeitamente adaptado à sua doutrina, não sente a necessidade de converter ninguém. O Catolicismo, por exemplo, impõe o catecismo às crianças na mais tenra idade, sem que tenham discernimento algum, infundindo o terror do Inferno, em caso de desobediência aos seus dogmas. Além disso, o próprio texto religioso deveria ensinar a respeitar a doutrina dos outros. Neste sentido, a liberdade religiosa está plenamente assegurada no artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal: *É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias*. Significa que não importa o quão ofensivo seja o Satanismo para os seus adversos, simplesmente vão ter de tolerar o seu estabelecimento no País. Todavia, não endossamos nenhuma guerra religiosa, aos moldes que sempre existiu; responderemos dentro das leis, se provocados. É também o nosso direito de crítica exercido e estamos prontos a responder a qualquer uma também, se for o caso.

Quem se interessa pelo Satanismo precisa de algumas considerações iniciais. Em primeiro lugar, o Satanismo é uma via de risco, não é para qualquer um. . A árvore mais alta é aquela que mais aprofunda as suas raízes na terra. Para se trabalhar com o seu lado *negro*, é necessário livrar-se de inúmeros condicionamentos impostos desde a infância, aceitando-se, a si mesmo, por completo, sem julgamento de espécie alguma. É importante a plena indulgência consigo mesmo. O homem só pode evoluir através de riscos. Se você perscrutar o seu passado, verá que os momentos de maior vitória, aqueles que realmente tiveram grandeza, envolveram um certo risco. O risco estava presente. Não aconselho ninguém a fazer nenhuma estupidez, a sair por aí a cata de aventuras insensatas. Aconselho, sim, a enfrentar o cotidiano como deve ser enfrentado, sempre com a meta da realização máxima de si, em todos os sentidos. Após a pessoa correr alguns riscos, começa a perceber que, independentemente do resultado obtido, ela passa a se sentir bem consigo mesma - e as oportunidades só chegam para quem se arrisca. Segundo Sharyn Wolf, *A vida é um banquete e a maioria dos idiotas está morrendo de fome*.

Claro que a noção de bem e mal é conceito humano. É muito cômodo delegar a responsabilidade por tudo o que acontece a Deus, ao Demônio, à Natureza, pois isto dá uma sensação de conforto ao ego. A natureza tem aspecto perigoso? Claro que tem! A própria vida é perigosa. Não adianta você ficar trancado dentro de casa, porque, a qualquer momento, a morte vai lhe fazer uma visita. Energias como o ódio, a tristeza etc. são perfeitamente naturais. Nada é inútil na natureza. Se você emprega o ódio de forma correta, defende-se de um ataque sem a hipocrisia de virar a outra face, ou o utiliza na arrumação da sua casa dada a imensa energia de vontade que é. Quem o reprime corre o risco de ter doenças psicossomáticas e explodir a qualquer momento contra quem não tem nada a ver com o seu problema. Fatos como doença, fome, guerra, morte são vistas de forma terrível, só que a vida foi feita para haver risco. Daí o próprio caráter efêmero da vida. Quem imagina a vida perfeita no sentido de se sentar no sofá para ver a novela das oito, já se tornou um robô controlado pela televisão. Já dizia Erich Fromm: *O perigo do passado era que os homens se tornassem escravos. O perigo do presente é que os homens se tornem robôs.* Ninguém consegue as melhores coisas da vida sem pensar por si mesmo, sem lutar para obter o que deseja. É o risco que põe o ser humano realmente vivo, diante de si mesmo, diante da vida e da morte.

O Autor não aconselha a ninguém a sair por aí cometendo tolices para se auto-afirmar, pois tal atitude não passa de egolatria ou de auto-ilusão, ambas manifestações doentias do ego. Existe uma diferença entre audácia e temeridade. Audácia é a coragem baseada na inteligência; temeridade é a coragem fundada na estupidez. É fácil de concluir, então, que a primeira é a sensata. Pode haver uma linha tênue entre ambas, mas não pode haver confusão entre elas. O limite é como o fio da navalha.

Em segundo lugar, é necessário ter plena consciência do que está fazendo. Mera curiosidade ou afã de diversão devem ser descartados. Um dos motivos é o uso da magia, que, malgrado seja inúmeras vezes empregadas em aspectos mundanos do cotidiano, o seu maior objetivo ainda é a transformação do mago. Mexer levianamente com o que não conhece costuma ser muito perigoso.

Em terceiro, demanda plena maturidade. Crianças e adolescentes nunca deveriam ser influenciados a adotarem uma religião, e sim optarem de livre e espontânea vontade por uma, se quiserem, quando adultos. Existem, com certeza, jovens que alcançam o discernimento mais cedo, contudo a idade legal deve prevalecer de forma a evitar problemas jurídicos para uma irmandade satânica.

Há muitas pessoas que se utilizam do rótulo de satanista, com o único fito de agredir parentes e amigos. Isto é altamente contraproducente, não só para a pessoa, mas também para a família e o grupo satânico. Que maior perda de tempo do que ficar alimentando a auto-ilusão de terceiros? De qualquer modo, a escolha é sempre pessoal. Se alguém sair por aí com um ataque esquizofrênico, dizendo-se incorporado por Satan, o problema é exclusivamente seu. O aviso está dado.

1. Qualquer menção a termos duais, como negro (branco), evolução (involução), criação (destruição) devem ser focalizados como ilusórios, apesar da necessidade de serem empregados, já que estamos dentro do véu de Maya. O Autor, sempre que possível, evitará tais termos.

A barca de Caronte

Segundo Dante, há a seguinte inscrição nos portões do Inferno: *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate*^[1]. Esta frase sempre foi utilizada para advertir que, a partir dos referidos portões, somente se obtém o tormento sem fim. Contudo, uma outra interpretação pode ser obtida.

A fé tem uma dupla função:

- Como artifício de fabricação de crença, quando empregada magicamente
- Como método de obscurecimento de raciocínio e indução ao fanatismo religioso.

A primeira função é usada magicamente no Satanismo, sendo básica em qualquer ritual. A pessoa sabe que a fé é intimamente associada a uma fantasia, a um psicodrama, mas o inconsciente não percebe a diferença, quando usado com emoção profunda, e isso abre o canal para a consecução mágica.

Já a segunda função, sempre foi imensamente empregada pelo clero em TODAS as religiões *divinas* do planeta, em todas as épocas, e eliminou qualquer investigação séria pelos fiéis, sob pena de pecado, excomunhão, crime e mesmo sentença de morte. A questão é que simples esperança não leva a nada, mister se faz que o homem assuma as rédeas do seu próprio destino.

Há um grito no Estige, conclamando o ser humano à recuperação do amor-próprio e do auto-respeito. Você quer se tornar auto-suficiente e integrado você quer ser superior, mas está disposto a pagar o preço? Sim, trata-se da sua própria alma, mas não é preciso vendê-la, apenas tomar conta dela pessoalmente, sem deixar que outros a tomem em seu lugar. O pacto é com você mesmo! Um bom começo é despertar para todo o engodo que pulula por aí. Você precisa apenas ser você mesmo. Pense no melhor, pense no pior, mas seja você mesmo! *Carpe diem!*^[2] Viva o momento em sua plenitude!

Todas as pessoas se cansam de representar, querem ser verdadeiras, serem naturais e espontâneas, contudo o problema, quando se aconselha alguém "seja você mesmo" é que isto não é suficiente. A pessoa quer ser apenas o seu *lado melhor*.

Como você pode se tornar totalmente integrado, se há uma parte de si que tem negado a tanto tempo? Você sabe que estou falando da Sombra, mas a Sombra refrigera. O Inferno não é tão mal assim, você tem que aceitá-lo, pois ele está dentro de você neste momento, bem como o Paraíso. Os dois fazem parte de você. São as alegorias máximas da vida humana!

O Satanismo aceita os dois lados, não restringe nenhum, mas trabalha primeiro com o seu lado *negro*, pois o lado *branco* já foi aceito por você, só não se desenvolveu porque você reprimiu tanto o lado de que não gosta, ou que lhe fizeram não gostar, que, para falar a verdade, você passou a não gostar de si mesmo, pois como pode alguém amar algo que considera *negativo*?

Atravessando o rio com Caronte, você pode notar que a barca balança de um lado para o outro, são os aspectos *positivos* e *negativos* do seu ser. Sem os dois, a barca nunca poderia atravessar, lhe conduzindo. Agora, você percebe que é o próprio Caronte, e o rio é a sua própria via, o seu próprio caminho, sem imposição de terceiros. Você passou a ser o condutor, o conduzido e a condução. Você está, agora, na jornada rumo à essência divina inerente a si, o Self, pois passou a se aceitar totalmente, para se tornar o seu próprio deus, livre de quaisquer restrições.

Você já abandonou toda a esperança. Não precisa mais de fé, você agora tem a certeza em suas mãos, pois vai ter que cruzar o rio por conta própria; se não o fizer, se não experimentar por você mesmo, continuará

apenas crendo em alguma coisa que não sabe se existe ou não, tendo sonhos espirituais e não a convicção de que está no caminho certo, no seu caminho! Você pessoalmente tem que dar o seu próprio passo!

Satanismo é a religião do forte, e não do fraco. Se você prefere se submeter à minha vontade, ou a de outros, desista da barca e sente-se numa nuvem, para tocar uma harpa, mas logo você vai se cansar, pois, sem o Inferno, o Céu passa a ser tedioso. Um pouco de emoção sempre ajuda, mas basta um pouco para que você se torne um amante, um guerreiro, um mago, um poeta e um deus. Basta que você seja uma pessoa corajosa o suficiente para encarar a si mesmo! Basta que você ache a certeza em você mesmo e abandone toda a esperança que não leva a lugar algum. Há um ponto de chegada neste rio. Aguardo você lá, junto à Estrela da Manhã, o arquétipo do glorioso Lúcifer!

[1] Deixai toda esperança, vós que entráis.

[2] Viva o dia!

A religião satânica

O termo religião vem do verbo latino *religare*, que significa religação. Religação com o que? Com o estado ou essência divina inerente a qualquer ser humano. Numa análise superficial, abre-se a possibilidade de entender religião mais como uma busca, do que um corpo social concreto. Se caminhar neste sentido, qualquer organização é desnecessária. Todavia, a união sempre foi fator de fortalecimento estrutural. Daí a existência de diversas instituições religiosas. Alguém, neste momento, pode perguntar. *Se o homem já é ligado a essa essência divina, qual o porquê do "religar"?* O verbo parece realmente impróprio. Não há sentido algum em religar a algo que já está ligado. Contudo, é necessário pensar em termos de consciência. Você realmente está ligado, mas está consciente dessa ligação? Despertou totalmente para ela? É óbvio que não. Logo, o *religare* possui este sentido, ou seja, um retorno ou retomada de consciência para esta possibilidade máxima de si.

Religião possui dois sentidos, curialmente empregados por todos. O primeiro é o de um corpo ou estrutura social concreta. O segundo é tomado pelo seu adjetivo, *religiosidade*, ou seja, há uma figura de linguagem chamada sinédoque, que toma o conteúdo pelo continente, uma idéia está contida na outra. O primeiro sentido, de um corpo social, é perfeitamente descartável, a não ser como um aspecto de união ou fortalecimento de crença. O segundo é o mais importante, pois leva em consideração a busca pessoal do indivíduo. Afinal, religiões, em sentido amplo, são apenas rótulos, máscaras que encobrem o fato de você ser o seu próprio deus. Muitas vezes, lhe desviam do seu caminho pessoal. Pior do que isso, se você diz *Eu SOU satanista*, acabou de criar um rótulo e, com este, se limitou. É melhor dizer *Eu ESTOU satanista*.

De qualquer modo, religião tem sido onanismo puro há dez mil anos, ou seja, pura masturbação teológica. As pessoas levam muito a sério os dogmas religiosos, quando tudo, na verdade, não passa de uma imensa brincadeira cósmica. Já dizia Heráclito, que *a natureza ama se esconder*. Você acha que se tudo fosse perfeito seria uma maravilha? Seria imensamente enfadonho. Alguém disse que o verdadeiro inferno é não ter problemas ou não ter o que fazer. Na verdade, a vida é uma grande aventura!

Eis uma piada: Um sujeito morreu e foi parar num lugar maravilhoso. Foi logo servido com uma farta refeição e apresentado a mulheres belíssimas. Só havia um problema: ele não podia fazer nada. Podia pedir o que quisesse, mas tinha de ser servido. No início, ele adorou a coisa e passou a viver como um rei, pois tinha tudo o que queria. Depois de algum tempo, ele virou-se para o encarregado do local e disse:

- Eu gostaria de fazer algum trabalho aqui, é possível?
- Não, aqui você não pode fazer nada. - respondeu o encarregado.
- Mas a minha permanência aqui está se tornando muito apática, porque nunca faço nada. Está parecendo até o Inferno.

E o encarregado:

- E onde você pensa que está?

O Inferno é exatamente isto: você não poder fazer nada. Tudo é muito perfeito e maravilhoso, mas você não pode fazer nada. Com o tempo se torna enfadonho e atrofante, o ser humano vira um pastel. São criados os dogmas exclusivamente com esta finalidade: para que você não faça nada, para que você viva num Inferno real, para que fique dormindo num sonho espiritual cômodo e agradável, em vez de enfrentar a dura realidade do engodo sócio-religioso. Em outras palavras: é uma prisão para você! Não se pode ver ou sentir essa prisão, mas não passa de uma prisão!

Então, o que é o Satanismo verdadeiro, assentado como base religiosa? Em primeiro lugar, ele é uma espécie de humanismo, pois é a única via que coloca o homem como ponto focal da sua existência. Afinal, *foi o homem, não deus, que estabeleceu todas as religiões espirituais e escreveu todas as bíblias sagradas*. Se ele se projeta na vida, no mundo, como num enorme espelho de si, também projeta a imagem de deus, razão por que possui a divindade dentro dele. Em verdade, o homem é o seu único deus.

Além disso, Satanismo é religião, porque tem princípios, estrutura e rituais próprios. Se não tivesse, seria simples Humanismo. Ninguém vive sem princípios, todavia a posição do princípio aqui é para servir ao homem, ou seja, para trabalhar no sentido da sua máxima realização nesta vida. Em outras palavras, o princípio deixa de ser impositivo, perde a sua força cogente, seu caráter dogmático, para se tornar orientador. Afinal, ninguém vai ser castigado, ninguém vai ser ameaçado pelo Inferno, caso não os adote. Por outro lado, o ritual serve para mudar eventos que normalmente não ocorreriam, caso não houvesse a interação da vontade do mago. Outro sentido do ritual é a busca pela livre expressão do Self. Finalmente, a estrutura se dá num corpo social, com pessoas que têm grandes afinidades religiosas. Sem esta estrutura, não há qualquer defesa contra a perseguição religiosa, como sempre houve entre as religiões *divinas*.

Na questão das estruturas estabelecidas pelas religiões *divinas*, o Satanismo também é considerado uma anti-religião, pois é adversa a todas. Parece paradoxal, ser religião e ser anti-religião, mas depende do enfoque. Como busca pessoal, é religião, pois estimula a comunhão do ser consigo mesmo; daí ser também anti-religião, combatendo todas as capas de tirania religiosa, principalmente as abraâmicas, pois impedem a referida comunhão, transformando dita busca em seguimento, uma espécie de sinônimo para sujeição.

Se um modelo não funciona, é necessário optar pelo que melhor lhe convém. As religiões *divinas*, ao longo dos milênios, têm negado as satisfações básicas do homem, infundindo o terror não só pelo medo do Inferno, mas também pela perseguição religiosa, com uma infinidade de mortes. O conceito vigente de deus é falho, porque leva o homem à submissão total, o que, em nada, contribui para a sua transformação. O Satanismo é a religião da vida, do prazer, da autonomia do ser humano. O Satanismo abre a possibilidade de religação do ser humano à sua potencialidade máxima, sem negar as suas necessidades em prol de uma recompensa futura. A máxima é de Rajneesh: Use tudo!

Por outro lado, o Satanismo propõe uma dissidência com qualquer autoridade externa, à violência da ordem constituída, fonte de patologia, para restituir ao homem a sua natural plenitude criativa. Não significa que o Satanismo endosse a prática de crimes, mas sim a rebeldia contumaz, que leva a pessoa a vencer socialmente dentro das regras do próprio sistema, mas sem sofrer vilipêndios por causa das suas maquinações. Num exemplo pobre, se o sistema é um barco, o barqueiro é a elite dominante e o rio é a vida, o satanista usa o barco para atravessar o rio, e não ser levado para onde o barqueiro quer.

“O caminho mais rápido entre dois pontos é a linha reta. Se todas as culpas que têm sido construídas podem ser transformadas em vantagens, elimina a necessidade da purgação intelectual da psique na tentativa de limpá-lo de todas essas repressões. Satanismo é a única religião conhecida pelo homem que o aceita como ele é, e promove a racionalidade de tornar uma coisa má numa coisa boa melhor do que esforçando-se excessivamente para eliminar a coisa má.” (LaVey) Portanto, o ser humano se torna mais íntegro a partir do momento em que aceita a sua natureza e a trabalha de forma adequada. Afinal, para se chegar em qualquer lugar, o primeiro passo é partir de onde se encontra.

Neste ponto, alguém, com certeza, vai questionar: Por que usar o termo Satanismo? Por que usar como modelo um nome que soa tão ofensivo à maioria das religiões? Eis as razões:

- É um modo radical e pragmático de descondicionar os modelos das religiões *divinas* profundamente infiltrados na psique.
- Porque, sem hipocrisia alguma, o Satanismo trabalha com a chamada natureza *negra* do homem em primeiro lugar, com consciência e responsabilidade, de forma a eliminar o aspecto dual da sua personalidade, tornando-o inteiro, como sempre deveria ser.
- Revelar que a Sombra é o grande portal do Self, o centro divino no ser humano, capaz de transformá-lo definitivamente no estado transpessoal conhecido como consciência cósmica.

Jogando pérolas aos porcos

A mídia cristista, através dos seus livros, revistas, filmes, novelas e publicações em geral, tem construído, nestes dois milênios, toda uma visão estereotipada acerca de Satan. Por outro lado, alguns conjuntos de *death metal*, sob inspiração desta mídia, criam letras de música, inspirando a violência gratuita, consumo exacerbado de tóxicos, matança de animais etc., levando o público realmente a crer que está entrando em contacto com a comunidade satânica.

São atribuídos ao Satanismo os seguintes aspectos:

- Pacto de sangue com o demônio
- Caminhada em cima de cacos de vidro para mostrar veneração ao demônio
- Orgias de sexo e droga
- Vandalismo efetuados por *gangs* de adolescentes, que usam símbolos como o número 666 e o pentagrama invertido
- Violação, furto ou incêndio de igrejas e cemitérios
- Suicídio de adolescentes
- Abuso infantil
- Seqüestro
- Estupro
- Mutilação e sacrifício de animais
- Assassinato
- Sacrifício humano

Eu me pergunto: qualquer destas atividades traz algum proveito ao ser humano? É claro que não! Trazem como resultado o manicômio, a cadeia ou o cemitério. O Satanismo verdadeiro se abstém de coisas deste tipo. As escolas principais do Satanismo, a Igreja de Satan e o Templo de Set, denunciam claramente as atividades criminosas com imenso desprezo; a pessoa nunca vai encontrar tais idéias no seio destas organizações. Pelo contrário, qualquer atividade ilícita é imediatamente denunciada, ao invés dos cultos *divinos* que inúmeras vezes acobertam os seus líderes, sob a idéia de que a Deus cabe o castigo, e não à justiça humana.

Os grupos que cometem essas práticas infames são, de fato, pseudo-satanistas e o credo básico destes imbecis resume-se na concepção de que o Diabo é a personificação do mal absoluto, sendo, portanto, recompensados na exata proporção do ato perpetrado. Assim, o servilismo, que é a marca registrada das religiões abraâmicas é repetido por tais grupos, mudando-se apenas o rótulo.

Uma vez que as organizações satânicas são aceitas até mesmo pelas forças armadas americanas, por exemplo, um soldado pode ter um rito fúnebre satanista em caso de seu falecimento, houve uma reação pelos acólitos da luz *divina*.

A década de 80 foi assolada pelo que se convencionou chamar de O Pânico Satânico. Fundamentalistas cristãos americanos espalharam que havia uma imensa organização satânica secreta, com milhões de participantes, responsável por crimes como tortura e mutilação de animais, pornografia e abuso infantil, seqüestro infantil e assassinio ritualístico de crianças. Há mesmo várias etapas neste ritual, mas nem sequer vale a tinta gasta em descrevê-lo. A conseqüência é que a propagação pela mídia quase acarretou uma histeria coletiva.

Kenneth V. Lanning é um agente especial supervisor na academia do FBI situado em Virgínia, que tem combatido os crimes sexuais infantis desde 1981, trabalhando hoje como consultor para diversas forças policiais. Ele começou a ouvir sobre o ritual de abuso satânico em 1983, procedendo a uma investigação profunda e minuciosa sobre o mesmo. Lanning define o assassinato satânico como aquele *cometido por dois ou mais indivíduos que racionalmente planejam o crime e cuja motivação primária é efetuar um ritual satânico prescrito para o assassinio*. Usando esta definição, ele foi INCAPAZ de identificar pelo menos um assassinato satânico documentado nos EUA, mesmo gastando parcialmente 7 anos e usando totalmente 11 anos do seu tempo pesquisando na área da vitimização infantil, fato este que o levou a ser considerado um satanista infiltrado no FBI por vários líderes religiosos.

O problema é que, se um grupo passa a admitir a realização de um sacrifício humano, como o do Charles Manson, não vai durar muito tempo, porque alguém do grupo, o chamado *elo fraco da corrente*, será incapaz de cometer o ato, ou de manter segredo sobre o mesmo. Além disso, a polícia não é idiota, cedo ou tarde vai

colocar as mãos nos criminosos. É difícil entender que, quanto maior o número de participantes, mais difícil se torna conspirar para cometer um crime?

Segundo Lanning, “Um grande potencial de abuso existe para quaisquer crianças criadas num grupo isolado da sociedade, principalmente se o grupo tem um líder carismático, cujas ordens são inquestionáveis e cegamente obedecidas pelos seus membros. Sexo, dinheiro e poder são freqüentemente as motivações principais dos líderes destes cultos. Por que não rotular os crimes cometidos por protestantes, católicos e judeus da mesma forma? As atrocidades de Jim Jones na Guiana são crimes cristãos? Alguns podem considerar que o crime foi cometido numa data satânica, como o Halloween, ou que o criminoso ouviu Satan mandando cometer o crime. Qual é então o significado dos crimes cometidos no Natal ou Páscoa? O que dizer do criminoso que ouviu Deus dizendo para fazê-lo?”

Como classificar, então, estes crimes?

- Os pais se recusam a enviar seus filhos a uma escola porque estão esperando a segunda vinda de Cristo
- Os pais espancam seu filho até a morte porque ele não segue a sua crença religiosa
- Os pais violam os direitos infantis porque eles acreditam que a Bíblia o requer
- Indivíduos explodem uma clínica de aborto ou seqüestram o médico porque seu sistema religioso diz que o aborto é assassinato
- Os pais recusam uma transfusão de sangue para o filho, como forma de tratamento, por causa da sua crença religiosa
- Os pais matam de fome ou espancam o seu filho até a morte porque o clérigo disse que ele estava possuído por espíritos malignos

O elemento comum a esses rituais é a natureza psicótica do agressor. Um crime pode ser cometido porque uma voz mandou o agressor cumprir uma "missão divina". Até mesmo a mutilação dos órgãos sexuais do bebê para um ritual sádico de prazer é considerado crime, enquanto a circuncisão dos genitais do bebê, pelos judeus, não é considerado. Lanning assere que, se as “pessoas cometem abusos infantis como parte de seu sistema religioso de crença, isto ainda significa que a vasta maioria das crianças vitimadas foram abusadas pelos cristãos”.

II

Um Pouco De História

Uma breve história do Satanismo

Desde a mais alta Antigüidade, sempre houve deuses relacionados com a Sombra, como o Set egípcio e o Shiva hindu. Com o advento do Satan bíblico, nunca houve nenhuma organização satânica plenamente estabelecida pelo simples fato de que seria imediatamente exterminada pelo Cristianismo.

As seitas “satanistas” eram, na realidade, pagãs e hereges, sendo as primeiras as que cultuavam um deus anterior ao advento do Cristianismo, como Dionísio, e as segundas as que traziam uma versão diferente dos dogmas cristãos, como duvidar da virgindade da mãe de Jesus.

No passado, houve apenas um caso documentado de Missa Negra. A Missa Negra seria uma paródia da cristã, praticada por um padre herege, em que Satan se converteria numa caricatura de Cristo. Nada tinha de Satanismo, e sim de anticristismo. Catherine Deshayes, mais conhecida como Madame Voisin, além de receitar poções de veneno para as damas da corte que queriam se livrar dos seus maridos, também realizava vários rituais macabros para pura diversão dos nobres decadentes da corte do rei Luís XVI, com a participação do abade Guibourg e vários outros padres, recebendo rios de dinheiro. A coisa se tornou tão escandalosa, que Madame foi arrolada num processo e, por fim, queimada na praça de Grève em 22 de fevereiro de 1680.

O consenso histórico moderno acerca do Satanismo revela que, malgrado alguns grupos acreditassem estar adorando Satan, na verdade se tratavam de grupos anti-sociais locais. Durante todo o período do Cristianismo, qualquer grupo era considerado satânico, conforme a mente das autoridades. É risível o fato de que os grandes bruxos estavam muito bem acobertados pela instituição que viria em seu encalço, caso se dessem a conhecer. Nunca houve mais feitiçaria do que nos anais da própria Igreja Católica, haja vista a existência de papas, como Benedito IX, João XX, os Gregórios VI e VII e Honório, o Grande^[1], todos conhecidos como magos.

O Satanismo deu seus primeiros sinais de vida com o advento dos Hell Fire Clubs, no século XVIII, o mais importante liderado por Sir Francis Dashwood, que “orientou a condução de rituais repletos de diversão bem suja, e certamente o proveu de um colorido e inofensivo psicodrama para muitos guias espirituais do período”, menciona LaVey. Na verdade, era a proto-existência do Satanismo, ainda bem distante de sua realidade atual. Dele participaram muitas pessoas influentes da coroa britânica, como John Montagu (Lord Sandwich), e até mesmo o americano Benjamin Franklin, conforme relato de Cecil B. Currey. Há, ainda, a referência ao partido político Whig, onde jovens lordes formariam parte do grupo de Sir Francis. Os repórteres, ao denunciarem “a maneira herege e profana” como se davam as reuniões, levou o Rei George I a exigir a total extinção da ordem.

No final do século XIX e início do XX, começaram a surgir instituições de cunho *thelemico*, como a Ordem dos Templários do Oriente e Ordem da Estrela de Prata, que, contraditoriamente, buscaram eliminar qualquer conotação com o Satanismo, ao mesmo tempo em que Crowley usava o moto de *To Mega Therion*, A Grande Besta. É compreensível que Crowley, sendo rebento de uma era vitoriana extremamente rígida, tivesse de obrar com determinada cautela, caso contrário não haveria nada demais em aceitar a referida associação. Ou, ainda, que tentasse dissociar Thelema de idéias relativas ao satanismo gótico, na verdade inexistente fruto da histeria cristã.

Em 1904, houve a recepção do Liber Al Vel Legis^[2], transmitido por Aiwaz^[3] a Crowley, que mais tarde admitiu: “Aiwaz não é uma simples fórmula, como muitos nomes angélicos, mas ele é o verdadeiro, o mais antigo nome do Deus dos Iezides e, assim, remonta à mais alta antigüidade. Nosso trabalho é, portanto, autêntico; a redescoberta da Tradição Sumeriana.” Ora, o deus dos Iezides era Shaitan, que se originara de Set. Atualmente, há ordens assumidamente satânicas no exterior que usam o Liber Al Vel Legis em seus estudos, entendendo os seus três capítulos como as três manifestações de Satan.

Neste momento, torna-se importante um adendo. Apesar de não existirem organizações satânicas no passado remoto, não significa que não houve satanistas. Pelo contrário, são inúmeros os indícios da presença de satanistas na história, mas não de conformidade com a literatura cristã, e sim pelo fato de o satanista ser,

acima de tudo, uma pessoa totalmente emancipada. Alguns nomes, como Rasputin, Cagliostro, Giosue Carducci, Fernando DePlancy, Nietzsche, John Milton, Al Capone e muitos outros são provas de que o satanista nasce em qualquer meio social. Eles foram *de facto* satanistas.

Qualquer pessoa que seja, ou tenha sido no passado, emancipada de quaisquer grilhões escravizantes da religião, da política, da economia, da cultura ou do que for, é satanista. Tal pessoa possui o amor-próprio plenamente desenvolvido, a primar pela liberdade como sua única lei, sem se impor a nenhuma regra de conduta arbitrada por terceiros, que, evidentemente, tergiversará sua expressão e vontade individuais sob a tirania dissimulada (ou não) de um vampirismo psíquico.

[1] O grimório deste papa é famoso.

[2] Conhecido como o Livro da Lei.

[3] Aiwaz ou Aiwass é uma inteligência preter-humana que ditou o Livro da Lei a Crowley, nos dias 8, 9 e 10 de abril de 1904, entre 12 e 13h.

A década de Satan

A década de 60 caracterizou-se por uma rebelião e liberação nos costumes em nível mundial. Não aconteceu apenas em pontos isolados do planeta, mas o envolveu quase por inteiro, acabando com o ranço dos anos vitorianos anteriores. A aceitação passiva de situações impostas pelo sistema, seja ele social, político, econômico ou religioso encontrou o seu grande escolho nesta década. A massa despertou para o fato de que não passava de um brinquedo nas mãos de uma minoria privilegiada. Em verdade, essa década representou um marco sem igual na história da humanidade, porque foi uma revolução global contra a ordem estabelecida, como nunca feita anteriormente.

Antes de entrar na causa do inconformismo da opinião pública, merece ser ressaltado o fato de que educação e saúde são considerados direitos básicos do ser humano pela sociedade. Se não há investimento nestes setores, a cabeça e o corpo do ser humano, no meio da grande massa, que não possui recursos para pagar uma escola e um hospital, ficam completamente abandonados. É óbvio que a cegueira foi eliminada através de maiores gastos em educação, antes e durante esta década, fazendo com que todos finalmente percebessem o que realmente ocorria ao seu redor. O sistema não se deu conta do problema que arranjara para si, mas o mundo inteiro, representado pelos seus povos, tirou enorme proveito da situação.

Quais foram as transformações ocorridas nesta década? No ambiente familiar, entre pais e filhos, surgiu uma maior liberdade e compreensão. Antes, o filho tinha que pedir licença para se dirigir ao pai, não podia falar na hora da refeição, levava surra quando tirava nota baixa, e assim por diante. A relação era imposta, autoritária e unilateral. A mulher, desde o início da década, passou a ocupar o espaço profissional que antes era quase exclusividade do homem. Os escritórios e as fábricas foram invadidos por mulheres de classe média. Aqui, no Brasil, a Lei 4121, de 1962, de Nelson Carneiro, eliminou a incapacidade relativa da mulher casada, que precisava da autorização expressa do marido para os atos jurídicos mais importantes. O negro conquistou o seu lugar na sociedade americana. Eram vistos nos comícios pela paz ou pelos direitos civis ao lado de estudantes e hippies. O rock ajudou a consolidar esta posição, com suas letras sobre a liberdade, os Beatles com seus cabelos compridos, o Woodstock de Jimi Hendrix com sua guitarra distorcida. Um estilo musical surgido nesta década, própria dela, gritando pelo mundo inteiro. O grande lema era *É proibido proibir*.

Em 1966, houve o surgimento do Satanismo como uma religião mundialmente estruturada, que será o próximo tema.

Em 1968, os estudantes sacudiram as ruas de Paris, impondo exigências ao General Charles De Gaulle. O militante trotskista André Breton afirmava *Sejamos realistas. Exijamos o impossível*. Segundo alguns, este ano se tornou o ápice de toda a revolução humana em busca de uma sociedade livre.

O advento da pílula anticoncepcional permitiu a liberação do sexo. As pessoas passaram a ver o sexo não apenas com o fim de procriar, mas também pelo prazer. Nesta década e nas seguintes, advieram a ampla aceitação do divórcio, a perda do caráter sagrado do casamento e o respeito pela condição homossexual dos seres humanos. A Psicologia apoiou totalmente todos eles, visando à melhoria da qualidade de vida.

O Brasil seguiu, inicialmente, os acontecimentos mundiais. Contudo, as passeatas contra o regime culminaram na elaboração do AI-5, o ato institucional mais torpe que já existiu, impondo mais de uma década de regime militar, baseada em violência, tortura e assassinato. Uma atitude reacionária contra os novos avanços sociais, que levou o País a marchar na contramão da história. Não ocorreu apenas aqui. No mundo inteiro houve inúmeros mortos em prol das novas idéias, ao longo da década.

Entrementes, Satan finalmente derramava a sua luz sobre os povos e colocava um ponto final aos milênios de obscuridade e silêncio. Erguia-se contra a virulência do sistema corrompido, proclamando-se, finalmente, senhor do mundo.

A Igreja de Satan

Como principal fruto da Década de Satan, na noite de 30 de abril de 1966 (Walpurgisnacht), Anton Szandor LaVey fundou The Church of Satan^[1] em São Francisco, Califórnia, proclamando-se o Papa Negro e declarando ser o ano 1 da Era Satânica. A doutrina buscou elementos no Vodou clássico, no Hell Fire Club, na Magick de Crowley e na Black Order da Alemanha das décadas de 20 e 30. Aproveitou, ainda, elementos da filosofia de Nietzsche, Maquiavel e Darwin. Pela primeira vez, houve o reconhecimento do Satanismo como uma religião oficialmente estabelecida.

Para se ter um breve resumo de sua vida, LaVey nasceu em Chicago, na noite tempestuosa de 11 de abril de 1930, como se fosse um vaticínio do porvir. Foi, entre outras coisas, treinador de leões, organista profissional, fotógrafo policial, hipnotizador, investigador psíquico e um grande estudioso do oculto, buscando sempre o lado inexplorado da psique humana. Em 1998, LaVey falece de edema pulmonar, exatamente no dia 29 de outubro, no St. Mary's Hospital, em San Francisco. Misteriosamente, o atestado de óbito certificou a data do fenelecimento como sendo a manhã do dia 31, coincidindo com o Halloween. LaVey foi cremado após um funeral satânico no Woodlawn Memorial Chapel em Colma.

Deixou o Satanismo estruturado como uma religião sólida, na qual, só nos Estados Unidos, há mais de vinte mil adeptos. Pessoas famosas, como Sammy Davis Jr. e Jayne Mansfield, confessaram publicamente serem satanistas. Um militar americano pode contar com um rito fúnebre satanista depois do seu falecimento, dentro da própria caserna. Paralelamente, todos os dias surgem pessoas que se apercebem da sua condição de satanista, aceitando-a amplamente, apesar dos resquícios *divinos*, que sempre tentam vincular a doutrina ao lado *negro* da história do mundo que eles mesmos criaram.

O livro básico da doutrina, The Satanic Bible, vendeu mais de meio milhão de cópias no mundo inteiro, possuindo apenas versão inglesa e, neste exato momento, perfaz, a doutrina satânica, estatisticamente, 3% das páginas religiosas expostas na *web*. Escreveu, ainda, mais quatro obras, The Devil Notebook, The Satanic Rituals, The Satanic Witch e Satan Speaks. Apesar de alguns erros doutrinários, passíveis de críticas, sua obra é fundamental para o entendimento do Satanismo.

A primeira dissidência da COS foi a de Michael Aquino, que se retirou da Igreja e fundou o Temple of Set. Enquanto LaVey considera Satan a grande energia negra da Natureza, Aquino como originário do deus egípcio Set ou Sata (daí Satan). Infelizmente, LaVey começou sua decadência ao cometer os mesmos erros cristãos, ao vender cargos dentro de sua igreja e aceitar a contribuição financeira do infame Marilyn Manson, que advoga o uso de drogas, abuso infantil, automutilação e outras estultices, sem nenhuma relação com a religião, fato este denunciado por autênticos satanistas, dentro da *internet*. De qualquer forma, a obra, uma vez criada, desvincula-se do autor, passa a ter uma hegemonia própria.

É o momento de um importante adendo. Uma interessante metáfora acerca da criação da Church of Satan veio a público através da obra de Ira Levin, O Bebê de Rosemary (1968), em seguida adaptada para o cinema por Roman Polanski. Estrelado por Mia Farrow, John Cassavetes e outros atores, o filme elevou Polanski aos píncaros da fama, levando Ruth Gordon a receber o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante. Na verdade, este filme foi o precursor de vários outros do tipo “bebê maligno”.

Numa breve sinopse, o filme trata da história de um casal, em que o marido (John Cassavetes), para auferir fama como ator, firma um pacto com o diabo através da seita dos vizinhos bruxos, de forma a permitir a vinda do filho de Satan ao mundo. Destarte, Rosemary (Mia Farrow), pensando tratar-se de um sonho, tem um intercuro sexual com o próprio demônio. No final da película, o obstetra diz que ela perdera o filho, mas, ao ouvir um choro de criança, entra no apartamento dos vizinhos armada de uma faca de cozinha e descobre a trama, mas logo verifica que, longe do intento de sacrificar o bebê, este é venerado por todos. Ao final, Rosemary se transforma numa doce mãe.

Curiosamente, tanto na obra de Ira Levin quanto no filme de Polanski, o filho de Satan nasceu em 1966, que também é o ano em que LaVey anuncia a criação da Church of Satan, ou seja, um ano antes de Levin publicar sua história. Em ambos 1966 é anunciado como o Ano Um, que reforça ainda mais a metáfora. Roman

Castavet, na festa do Ano Novo, proclama “A 1966, o Ano Um”. Muitos críticos cinematográficos acharam essa frase ser uma paródia do Anno domini, ano do suposto nascimento de Jesus, o que foi um tremendo erro. Um detalhe na obra de Levin, que Polanski não incluiu no filme, é a visita do papa a New York. É interessante notar que, imediatamente antes da cena entre Rosemary e o demônio, ela pede absolvição a um papa e a recebe. LaVey foi chamado pela mídia de Papa Negro. E, finalmente, os nomes LaVey e Levin também não soam similares?

Finalmente, quem é o demônio do filme senão LaVey? Apesar de não receber nenhum crédito, ele foi também o consultor por detrás das câmeras.

Lamentavelmente, Polanski perdeu sua esposa grávida de oito meses, Sharon Tate, mais quatro amigos íntimos, nas mãos da “família” de Charles Manson, de forma brutal, menos de um ano após o lançamento da película, ou seja, em 9 de agosto de 1969. Tratou-se de um acaso nefasto, pois Manson pretendia assaltar outra casa, e entrara nesta por engano, depois tudo desandou.

Quanto ao filho de Satan? Está vivo e passa bem!

Finalmente, para terminar a parte histórica do Satanismo, torna-se imprescindível trazer alguns textos básicos de LaVey.

As Nove Declarações Satânicas:

- 1) Satan representa indulgência, em vez de abstinência!
- 2) Satan representa existência vital, em vez de sonhos espirituais!
- 3) Satan representa sabedoria pura, em vez da auto-ilusão hipócrita!
- 4) Satan representa bondade para quem a merece, em vez de amor desperdiçado aos ingratos!
- 5) Satan representa vingança, em vez de virar a outra face!
- 6) Satan representa responsabilidade para o responsável, em vez de se ligar a vampiros espirituais!
- 7) Satan representa o homem como um outro animal, algumas vezes melhor, mais freqüentemente pior do que os outros que caminham de quatro, porque, em seu “divino desenvolvimento espiritual e intelectual”, se tornou o pior animal de todos!
- 8) Satan representa todos os denominados pecados, pois eles se direcionam a uma gratificação física, mental e emocional!
- 9) Satan tem sido o melhor amigo que a igreja já teve, pois ele cuidou de seus negócios todos esses anos!

As Onze Regras Satânicas da Terra:

- 1) Nunca dê opiniões e conselhos, a menos que seja perguntado.
- 2) Nunca conte suas dificuldades aos outros, a menos que esteja certo de que eles querem ouvi-las.
- 3) Quando no lar de outrem, mostre-lhe respeito ou nunca vá lá.
- 4) Se um convidado em seu lar lhe ofende, trate-o cruelmente e sem piedade.
- 5) Nunca faça avanços sexuais, a menos que você receba o sinal de acasalamento.
- 6) Nunca apanhe o que não lhe pertence, a menos que seja um peso para a outra pessoa e ela implore para ser ajudada.

- 7) Reconheça o poder da mágica se você a tem empregado com sucesso para obter os seus desejos. Se você negar o poder da mágica depois de tê-la evocado com sucesso, perderá tudo o que obteve.
- 8) Nunca se queixe de nada de que não necessite para si.
- 9) Nunca moleste crianças.
- 10) Nunca mate animais não-humanos, a menos que seja atacado ou para comer.
- 11) Quando caminhando em território aberto, não aborreça ninguém. Se alguém lhe aborrece, peça-o para parar. Se ele não parar, destrua-o.

Os textos são auto-explicativos, contudo a 11^a. regra satânica da terra tem gerado algumas controvérsias, razão por que passo a explicá-la. A destruição mencionada na chave é, acima de tudo, a completa ostracização do microcosmos do ser, e não se refere necessariamente à destruição física, a não ser que tal seja imperativo para a própria sobrevivência. Uma forma de destruição sutil é quando alguém tenta caluniá-lo em seu local de trabalho (um território aberto) e, instado a desistir, prossegue no intento vilanesco. Torna-se mais do que natural eliminar este aborrecimento, destruindo o agressor pela reversão do quadro, quando este é que passa a ser totalmente alijado pelos demais colegas de trabalho.

[\[1\]](#) Igreja de Satan

III

Gnose Da

Sombra

O poder das Trevas

Se alguém retirar todos os astros do universo, só permanece a escuridão. Se você fechar os olhos é a escuridão que você vê. Do mesmo modo, é no interior da terra, no seu breu, que a semente tem tranquilidade para se desenvolver. É no interior do útero materno, bem escuro, que o feto se desenvolve em segurança. É neste segredo, neste silêncio, neste vazio, nesta escuridão, que as coisas acontecem. Na realidade, a luz só existe para confirmar a existência das trevas.

Se você fecha os olhos, a escuridão está lá. Contudo, ela é mágica. Pouco tempo depois, você começa a perceber umas luzes, algumas formas, pode até ouvir vozes, começa a ocorrer a recriação do seu cosmos interno.

As trevas universais têm recebido inúmeros nomes, dependendo do enfoque. Só para citar alguns:

- em Qabalah, fala-se no Ain Soph Aur, luz negra ilimitada, de onde surgem todas as emanções
- em Thelema, menciona-se Nuit, como o imenso negrume criativo do universo, a consciência absoluta
- em ensaios junguianos, trabalha-se com a Sombra, esta parte reprimida no interior humano, que se traduz num potencial altamente criativo

Na escuridão da noite, ninguém vê a pessoa, ela permanece oculta. Daí o arquétipo da cor negra estar associado à neutralidade, proteção, e não ao *mal* que os adeptos das religiões *divinas* sempre lhe atribuíram. Como o verde é a imagem da rica variedade da natureza, vincula-se à idéia do dinheiro. O vermelho é sempre sinal de fogo na mata, logo é usado nas placas sinalizadoras de atenção ou perigo, como o semáforo do trânsito impondo a parada obrigatória do veículo no sinal. Afinal, um incêndio florestal é sempre perigoso, bem como uma batida no trânsito.

Uma planta só nasce, porque as suas raízes estão ocultas dentro do solo, no útero de Gaia, a mãe Terra, à espera do sêmen representado pela chuva. Na realidade, a semente é um óvulo e a chuva, o espermatozóide. É neste segredo, neste útero debaixo da terra, nesta sombra, que ela cresce. Quando a árvore cresce e você colhe os frutos, é também na sombra que vai sentar para comê-lo, e não sob o sol escaldante. A sombra refrigera!

Alguém está com uma meta na mente. Empolgado, conta a todo mundo indiscriminadamente: família, amigos, desconhecidos... Com certeza vai malograr, porque dissipou toda a energia que devia ser guardada através do silêncio. Às vezes, conversar com algumas pessoas que estão no mesmo barco, que podem cooperar, ajuda. Não obstante, este não é o caso na maioria das vezes, então inúmeras interferências ocorrem, bloqueando a realização do objetivo pretendido. O silêncio é substancial, possui uma força enorme e sempre lhe ajuda. O segredo é a sombra que lhe protege. A sombra é a chave. Se você não possui a compulsão de revelá-lo, as chances estarão a seu favor.

O satanista busca guardar segredo. Revelar sua intimidade, projetar suas reações em nada acrescenta e só traz transtornos. Primeiro, porque a grande maioria das pessoas está preocupada com os seus próprios problemas e não se interessa pelos dos outros, a não ser hipocritamente. Em seguida, porque a maioria vai sentir inveja da sua meta e, conseqüentemente, lhe enviar cargas perniciosas. Depois, quando um segredo permanece com a pessoa, o poder é seu; se revelado, o poder passa às mãos dos outros: tudo pode acontecer.

S., uma amiga minha, pelo simples fato de gostar de ler histórias de vampirismo, teve a sua casa cercada por evangélicos armados de cruz, estaca e alho. Fico pensando: Será que eles achavam que se tratava de uma vampira igual às das lendas do Conde Drácula? Portanto, se você é satanista, evite revelar sua condição, a não ser no meio de pessoas muito íntimas, com mente sadia, ou entre os irmãos da nossa doutrina. Se sair por aí como um *poseur*, arrumará uma miríade de complicações, talvez alguma realmente grave. Os grupos e ordens da via esquerda não se deixam entrevistar facilmente pela imprensa, pois os membros primam pelo

anonimato, de forma a preservar a sua vida pessoal, diante de parentes, amigos, vizinhos, colegas de trabalho. Não se esqueça de que a massa é ignara em relação a tais assuntos e, portanto, adversa. Acrescento também que o fanatismo cega até as pessoas mais inteligentes.

Para possuir autocontrole, basta uma vara mágica chamada amor-próprio. O amor-próprio afasta qualquer tipo de compulsão, como os vícios. Nenhum vício pode sobreviver diante do amor-próprio, contudo é difícil tê-lo. Todo o sistema atual se baseia na renúncia de si mesmo. Se você vive rejeitando o seu ser, porque é pecador, então nunca terá amor-próprio e, mesmo que não saiba, sempre trabalhará contra si. Esta é a essência do instinto de *tanatus*, de que Freud falava, ou seja, do instinto de morte.

Infelizmente, os primeiros padres, associando o pecado ao instituto da confissão, impedia que houvesse qualquer segredo contra a Igreja. Não se pode olvidar que os dogmas religiosos tinham o poder de lei. Na natureza, todos os animais utilizam o segredo, a escuridão, espontaneamente. Nela não há pecados, não há doenças, frutos do *stress* causado pela sociedade humana. O animal se aceita totalmente. De que adiantam as virtudes, se seus defeitos estão prontos para lhe engolir num momento de fraqueza? De que adianta uma cidade toda iluminada, se surge um *black out* e ocorre uma onda de vandalismos e assaltos?

Se você já fez algum tipo de meditação, é na sombra interna, no sossego do seu quarto, que você busca os *insights*. É impossível esta comunhão consigo mesmo sem passar pelo caminho da matéria. Precisa primeiro relaxar o seu corpo, o seu lado terreno, para depois focalizar a sua mente num mantra ou algo similar, tudo em segredo, em silêncio. Se algum ruído externo, como uma conversa, estiver presente, então apenas o seu tempo será gasto.

Imagine um depósito entulhado de lixo. Se você quiser fazer dele a sua morada, dificilmente ficará satisfeito se, antes, não jogar muita coisa fora e depois der uma limpeza em regra neste ambiente. Contudo, se você reparar a sua vida, é bem provável que esteja passando por isto neste momento. Há muito lixo nela e é praticamente impossível retirá-lo ou limpá-lo, mas... por quê? Porque a opinião dos outros já tomou conta de você. Cada ato que você tenta realizar, sempre surgem os apólogos da contradição. Pense bem: a vida é sua! Se você é realmente livre, respeita a esfera dos outros e impõe respeito à sua. Ninguém deve lhe dizer como conduzir a sua vida, a não ser você mesmo.

Mesmo não existindo a morte, talvez você só passe uma vez por aqui. Gostaria de voltar ao Éter como um fracassado ou como um vencedor? A opção continua sendo sua.

É preciso viver no sistema, na sociedade, mas sem ser manipulado. Você pode trabalhar, estudar, se divertir, amar, fazer as coisas do dia-a-dia, e, ainda assim, preservar-se das mil ilusões e cadeias que existem por aí. Exemplo: você lê um artigo de propaganda e sente compulsão de comprar uma roupa nova, que está na moda. Pergunte sempre a si mesmo: isto é necessário para mim ou estou apenas sendo induzido pelo sistema? Vai me trazer problemas futuros? Cuidado com a propaganda, ela é um dragão que se alimenta de pessoas. Este dragão trabalha usando a linguagem subliminar, que penetra na camada escura da sua mente, passando a lhe dominar. O fenômeno é cíclico, acompanha as estações. É óbvio que você deve comprar roupas para se sentir bem, dar expressão à sua vaidade pessoal, mas não porque o sistema está lhe impondo isto. Seja sempre Sua a opção!

A parte clara da sua mente você conhece: é revelada pelos pensamentos e hábitos usuais, razão por que ela é chamada Consciente. A parte mais profunda, o Inconsciente, é mais difícil de ser contactada. Ocorre este encontro através dos sonhos, do hipnotismo, da meditação ou em situações peculiares. No entanto, ela está sempre presente, você está sempre projetando tudo no mundo ao seu redor. Permanece oculta apenas aparentemente. É preciso eliminar os limites entre o consciente e o inconsciente, ainda porque estes limites também são ilusórios.

Na formação do ego, desde a mais tenra infância, os pais, a escola, a religião começam a moldar a personalidade de mil e uma maneiras. A repressão de certos comportamentos e o condicionamento de certas atitudes são importantes para a própria segurança da criança e de quem está a seu redor. Se um garoto fica

com vontade de atirar uma pedra numa vidraça, deve-se evitar que tal aconteça, pois a sua falta de maturidade acarretará problemas.

Contudo, as repressões tornam a sombra uma espécie de arco retesado, quando menos se espera vêm à tona, dispara a flecha, muitas vezes de forma errada. Por outro lado, a sombra é extremamente criativa, razão por que é utilizada nos rituais satânicos de forma a mudar eventos de conformidade com a vontade do mago. Lembre-se: é necessário trabalhar sempre a sombra primeiro: o resto é a porta, por onde você vai entrar. Descubra a sombra, guarde segredo e, se estiver atento, uma porta estará aberta para você, em direção ao seu objetivo. O segredo é saber que a escuridão é sempre luminosa.

Este é o momento de trazer à baila duas definições. A primeira é a de arquétipo, extraída de um livro^[1], que é coletânea de psicanalistas junguianos sobre a evolução humana através do trabalho com a Sombra: “Os arquétipos são estruturas inatas e herdadas no inconsciente – ‘impressões digitais’ psicológicas - que contêm características formadas de antemão, qualidades pessoais e traços compartilhados com todos os outros seres humanos.” Eles são forças psíquicas vivas dentro da psique humana. De acordo com o *Critical Dictionary of Jungian Analysis*, ‘Os deuses são metáforas de comportamentos arquetípicos e os mitos são representações arquetípicas’. O decurso da análise junguiana envolve uma percepção crescente dessa dimensão arquetípica da vida de uma pessoa.

Outra definição importante é sobre a egrégora, que foi retirada de uma página da *Internet*, cujo autor é Alexander Rhamanna Ferritt. Infelizmente, perdeu-se o endereço da página. “Egrégora poderia ser definida como uma energia resultante da união de várias outras energias. A nível de exemplo, podemos citar o amor de um núcleo familiar, a energia que mantém uma família unida. Caso essa egrégora fosse dissipada, a família se dissiparia, pois não haveria identificação entre seus membros. Não haveria, assim, vínculo entre eles.”

De certa forma, os dois conceitos estão interligados: enquanto arquétipo impera no nível mental, egrégora o faz no nível emocional. Ambos emanam do logos, que é a consciência cósmica.

[1] Ao Encontro da Sombra, org. Connie Zweig

A sombra como via transformadora

A sombra é a parte rejeitada da personalidade em benefício de um ego ideal. Este ego ideal é aquilo que realmente o ser humano aprecia e quer mostrar a sociedade. Não obstante, se uma parte de nós é reprimida, ela se locomove para o inconsciente e, então, torna-se hostil. Por outro lado, a sombra é extremamente vital e criativa, mágica mesmo. Ela contém não só a nossa porção infantil, problemas emocionais, repressão neurótica, mas também nossos dons não desenvolvidos. Por fim, a sombra também possui aspectos *positivos*, que, por alguma razão, não se desenvolveram de forma adequada, ou seja, que não atingiram o nível da consciência.

O maior enfoque satânico no trabalho com a sombra está nas palavras do psicanalista junguiano Erich Neumann: “O self fica escondido na sombra; ela é a guardiã dos portais, a guardiã da entrada. O caminho para o self é através dela; por trás do aspecto escuro que ela representa esta o aspecto da totalidade, e é só fazendo amizade com a sombra que ganhamos a amizade do self.” Este é o sentido mais profundo, religioso, em que o homem estabelece contato com o centro divino inerente a si mesmo. Jung já dizia que “Uma pessoa não se torna iluminada ao imaginar formas luminosas, mas sim ao tornar consciente a escuridão. Esse último procedimento, no entanto, é desagradável e, portanto, impopular”.

O segundo enfoque é que todo o conjunto representado pela sombra traduz o poder oculto do lado obscuro da natureza humana. O método de trabalho com a sombra, como via de transformação, traz as seguintes vantagens:

- Estabelecer a auto-aceitação total, baseada no autoconhecimento.
- Trabalhar o lado *negativo* de forma produtora
- Eliminar qualquer senso de culpa em relação à aceitação desse lado *negativo*
- Reconhecer as projeções em cima de terceiros, como espelho de si mesmo
- Tornar-se mais autêntico, mais íntegro, mais centrado no cotidiano e, por via de consequência, um ego sadio
- Extravasar o riso e a alegria, que conduzem a uma forte personalidade
- Revelar os talentos ocultos no inconsciente
- Liberar toda a energia reprimida
- Conduzir adequadamente o sexo *oposto*, dentro de si
- Usar a imaginação criativa em todos os aspectos da vida, inclusive a arte da magia, o estudo do sonho e a eliminação da ilusão
- Permitir o acesso às experiências transpessoais mais profundas

O constante combate do ser humano com a sombra, através da sua força de vontade, apenas joga energia ao inconsciente, de onde ele se manifestará de forma pernicioso, compulsiva e projetada. A razão é que a sombra representa padrões energeticamente carregados e esta energia não pode ser simplesmente detida pela vontade e, se pudesse, converter-se-ia numa espécie de água estagnada, mortífera. É necessária uma recanalização, transformação ou absorção, o que impõe a aceitação e a percepção da sombra como via de desenvolvimento pessoal. Jung já dizia que *nenhum complexo é patológico por si*, ou seja, qualquer complexo só é patológico se está oculto ao ser humano, pois passa a lhe dominar.

Tudo o que veementemente acusamos ou aceitamos nos outros, bem como os atos falhos, sintomas de vergonha ou culpa etc. são pistas para o reconhecimento da sombra.

Um ego forte não é ególatra. Na verdade, a egolatria é sinônimo de ego fraco. O ego forte possui um relacionamento adequado tanto com a sombra, quanto com o Self. O ego nunca é diminuído no processo de integração, apenas se torna menos rígido, mais volátil. A individuação só ocorre com um ego forte.

Diz a obra^[1] que “Ajudar os filhos a se desenvolver corretamente a esse respeito, no entanto, não é nada simples. A pregação moralista por parte dos pais, da igreja, da sociedade etc., geralmente é ineficaz ou até mesmo perigosa. De muito maior importância é o tipo de vida que os pais realmente levam e o grau de honestidade psicológica que possuem. A pregação moralista por parte dos pais hipócritas é mais do que inútil.” Continuando... “Quando a criança fica furiosa com seu irmão, talvez uma atitude do gênero, ‘Eu entendo que você esteja furioso com seu irmão, mas você não pode jogar uma pedra nele’, possa encorajar a criança a desenvolver a repressão necessária sobre seus instintos e afetos mais violentos, sem se afastar do seu lado escuro.” Isto também evita o problema da sombra *branca* ou *positiva*.

O problema de a pessoa fixar-se única e exclusivamente na sombra seria o mesmo que criar uma sombra *branca*, neste caso o lado *bom* é que seria reprimido, enquanto o lado *mau* seria expresso pelo ego. Tal situação decorre principalmente por estados patológicos na infância, que levaria a uma personalidade psicopática. A pessoa se torna uma espécie de Mr. Hyde sem o Dr. Jekyll. Então, o *mal* arrasta a si, a todo mundo à sua volta e, ao final, destrói a própria pessoa. Por esta razão é que grupos pseudo-satanistas, que se envolvem na prática de sacrifícios humanos, cultuando exclusivamente o lado *negativo*, não conseguem sobreviver muito tempo, sempre ocorre uma desgraça e o grupo se dissolve. Quando a pessoa é incapaz de valorizar o seu potencial *positivo* e se desvaloriza em excesso ou, ainda, quando é o seu próprio lado *negativo* quem toma conta da personalidade, ocorre então a chamada *sombra branca*. Neste caso, são os valores *positivos* que passam a fazer parte da sombra. Ao invés disso, o Satanismo trabalha através da aceitação da sombra, mas SEM reprimir o lado *positivo*, que já está naturalmente (ou quase naturalmente) assentado. O resultado é que o ser humano se torna mais centrado, íntegro, e permite o restabelecimento do eixo ego-Self.

^[1] Idem.

A caixa de Pandora

Diz a lenda grega que Pandora foi a primeira mulher, criada por Hefesto e provida de todos os dons. Foi enviado aos homens munida de uma caixa que continha todos os bens e todos os males. Epimeteu, o primeiro homem, abriu a caixa e tudo se espalhou pelo mundo, permanecendo no fundo apenas a esperança. Como Satanismo não trabalha com esperança, e sim com certeza, vamos estudar as emoções negativas.

Reprimir emoções negativas é a maior causa das doenças psicossomáticas, que muitas vezes explodem da pior forma possível. O que fazer com elas então?

Por exemplo, o medo. O medo serve normalmente como um alerta para algo de errado que está acontecendo, para uma situação de risco, ao mesmo tempo em que injeta adrenalina no corpo para fazer frente ao perigo. Segundo Sharyn Wolf, "Todos os organismos buscam a homeostase, um senso de equilíbrio interno. Qualquer estímulo inesperado representa uma perturbação do nosso senso de equilíbrio. É por isso que se pula ao ouvir um ruído desconhecido." Esta é a razão do medo. A outra hipótese ocorre quando você sente medo sem motivo aparente. O mais provável é que você esteja captando o medo de outra pessoa. Então, se você olhar ao redor, é quase certo que perceba quem realmente está temeroso. Este exemplo pode ser aplicado a quaisquer tipos de cargas emocionais, pois elas não se limitam ao espaço do corpo físico - e o livra da irracionalidade do medo, pois você cada vez mais percebe que ele é seu aliado, um sinal de alerta pessoal.

Há muito tempo atrás, indo para a casa do meu pai na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, peguei um ônibus à noite, debaixo de forte temporal. O motorista estava correndo muito e confesso que fiquei apavorado, pois devia estar a uns 120km/h, em plena Avenida Brasil. Se pudesse, com certeza teria saltado, pois tamanha velocidade debaixo de um aguaceiro não passava de uma imensa estupidez e nunca tive pendor para me tornar gratuitamente candidato a defunto. Numa situação em que não havia saída alguma, resolvi descartar o incômodo do medo. É óbvio que tentei desviar a atenção, mas isso nunca funciona, a não ser que o medo esteja no início ou seja muito pequeno. O motorista, de alguma forma, conseguiu captar a lástima emocional em que me achava e corria cada vez mais. Fiquei sumamente irritado e impotente com a situação, mas tive uma idéia. Se não adiantava combater o medo, então era melhor estudá-lo, poderia ser útil no futuro. Em vez de sufocá-lo, passei a confrontá-lo pessoalmente. Foi terrível, pois parecia estar dando chance a ele de tomar conta de mim, cresceu substancialmente, a ponto de chegar a um inferno insuportável. Ainda assim o aceitei, prestando atenção a ele em todos os sentidos, até que, num dado momento, ele simplesmente desapareceu. Pensei, então, com os meus botões... *Agora esse calhorda do motorista pode correr quanto quiser, não estou nem aí...* O engraçado é que o condutor do ônibus simplesmente reduziu a velocidade para uns 40km/h, e o restante da viagem ocorreu normal. Este fato me ensinou uma importante lição.

A SOMBRA SÓ É SUA INIMIGA SE VOCÊ A REJEITA. SE VOCÊ A ACEITA, ELA SE TORNA SUA ALIADA.

Se você está triste, saiba que a tristeza é uma tremenda energia inspirativa. Use-a para escrever poesias ou pintar quadros. Solte toda esta agonia do êxtase que jaz dentro de si. Se está com raiva sem motivo, empregue-a para arrumar a sua casa, aquele afazer que sempre relegou a segundo plano, ou então use-a como garra para vencer uma competição. A raiva é uma tremenda energia de vontade, não a reprima, nem a desperdice inutilmente. A angústia é uma grande energia purificadora. Quando você aceita a angústia, ela queima a causa e, quando chega o momento do fato *ruim*, ele nunca acontece.

Contudo, se reprime as suas próprias emoções, elas se voltam contra você! A natureza sempre se vinga, esta é uma das suas leis. Basta ver o que está acontecendo com a Terra nos dias atuais, com secas onde antes existia vegetação, rios se transformando em esgoto etc. etc. Um dos pecados satânicos é a restrição ou repressão. Tudo que é reprimido volta à tona de forma violenta, porque precisa sair e, nestes momentos, é que os atos mais insanos são cometidos.

Vou citar outro exemplo. Num Carnaval, há uns anos atrás, senti uma dor de dente muito forte, por volta das 22h. Com a onda da AIDS marejando por aí, nem pensar em buscar um hospital público. Apliquei um método

que já tinha dado resultado comigo anteriormente, que consistia em apertar um ponto da Acupuntura nas mãos. Certo de que a dor passaria em 5min, foi o que fiz. Nada adiantou. Então, apelei para uma meditação eficaz no combate a dor. Nada feito. Veio-me, então, à mente, uma singela idéia. Resolvi aceitar a dor. Visualizei um monge vestido de negro, cumprimentei-o e o convidei a permanecer comigo. Disse a ele: *Olha, Dor, sei que todo mundo a repudia, mas convido-a a permanecer comigo. Uma noite sem dormir não é tão mal assim.* Continuei a conversar com o monge, me tornando um perfeito anfitrião, não só o recebendo cordialmente, mas convidando-o a permanecer comigo. Em dado momento, a dor simplesmente sumiu e não retornou até o final do Carnaval, quando finalmente resolvi procurar um dentista da minha confiança. A dor sempre deve ser aceita como amiga, pois ela lhe avisa de algo errado. Muitas vezes, a dor também é necessária, quando, por exemplo, você sente coceira ou alfinetadas no peito por causa de gases. Pessoalmente, nunca a combato, coçando o corpo ou apertando o peito e, sinceramente, em pouco tempo some. Eu simplesmente A aceito.

Outro exemplo é a menstruação. Citando Levítico 15:19, “Quando uma mulher tiver o fluxo menstrual, e o fluxo de seu corpo for sangue, ficará sete dias na impureza da sua menstruação, e qualquer que a tocar será imundo até a tarde”. O petardo bíblico continua citando inúmeros tipos de impureza relacionado com o mênstruo da mulher. É fácil concluir que, após dois milênios deste tipo de vituperação, a mulher sinta dores de cabeça, cólicas, irritações e outras anomalias como conseqüência de algo que nada mais é que uma expressão natural de seu próprio corpo. A todas as mulheres que aconselhei ver o fluxo menstrual como algo benfazejo e aceitá-lo plenamente, as conseqüências doentias logo se afastaram. O mesmo acontece em relação ao puerpério, pois, no mesmo texto, em 12:1, “Se uma mulher conceber e tiver um menino, será imunda durante sete dias”, agravando-se para duas semanas, se for menina (12:5). Pelo fato de a gravidez ser mais complexa, há muitos casos de mulheres acometidas pela loucura imediatamente pós-parto. Se há explicações psicológicas para tal doença, não se pode olvidar que tais textos religiosos em muito contribuem neste contexto. Tanto a menstruação quanto o parto são apenas funções naturais. A partir do momento em que se incute a noção religiosa o resultado é o que se vê neste parágrafo.

Não é fácil controlar as emoções, principalmente porque as emoções não são para serem controladas, mas canalizadas. Quem pratica artes marciais sabe que a maior razão da sua existência não é a simples defesa contra um possível inimigo, mas dar vazão a toda a agressividade que há dentro de si. O problema não é ser agressivo, mas a forma como se usa a agressividade. Quando chega a hora de uma luta real, muitas vezes se consegue vencer sem lutar.

Quem é tímido, pode, por exemplo, fazer um curso de teatro, onde poderá dar sentido às suas emoções e, assim, tornar-se mais seguro de si, pondo para fora toda a expressão do seu ser tolhido pelas repressões. Muitas vezes, uma emoção *negativa* é a forma como sua própria natureza se comunica com você, revelando algo que precisa ser trabalhado e transformado.

Um pequeno adendo acerca da timidez. Conversando com A., uma amiga minha, disse-me que sempre sentia-se tímida quando surgia em novo ambiente, como numa escola ou local de trabalho pela primeira vez, em que não conhecia ninguém. Perguntei-lhe acerca dos grupos antigos, como no clube, no colégio anterior e outros, se tinha dificuldades em seus relacionamentos. Respondeu-me negativamente, pois não sentia timidez alguma com pessoas conhecidas. Expliquei-lhe que a timidez servia-lhe para evitar que se abrisse completamente com pessoas ainda desconhecidas, que não era necessário comportar-se extrovertidamente logo de início, e sim seguir sua *real natureza*, pois este estilo de ser, assinatura pessoal, essência íntima, que combina aspectos externos e internos de Si, é que realmente lhe daria poder em quaisquer situações, inclusive as *novas*. A. saiu satisfeita de nossa conversa e nunca mais reclamou de sua timidez, pois aprendeu a usá-la produtivamente.

Faço um parênteses aqui. O Satanismo não se preocupa com a evolução e sim com a transformação ou absorção. Na evolução só se junta mais tralha; na transformação, jogam-se as tralhas fora. Portanto, quando for empregado o termo evolução, o Autor refere-se ao trabalho cumulativo na ilusão do campo físico dual.

Jamais negue a si mesmo! Jamais reprima o que sente! Uma raiva genuína é mais bela do que um sorriso hipócrita! Apenas conduza o que sente de uma forma inteligente. O primeiro passo para lidar com as emoções

é aceitá-las, sem repressão, e utilizá-las de modo adequado. Lembre-se, uma faca pode ser usada por um cirurgião ou por um assassino.

Contudo, jamais vire a outra face, se for agredido. Responda à altura, porque a autodefesa e a sobrevivência são leis naturais, fazem parte da sua natureza. O ponto de partida é onde você está, é você mesmo. Se você não ama a si mesmo, como pode amar mais alguém? Ame a si e a quem o ama, e odeie os seus inimigos!

A plena satisfação do ego

De acordo com a Psicanálise, Ego é “A parte mais superficial do id^[1], a qual, modificada, por influência direta do mundo exterior, por meio dos sentidos, e, em consequência, tornada consciente, tem por funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante seleção e controle, de parte dos desejos e exigências procedentes dos impulsos que emanam do id”.

Uma pessoa esclarecida busca a plena satisfação do ego, pela simples razão de que ego enfraquecido, subserviente ou ególatra, não leva a lugar algum. A idéia de ausência de desejo levar à iluminação é uma falácia. Quem não tem desejo algum é um vegetal. Até o desejo pela iluminação já é outro desejo.

E, nas coisas mundanas, vence quem tem ambição. Pode chamá-la de "força de vontade" ou "pensamento positivo", mas não passa de um eufemismo idiota para ambição, ou seja, para não chocar os melindrados da vida. Então, o satanista não reprime os seus desejos, mas os orienta com liberdade e responsabilidade simultaneamente. Digo mais, uma pessoa realmente livre também é responsável.

O maior pecado satânico é a estupidez. Se você pratica exclusivamente o "faze o que tu queres" de Thelema, sem consciência, chegará a situações ignomínias de aceitar, por exemplo, a prática de um estupro como exercício da *verdadeira vontade*, quando não passa da satisfação criminosa de um mero desejo, chocando com a órbita de outra estrela, em vez de fluir na sua própria. Na verdade, não passa de uma pessoa dominada pelos impulsos.

O problema é que desejo não se confunde com vontade. Desejo opera em nível de ego, enquanto vontade em de Self. Em outras palavras, o ego é uma pálida expressão do Self. Então, você tem de conduzir o ego, e não ser conduzido por ele. Conduzir não significa reprimi-lo, mas trabalhá-lo na direção adequada. A partir daí, é possível abrir a sua fonte interna, como é o caso de poetas que obtém a sua inspiração para escrever. Algumas pessoas dizem que a vontade é objetivo e o desejo objeto. O desejo é um reflexo da vontade. Citando um exemplo pobre, comprar um carro é desejo, dirigi-lo é vontade, pois aí está a expressão do ser. O ego é uma espécie de interface necessária neste plano dual. É um meio, não um fim. O ego é a forma pela qual o Self se manifesta, posto que imperfeita, devido aos problemas do plano físico. Esta também é a razão pela qual é difícil alguém que alcançou a experiência máxima relatá-la segundo a linguagem usual.

Se alguém quer viajar à Europa e não possui condições para tanto, pode satisfazer o seu ego lendo umas revistas sobre os países que desejaria visitar. Será tremendamente prazeroso se imaginar em tais lugares e abrirá uma possibilidade para que a viagem realmente aconteça, afinal todo intento persistente, livre da ânsia de resultado, age de forma a perseguir o objetivo pretendido.

Finalmente, desejo fraco não serve para nada, muito menos para a realização da verdadeira vontade, e sim desejo forte, pleno, realizado, consciente e responsável. A plena realização do ego faz parte do cotidiano do satanista!

[1] Id é a parte mais profunda da psique, receptáculo dos impulsos instintivos, dominados pelo princípio do prazer e pelo desejo impulsivo.

O fator medo

O medo é considerado, ao par do amor e do ódio, um dos maiores fatores de motivação humana. Apesar de ser considerado uma emoção “negativa”, mereceu um capítulo à parte, pela sua evidente importância. Medo, pelo Novo Dicionário Aurélio, é um “sentimento de grande inquietação ante a noção de um perigo real ou imaginário, de uma ameaça”.

Em primeiro lugar, o medo é enfocado como um sinal de alerta em relação ao perigo eminente. Neste sentido, é salutar e produtor, porque despeja adrenalina no ser vivo e, com isso, a energia necessária para fazer frente a uma situação de perigo. Uma pessoa perfeitamente integrada sabe que o medo é funcional e não se torna escravo de sua atuação, conjuga-o mesmo a seu favor.

Se o perigo é futuro, a solução vista noutro capítulo de aceitá-lo torna-se um coadjuvante poderoso na extinção do problema, não apenas pela mudança de paradigma emocional, quanto pela recepção de idéias importantes e necessárias. A repressão ou a fuga só servem para fortalecê-lo, e certamente o problema, antes imaginário, tornar-se-á plenamente real. Além disso, será um constante foco de estresse, podendo, daí, originar até mesmo uma depressão. Um parêntese aqui: depressão é uma doença que difere do estresse, devendo ser tratada por alopatia. Estresse, na maioria das vezes, é momentâneo ou provisório.

Noutro caso, o medo também se apresenta pela sintonia com outro ser. Fulano, ao entrar num recinto cheio de pessoas, sente medo sem causa aparente. Das duas uma, ou é também um sinal de alerta inconsciente (por exemplo, devido à presença de um inimigo), ou está simplesmente captando o medo de outra pessoa. Na segunda hipótese, torna-se plenamente possível perceber quem é o emissor da emoção, e isto serve como indicador do estado sentimental de tal pessoa; neste caso torna-se útil, se não houver a ilusão de que a fonte é o próprio Fulano. Infelizmente, muitos sensitivos, por não conhecerem esse processo, passam uma vida miserável, agrihoados ao medo. Refutam mesmo seus dons, achando que só lhe trazem problemas.

Às vezes, o medo surge como subproduto de uma egrégora. É o que acontece em inúmeras religiões, que constroem o medo artificial, de forma a envolver e escravizar seus seguidores. Daí se falar em “ira de Deus”, “salvação do inferno”, “reencarnação purgativa” e demais anátemas. Uma determinada religião outorga-lhe o medo e, com isso, controla sua vida. Leva-o a agir de modo antinatural, inversamente à sua índole, pelo medo das possíveis conseqüências que advirão, diga-se de passagem conseqüências absolutamente falsas, pré-fabricadas com o único escopo de lhe tolher. É o processo de automação do ser humano.

Por outro lado, o constante temor é uma espécie de imã, capaz de atrair situações nefastas. Uma pessoa está passeando de bicicleta, repentinamente vê um buraco e sente medo. Logo em seguida, cai no buraco. Coincidência? Não, o temor atraiu a situação. Observe que tal temor, quando conscientemente percebido como um aviso, não irá *atrair* o buraco; é a fixação no medo, quando este assume o controle, que atrai o fato funesto.

O medo é usado por vários estrategistas como forma de manipulação e logração de objetivos. Robert Greene cita: “Mantenha os outros num suspense terrorífico; cultive um ar de imprevisibilidade.” Muitos magos usam o medo na magia manipulativa. Poucas pessoas sabem lidar com o medo, portanto é um grande aliado para conseguir o se quer. Já dizia Miguel de Cervantes que “quem perde sua coragem, perde tudo”. Observe que pessoas medrosas são facilmente manipuláveis. Basta criar o medo e sua possível solução, esta dependente da vontade do manipulador, que aquiescerá após ter obtido seu intento. O covarde fará tudo para sair da situação desagradável em que se acha, dando como paga a própria liberdade; esquece, contudo, que se tornou um escravo, que o chantagista usará o mesmo método sempre que lhe aprouver, sem nenhum remorso ou peso na consciência, típicos, aliás, dos fracos de propósito. Como todos possuem seus pontos frágeis, o medroso facilmente escaparia das malhas da chantagem emocional, contudo o raciocínio embotado e a emoção vilipendiada não lhe permitem enxergar com clareza.

Quanto ao satanista, sabe que o medo é sempre seu aliado, e não se deixa enredar pelas maquinações de terceiros, dando a paga na mesma moeda. Se incute o medo em terceiro, fá-lo para lograr um objetivo

necessário segundo sua óptica, para se defender de um perigo ou obter algo importante. Um satanista não é um vampiro psíquico, mas não se deixa conduzir por moral alguma. Usa o medo conforme sua vontade e depois o descarta. E, se alguém deseja ser escravo em/de determinada situação, nada mais sábio que a fórmula crowleyana que *o escravo servirá*, mas que sirva consciente de sua condição de ser inferior, dependente e não-emancipado, coisa que as religiões “divinas” usaram e abusaram em proveito próprio, mas sem nunca tornar o *escravo* consciente de sua condição.

IV
O Plano
Astral

O manto de carne

A vida é um rio infinito, não existe a morte, que seria a negação da vida, pois a dualidade só aparece no mundo da matéria. O éter, o espírito, o Self ou a essência está livre antes de encarnar e depois de desencarnar, bem como no estado de sono profundo, que é igual à morte.

Os cinco sentidos físicos são as portas da matéria. Quando se dorme profundamente, ou está morto, estas portas se fecham e resta apenas a essência pura. No estado de sonho, quase vigília, um ou mais de um sentido intervém no sono, o que leva a pessoa a ter sonhos correlacionados com o que acontece à sua volta. Por exemplo, se você sonha que está em Portugal, entrando numa taverna e bebendo vinho verde, é bem provável que adormeceu com o rádio ligado e esteja tocando um fado. Se você comeu uma feijoada e sonha que um monstro está devorando o seu estômago, é bem capaz de estar tendo uma baita dor de barriga, e quase acordando.

Já no sono profundo, as imagens do inconsciente estão envolvidas na forma do sonho. Há mensagens que deveriam ser estudadas, mas o vulgo sempre as relega a segundo plano. Tais mensagens devem ser analisadas por signos lingüísticos,[\[1\]](#) ou por estruturas eso/exotéricas consolidadas[\[2\]](#). Na verdade, é a essência pura da sua natureza se manifestando, que não se relaciona com o bem e o mal, pois este ficou no campo da matéria, essa dicotomia não existe mais, é só consciência pura, a expressão do ser é agora livre. Ninguém é julgado pelo que sonha!

Você está viajando de navio, é um mergulhador, tem que ir até as profundezas do oceano. O que faz? Coloca um escafandro, é claro, pois não sobreviveria sem a roupa adequada naquele meio ambiente. Se você precisa viajar até a lua, uma roupa espacial ficará bem, mas você não é a roupa. O mesmo ocorre com a vida. Se você está no Éter e quer vir à Terra, precisa de um manto de carne, uma espécie de escafandro, que servirá à sua viagem até aqui. A gestação nada mais é do que a confecção da sua roupa, do seu equipamento, do seu escafandro. É óbvio que você não usa esta roupa interminavelmente, você precisa de ar puro, fazer suas necessidades etc. Para isto existe o sono, que lhe permite se reconectar à sua fonte original, para alimentar-se dos arquétipos necessários à iluminação do seu cotidiano na Terra.

Quando um casal pratica sexo, cria um vórtice imenso, que é uma profusão de energias, que atrai alguém por alguma questão de afinidade. Há uma trindade com dois aspectos materiais e um terceiro imaterial. Os materiais são o espermatozóide fundindo-se no óvulo. Contudo, se não houvesse o terceiro aspecto, o do ser, a criança simplesmente nasceria inerte, ou seja, um boneco fenecido. Após o nascimento, a pessoa começa a sofrer uma dura influência do meio e rapidamente esquece as suas origens. Infelizmente, pouco há que possa incentivar a sua lembrança, uma vez que passa muito tempo como bebê, ao contrário dos outros animais. Assim que aprende a falar, todo o sistema sócio-religioso começa a lhe corromper, levando a criança a aceitar coisas que nunca foram fruto da sua experiência própria e direta. Afasta-se por completo do seu estado original, passa a viver numa imensa ilusão.

Como chegou até este plano físico, poderia chegar noutra dimensão qualquer, totalmente desconhecida, da qual não se pode ter nenhuma idéia, por mínima que seja, dadas as limitações estruturais deste plano. É de se imaginar algo sem os limites impostos pelo binômio tempo-espço, ou um fator quadridimensional, amorfo, possibilidades impossíveis de se prever nas condições atuais.

Alguns dos sonhos mais *loucos* podem ser uma pista para uma outra dimensão, talvez até mesmo lembrança, pois não existe limitação alguma no plano astral, nem mesmo a do já citado binômio tempo-espço. A vida física seria então um sonho congelado, na pior expressão (e não menos verdadeira) do termo. Se refletir com calma, verá que tudo não passa de sonhos, mas não confunda sonho com ilusão. A vida é toda repleta de sonhos e ilusões, o funil que filtra um do outro traz toda a diferença.

Quem não sonha à noite (muitos pensam que não sonham, apenas não se lembram), ficando acordado vários dias, acaba por ficar esquizofrênico (começa a ter visões) ou morrer, já que a essência pura sempre reclama um retorno periódico e pleno a si. Seria a cruz corretamente interpretada como a união do plano astral com o plano físico, uma espécie de porta de mão dupla, pois também passa a ser uma chave de meditação, que estaria ao par do sono profundo e da morte. Por fim, a vida física é uma barragem no rio da vida eterna, o que não significa que o rio deixe de correr.

Se você leva a sério os seus sonhos, anota eles, quando acorda de madrugada, para depois relembrá-los com mais clareza, certamente já possui um *insight* dos mesmos. Passa a ser fácil o controle da própria viagem astral, através do sono. Você se sintoniza cada vez mais com a sua essência pura e os ensinamentos da sua natureza passam a fluir em sua direção. Nada na vida é fútil, por que os sonhos seriam? Na verdade, eles são a resposta, a chave de tudo o que acontece, infelizmente o homem nunca lhe deu o seu merecido valor. Torna-se imperioso o estudo do plano astral, cuja essência é o de um campo onírico mais acentuado do que o plano físico, que não deixa de ter também esta qualidade.

“No sonho não existe espaço para verdade ou inverdade, para a lógica ou fantasia. No sonho está o *homem inteiro*, com tudo aquilo que ele sabe conscientemente e com tudo aquilo que ele não sabe e talvez possa não saber jamais. Se a criação e o próprio homem não são nunca outra coisa que um sonho, então esta é a sua indestrutível verdade. E tudo existe, como existe o homem. Por que existe o homem que sonha.”^[3]

Quando a pessoa morre não parte rumo ao Céu ou Inferno, ela apenas se despe definitivamente, não apenas quando vai dormir (nos dois sentidos). Daí é certamente um retorno, e não uma ida. Na verdade, há vida antes da vida, e não depois da morte. Há sempre vida, e nunca morte, pois o corpo humano não passa de um manto de carne!

O maior segredo de todas as religiões é que o homem já conquistou seu prêmio: a vida sempre foi eterna!

^[1] Jogue fora todos os manuais de sonho que você conhece. Os signos lingüísticos são estudados nas faculdades de literatura. Um bom livro é *O Signo*, de Umberto Eco.

^[2] Por exemplo, pelo simbolismo contido na Astrologia, Qabalah e Tarot, entre outros.

^[3] Extraído do livro *Lilith, a Lua Negra*, de Roberto Scuteri.

Importância do estudo do plano astral

Realmente, o melhor método de interpretação de sonhos é através de signos lingüísticos. Nenhum manual de sonhos ajuda, pois não focaliza o contexto onde se desenvolve o sonho. A pessoa tem de interpretá-los valendo-se deste método lingüístico, que também é usado na interpretação de várias obras literárias, principalmente as relacionadas ao estilo do Simbolismo.

Um sonho é similar a uma parábola. Há vários signos nele. A análise contextual por intermédio dos signos pode oferecer valiosa ajuda. Isoladamente, um signo não possui muito valor. Se alguém sonha com uma cobra, ela pode ter inúmeros significados, como a energia *kundalinica*, tentação, sedução, traição, tesão e muito mais. Deve-se analisar o contexto onde o ofídio se encaixa. Vou citar outro exemplo: Uma pessoa sonha com um incêndio, depois vê uma moça parada num semáforo vermelho, aproxima-se dela e lhe oferece uma rosa. Há três símbolos de paixão aí: o incêndio (devastação da paixão), semáforo vermelho (pedindo a sua parada obrigatória diante do objeto do seu amor) e a rosa (por demais óbvia!). Por conseguinte, o sonho provavelmente estará lhe indicando que você está apaixonado por uma mulher, ainda que não o saiba em nível consciente. Isoladamente, noutro contexto, qualquer um dos símbolos poderia ter outro significado. Mais um exemplo: certa vez uma pessoa sonhou que estava percorrendo uma estrada sinuosa e, num dado momento, o carro onde viajava rolou pela ribanceira. Quando contou o sonho ao médico, este pediu que desenhasse a estrada percorrida e onde o carro havia despencado. Ficou constatado mais tarde que a estrada era a forma do intestino da pessoa e que o problema achava-se onde o carro caiu. Na Bíblia, foi relatado o sonho do faraó, interpretado por José, sobre as sete vacas gordas e as sete vacas magras, uma premonição sobre os sete anos benfazejos e os sete anos paupérrimos por que o Egito ia passar. Os sonhos de Abraão, Nabucodonosor, Penélope, Clitemnestra, o famoso íncubus que alimentou o Santo Ofício, até os estudos oníricos efetuados por Freud e outros psicanalistas mostram a relevância do tema abordado.

Isto não ocorre apenas em nível de sonho, mas a própria natureza comunica-se também desta forma, afinal a vida não passa de um sonho congelado. Quem for sensível poderá percebê-lo no próprio cotidiano. F. estava passando por uma situação financeira apertada. Sentado no sofá, ouviu um ruído na janela, quando a abriu um bem-te-vi entrou em casa, como um foguete, e saiu pela outra janela. Veio-lhe a percepção (ou intuição) de que só a Águia representa uma ave que voa tão rápido assim, correlacionada com o popular jogo do bicho. Jogou o grupo na cabeça e conseguiu o dinheiro necessário para sobreviver até o final do mês. Antes que alguém me acuse de incentivar a jogatina, afirmo que sou contrário a qualquer forma de jogo que sugue o dinheiro da pessoa, pois isto não passa de vampirismo monetário. Por outro lado, incentivo os que possam realmente acrescentar algo, como o Xadrez, que desenvolve o raciocínio. Citei o fato apenas por exemplo.

Leve-se em conta que, por ser extremamente pessoal, tanto o sonho desperto, quando o dormindo, não devem ser revelados levemente a ninguém, a não ser em casos especiais, como um psicanalista que esteja lhe ajudando. No sonho, a pessoa recebe informações importantes, porque está totalmente relaxada. Acordado, o mesmo pode acontecer, se a pessoa estiver receptiva. Aliás, a receptividade é uma importante chave mágica.

O descaso para com o campo onírico é fruto, em parte, da existência de pretensos manuais de interpretação, que para nada servem, bem como retóricas intelectuais, que só afastam o leigo de um estudo mais sério. Enfim, o ideal é anotar os sonhos, ainda de madrugada para criar um vínculo maior com o plano onírico. Tal vínculo permite ter o sonho lúcido, também conhecido como viagem astral, dentro do próprio sono, evitando *o medo da morte*, nas tentativas conscientes, bem como possíveis bloqueios pela educação religiosa. Falo, de fato, da criação de um diário mágico, IMPRESCINDÍVEL para qualquer mago.

Um adendo aqui. O seu diário é apenas para os seus olhos. Guarde-o num local de difícil acesso a terceiros e, se possível redija-o em código próprio ou num idioma como árabe, japonês, que dificulte o entendimento por quem acidentalmente o tenha em mãos. A razão é simples: o curioso passa a conhecer os seus segredos mais íntimos. Muitas ordens pedem que o neófito apresente um diário mágico. O Autor denuncia tal pretensão: ninguém possui o direito de entrar na intimidade de ninguém. Entregar um diário mágico como pré-requisito para mudança de grau é uma atitude infame.

No diário mágico, devem ser anotados não só os sonhos, mas as práticas mágicas e os fatos relevantes do cotidiano. Algumas vantagens no uso do diário mágico são as seguintes:

- Possibilitar o sonho lúcido. O ideal é anotar todos os sonhos, ainda de madrugada, o mais minuciosamente possível e depois voltar a dormir.
- Em caso de algum ataque astral, permite a tomada de consciência no próprio sonho e a reação adequada, defendendo-se e eliminando o problema por completo.
- Possibilita o estudo do sentido dos sonhos, com base nos signos lingüísticos. Em alguns casos, arquétipos plenamente estabelecidos, como o do Tarot, também auxiliam a interpretação.
- Descrever os rituais praticados com precisão, relatando todas as experiências relacionadas a ele, bem como a sua conclusão.
- Auxilia a observação da evolução da prática mágica em relação a tendências futuras e o reestudo das anteriores.
- Relacionar idéias importantes que lhe venham à mente, para uso futuro.
- Anotar os fatos relevantes do dia-a-dia, para posterior comparação.
- E muito mais! Lembre-se de que o limite é o da própria imaginação. Os relatos devem ser o mais preciso possíveis!

Além do método da anotação dos sonhos, o autor sugere outra idéia para facilitar a viagem astral. Após se deitar e relaxar na cama, contemple o corpo como se, de fato, estivesse dormindo. Aja naturalmente em relação a qualquer incômodo, como uma resposta automática do próprio corpo. Depois de cerca de uns 20 minutos, sentirá a vontade imperiosa de mudar de posição. Mude de posição e tente, agora, dormir. Semanalmente, tenho viagens astrais, algumas vezes duas por semana, graças a esta técnica, elaborada por mim.

No sonho lúcido, a pessoa interage instantaneamente em qualquer tempo-espaco, sem o muro da causalidade. O segredo é a vontade. Se quer ir a determinado lugar, basta a vontade. A sensação de voar no plano onírico é simplesmente indescritível, tamanha a emoção de liberdade e felicidade, só quem passou por esta experiência pode realmente saber o que significa.

Neste exato momento, alguém perguntará: *Você fala muito no plano físico e no plano astral, mas e os demais planos?* O autor responde que estes são os únicos planos que devem ser levados em conta. Os outros são apenas teóricos ou subtipos do plano astral. Há quem cite, por exemplo, um plano mental, mas a consciência rola também no sonho lúcido, ou seja, a mente (não o cérebro) interage em ambos os planos. Portanto, é melhor se preocupar com o que se tem a mão.

O perigo da mediunidade

Um centro espírita é um vórtice do plano astral. Sem entrar no mérito da possibilidade do recebimento de entidades e guias nos centros espíritas, que é possível, no plano astral há de tudo: larvas, cascões, egrégoras, vampiros etc. Para que um médium supostamente receba uma entidade, é necessário que abra a sua aura, sem o que não se realiza a manifestação mediúnica. No entanto, abrir a aura é fácil; fechá-la não. Cientificamente, a única coisa realmente comprovada para o fechamento da aura é banho de sal grosso diário, por 20min, água nem quente nem fria, numa banheira, do pescoço para baixo. A comprovação foi feita pelo método kirlian. Este é um método inclusive recomendado para defesa contra ataques astrais; não se esqueça de que a aura é uma espécie de *firewall* pessoal.

Como estou tratando inicialmente da mediunidade de incorporação, NADA garante, a não ser que houvesse um exame científico minuciosamente elaborado, para assegurar que realmente se trata de uma entidade "de luz" ou de um ente falecido da família de quem está ali presente. Basear-se apenas na obra de Kardec para discutir estas manifestações é o mesmo que basear-se apenas na Bíblia para discutir a existência de Jesus. Pura tautologia! Somente alguém com sensibilidade suficiente para reconhecer o "ente" por detrás da forma, ou seja, reconhecer a "assinatura" ou o "estilo" do ente. E poucos são capazes disso. A própria clarividência não ajuda, porque é corriqueira a mudança de forma no astral. Um vampiro pode muito bem aparecer como o espírito Ramatis.

Na maior parte das vezes, poderá se tratar de entes que estão apenas sugando a energia dos médiuns e de quem está presente no centro. Contudo, há um perigo real: É comum o falecimento de médiuns através de acidentes de automóveis. Saem do centro com a aura aberta e... morrem! Por que? Repito, porque fechamento de aura não é fácil. Se abre, mesmo para algum ente "amigo", quando sair do centro, estará exposto a todos os tipos de entes. Rezar simplesmente não ajuda.

Por outro lado, em nada acrescenta magicamente, o uso da mediunidade, pois é comum o médium embarcar numa fantasia contagiosa, enquanto a magia é fruto de imensa reflexão. Portanto, esta postura tem sido combatida pelos filhos da Serpente. Um estudioso de orgonoterapia e bioenergética pode comprovar, com base em procedimentos científicos, o alto grau de desequilíbrio energético, com chacras fendidos, polaridades invertidas e anomalias das mais diversas.

Se porventura o leitor for um médium, tome um banho de sal grosso ou faça o ritual menor do pentagrama, antes de ir ao centro, e verificará que não receberá ente algum, a não ser se for tal a fragilidade da sua aura, que esses métodos sequer adiantem. Diga-se de passagem, em inúmeros *chats* de discussão na *internet*, sempre perguntei aos espíritas se conheciam algum método eficaz de proteção áurico, e constatei, até onde avançaram as minhas pesquisas, que definitivamente não existe.

Metamorfismo

Em relação à vida após a morte, há três teorias principais. Pela metempsicose ou transmigração, o ser renasceria sucessivamente como homem, animal ou vegetal; pela ressurreição, surgiria para uma vida definitiva, distinta e oposta à existência terrestre, num lugar chamado Céu; pela reencarnação, reassumiria a forma material, como processo de expiação e auto-redenção.

Sugiro uma quarta alternativa, o metamorfismo. Pelo dicionário é:

- Faculdade de transformar-se
- Transformação, mudança, metamorfose
- Transformação de um ser em outro.
- Mudança de estrutura que ocorre na vida de certos animais, como os insetos e os batráquios.

Como a morte não passa de uma ilusão, o metamorfismo explicaria bem o processo, pois o ser, na realidade, não morre: ele se transforma. Tanto a transmigração, reencarnação e ressurreição são insuficientes para explicar o processo da continuidade da existência, pois nos dois primeiros casos se daria apenas no plano físico, e no último, no Céu ou no Inferno, como via definitiva.

Em relação ao metamorfismo, a continuidade poderia se dar em outro nível de realidade, além do plano físico conhecido, ainda que inconcebível. O metamorfismo não englobaria apenas uma espécie de renascimento noutra realidade, quiçá incognoscível, mas no próprio plano astral de origem e, ainda, neste plano físico, através do renascimento ou de fenômenos, como o da mudança da lagarta em borboleta e do girino no sapo.

O metamorfismo explicaria também a transformação de consciência (vulgarmente, iluminação), a transformação de realidade (ilusoriamente, morte) e a transformação de forma (a reabsorção no astral; lagarta virando borboleta), acrescentando, ainda, a possibilidade de um ressurgimento em uma dimensão ou nível de realidade totalmente incognoscível atualmente. Alguns dos sonhos mais surrealistas talvez sejam uma pista neste sentido.

Por outro lado, abarcaria, os processos de transmigração e reencarnação, pois nada impede que tais ressurgimentos ocorram em Gaia mesmo. Neste caso, ambos seriam subtipos do metamorfismo. Contudo, a ressurreição, como expressa nos cânones bíblicos, deve ser totalmente descartada, pelo caráter fabulístico e fútil como se apresenta.

A idéia de um objetivo final é podre. Se alguém atingisse o céu (ou o nirvana), não faria mais nada? A vida é uma grande aventura, para que se postar lá nas “alturas” e deixar de participar? Por que a vida é sempre vista como hedionda, quando é altamente estimulante? Mesmo atingindo a iluminação o ser deixaria de interagir? Seria um “nada” no cosmos? É óbvio que não! Pelo fato de ter transcendido as limitações, é mais um motivo para interagir, pois se tornou plenamente consciente. Viria agora como um rei!

Infelizmente, tudo sempre foi visto como prêmio ou castigo. A pessoa é recompensada ou castigada segundo conveniências sociais, políticas, religiosas, mas a vida não é assim. A natureza é funcional, pragmática, e não dicotômica e mecanicista. Apóia-se em leis bem simples, mas o ser humano, ao contrário dos irmãos animais, complica tudo. Não conheço nenhuma história da carochinha na natureza.

Morte, suprema ilusão

Em Viagem a Ixtlan, o índio Don Juan explica a Carlos Castaneda: “Você é cheio de besteiras! A morte é a única conselheira sábia que possuímos. Toda vez que sentir, como sente sempre, que está tudo errado e você está prestes a ser aniquilado, vire-se para a sua morte e pergunte se é verdade. Ela lhe dirá que você está errado; que nada importa realmente, além do toque dela. Sua morte lhe dirá: ‘Ainda não o toquei.’” Este trecho revela o lado tragicômico do homem, que leva a vida com inúmeros temores, sem se dar conta de que é realmente a morte quem dá a palavra final. Para que se preocupar, ao invés de viver?

Há determinadas coisas que só são verdadeiramente conhecidas pela experiência direta. Uma delas é a viagem astral ou sonho lúcido. Quem já realizou estas viagens conscientes durante o sono sabe perfeitamente que a morte é uma ilusão. Há quem afirme que tais viagens seriam produto de alguma química do cérebro. Contudo, como explicar o fato de alguém relatar um acontecimento verídico a quilômetros de distância do local onde se encontra? Querer que ondas cerebrais expliquem esse fenômeno é algo, no mínimo, inusitado, para não dizer estapafúrdio. A resposta é que a consciência não se restringe ao cérebro, da mesma forma que a visão não é exclusiva dos olhos. Se a pessoa fechar os olhos e se concentrar no pulso, torna-se capaz de enxergar pela mão, malgrado inúmeros condicionamentos tendam a subverter e mitigar essa visão holística. Igualmente, se a pessoa é perfeitamente capaz de entrar na mente de terceiros, interagindo e influenciando, bem como estabelecer um fluxo emocional, tudo será simples resultado de ondas ou química? Não, há muito mais envolvido. Numa viagem astral, a pessoa interage também com o futuro e o passado; como seria possível a premonição se, de alguma forma, o ser humano não estivesse num patamar espaço-temporal diferente do atual? Nenhuma onda ou química explica isso, mas, se levar em conta que a morte, o espaço, o tempo e a causalidade são ilusões, é perfeitamente possível conceber que a viagem astral seja um fenômeno autêntico.

De qualquer forma, se a morte fosse a etapa final, para que se preocupar com o nada? Se você não existirá também não há razão para preocupações. O inferno? Só as religiões abraâmicas defendem essa estultícia. Que maior perda de tempo cósmico do que criar um local de eterna danação para bilhões e bilhões de seres humanos, como uma vingança incansável apenas para demonstrar autoritarismo? O céu, pelo que parece, deve ser escassamente povoado, pois quase ninguém vai para lá, os cânones divinos são os mais absurdos possíveis. Parece que somente os padres e pastores detêm o poder de salvação e, cá entre nós?, desconfio que, ainda que os mesmos tivessem a chave de ouro dificilmente cederiam gratuitamente para algum fiel. Nas palavras de Sainte-Beuve, “a natureza quer que desfrutemos a vida o mais possível e morramos sem pensar na morte. O cristianismo inverteu tudo isso”. O medo da morte tornou-se a fonte de todas as religiões. O cristianismo apenas aperfeiçoou a idéia acrescentando o Inferno, para que houvesse uma segunda morte, ainda mais terrível que a primeira. O vulgo pensa “se morrer já é terrível, afogar-se num lago de chama fervente pela eternidade é bilhões de vezes pior”. Então, a morte, que deveria ser pesquisada de forma real e isenta, foi obliterada não apenas numa ilusão, mas em duas, pois passou a haver a *segunda morte* representada pela Geena.

Além disso, é óbvio que a imortalidade na carne não é nem um pouco desejável. Rousseau foi feliz nesta frase: “Se nos oferecessem a imortalidade na terra, quem aceitaria esta triste dádiva?” Já imaginou a decrepitude carnal pelas centúrias sem-fim? Seria o eterno tormento. Se o manto de carne está deteriorado, nada melhor do que substituí-lo por outro mais adequado, seja ou não de carne. Esta é a função da morte: absorver e renovar.

Shakespeare dá sutilmente a chave para a morte, quando assere “Morrer, dormir. Dormir? Talvez sonhar”. A morte e o sonho são extremamente idênticos. Ambos possuem a mesma fonte, a mesma origem; ambos são feitos da mesma matéria primacial. A própria vida terrena é onírica também. Tudo é subjetivo e relativo; ainda que o vulgo pense em termos de um edifício bem construído, a todo o momento desmantela-se como um castelo de cartas.

Justamente começamos a viver quando deixamos de temer a morte. Pense no seguinte: a morte não dói, não possui nenhuma conotação com o sofrimento, é tão natural quanto nascer. Os órgãos apodrecidos é que transmitem a sensação de dor. Por conseguinte, você é informado do caráter “nefasto” da morte a partir de um

sintoma físico e também pelos olhos. Os acidentes, assassinatos, doenças que levam ao falecimento, os quais estampam inúmeras capas de jornais, periódicos, revistas, programas de televisão e filmes no cinema mostram a morte exatamente pelo que ela não é: a destruição do corpo físico. Ou seja, assentam-se na aparência de morte. Alguém realmente já auscultou a morte por dentro, pelo que ela realmente é? No Japão antigo torna-se um grande samurai quem vence o temor da morte. Se alguém parte para a peleja eivado de pavor, como espera vencer um adversário num duelo? Se a pessoa deixa de praticar esportes e obrar realizações mundanas pelo medo da morte, estará realmente vivendo? Na verdade, esta é a verdadeira morte, a morte em vida, quando a pessoa realmente deixa de viver em função do medo da morte. A morte é a suprema ilusão. E, sem sombra de dúvida alguma, TODA ilusão torna-se sinônimo de escravidão.

Por outro lado, a autodestruição é a extrema manifestação da covardia. Quem opta por este tipo de solução não deveria jamais ter nascido, pois não se tornou merecedor da maior dádiva da natureza, que é a própria vida. Seja motivado pela perda de um amor, emprego ou qualquer outra coisa, nada é motivo para se tirar a própria vida. LaVey ensina que “a vida é a grande indulgência, a morte a grande abstinência”. Da mesma forma, o mártir, ainda que sob motivos nobres, não ama a si mesmo, ama o fanatismo. Põe a pseudo-honra acima de sua vida, abraça um objetivo que logo será esquecido, ainda que a sociedade teime hipocritamente em venerar tal ser acéfalo. Sua imolação caracteriza a estupidez em seu grau mais elevado. Suas cinzas fazem a apologia da servidão e da ignorância, e longe está de trazer algum proveito - não passa do subproduto mais infame do altruísmo.

Até mesmo as pompas fúnebres, segundo Santo Agostinho, “são antes um consolo para os vivos do que um tributo ao morto”. É fácil perceber que, quando alguém próximo morre, há uma espécie de transferência psicológica para a figura do morto, é como se fosse um *trailer* de sua própria morte. Daí a dita veneração ser um tipo de fuga, um escape do real, de forma que a psique da pessoa permaneça tranqüila, afinal é o “outro” quem morreu. O corajoso, ao confrontar a morte, sabe que ela apavora justamente por ser ilusória. Se alguém avança em direção ao próprio medo, este simplesmente desaparece, pois não passa de um fantasma.

Outra questão é que a morte não manda aviso, ocorre a qualquer momento, não privilegia pessoa sadia ou doente, sábia ou tola, rica ou pobre, boa ou má, ou seja, a morte é a grande igualitária, transforma todos em cinzas sem privilégio de qualquer natureza, ainda que a tumba de uns seja melhor ornamentada que a de outros. Assim, é necessário que a pessoa aprenda a aceitar esta certeza de morrer, sem mascarar-la. Elaborar contos maravilhosos como o céu não resolve. Nenhum mito ou lenda deve barganhar pela verdade, pois a verdade, ainda que extremamente dolorosa, é inegociável.

Finalizando este ensaio, coloco aqui uma frase famosa de Franklin Roosevelt: “É melhor morrer de pé do que viver de joelhos.”

V

Os

Arquétipos Infernais

Baphomet, o Logos

Este signo, criado pelos templários, representa a idéia do absoluto, do próprio Tao, a via pessoal e única do buscador. Entrar em sinestesia com Baphomet significa dar plena expressão ao Self, adquirir o estado de consciência cósmica, tornar-se o seu próprio deus, que o símbolo de Baphomet representa. Baphomet desvela a verdadeira face da divindade. Baphomet é o logos, um ser preternatural e transpessoal.

Os dois cornos (ou fachos) na cabeça de Baphomet podem significar também o aspecto dual, polar, do Cosmos, algo como os 0s e 1s da informática construindo todo o espaço cibernético. Assim, a questão bem e mal depende tão-somente do ângulo de visão ou, se preferir, ambos são as duas faces da moeda cósmica.

Baphomet, como o logos, é o verbo, que traduz movimento e repouso simultaneamente, possuindo uma forma temporal e outra atemporal. É o alfa e o ômega; está no princípio e no fim. Cabalisticamente, Baphomet seria o Ain Soph Aur, o princípio de todas as emanções. No Tarot relaciona-se com a carta 15 (O Diabo). Eliphas Levi o descreve como um andrógino, com face e cascos de bode. Alquimicamente, ele é a chave do INRI – *Igne Natura Renovatur Integra*^[1].

Do logos surgem os arquétipos, que são mais superficiais, ou reflexos daquele. A sua primeira manifestação foi através de Set, o deus egípcio, que simboliza a inteligência isolada no ser humano. Assumiu também formas, como Shaitan (pelos yezides), Haschatân (pelos hebreus), Shiva (pelos hindus), Satanás (pelos gregos), Pan e inúmeras outras. Contudo, Baphomet não abarca apenas os deuses cornudos, mas também o feminino, como Ísis e Babalon, representado, por exemplo, pelos seios no símbolo de Baphomet.

A partir do momento em que o ser vivencia o Logos, a pessoa passa a ser este estado ou essência, e também a ter uma individualidade própria. No dizer de Heráclito, “no mesmo rio entramos e não entramos, somos e não somos”. O ser passa a ser o Logos, porque entrou em sintonia com ele e agora expressa-se da forma o mais pura e livre possível, a grande liberdade. Por outro lado, o ser ainda é o ser, continua tendo idéias e objetivos próprios, apesar de enriquecido pela vivência profunda que sofreu.

Heráclito explica, ainda, que “auscultando não a mim, mas ao Logos, é sábio concordar que tudo é Um”. De fato, a fórmula $1 = \forall$ é de suma importância. No primeiro filme da série Highlander, passado no cinema, há uma passagem em que Connor MacLeod (Christopher Lambert), junto com seu instrutor (Sean Connery), entram em sintonia com um búfalo, captando a grande força deste animal. Em seguida, correm pela praia numa velocidade bem superior à normal. Tal fato é perfeitamente possível e, além do mais, corrobora o uso da fórmula. De outro modo, a fórmula também é a chave do Yoga, pois desvela o sentido da união.

^[1] Pelo fogo, a natureza se renova integralmente.

O arquétipo de Satan

Psicologicamente, Satan pode ser estudado como um arquétipo, uma estrutura inata do inconsciente, que demanda inteligência, energia e poder, conhecida como a Sombra. Satan é a grande fórmula da transpessoalidade, conhecida vulgarmente como iluminação. Este é o grande segredo oculto de algumas ordens iniciáticas, que trabalham com seu arquétipo às escondidas, inclusive no seio do Cristianismo.

Aleister Crowley afirma que o sátiro é a verdadeira natureza de qualquer ser humano, podendo se manifestar externamente como um íncubo ou súcubo, conforme a natureza masculina ou feminina. A representação em Pan é de natureza sexual, estritamente ligada à própria imortalidade. A origem do termo *diabo*, *diable*, o ente dual, pode ser relacionado a dois aspectos. O primeiro é o gêmeo das primeiras fases da mitologia, como Caim e Abel, que modernamente tomou as feições do Dr. Jekyll e Mr. Hide. Neste sentido, LaVey diz que “há uma besta no homem que precisa ser exercitada, não exorcizada”. O segundo relaciona-se ao próprio corpo astral, que seria o “duplo” da pessoa. Quando a pessoa dorme, é o corpo astral que assume, desvelando os aspectos obscuros do ser.

Vejamos a lição de Kenneth Grant^[1]: “A Besta, como a corporificação do Logos (que é Thelema, Vontade), encarna simbólica e verdadeiramente a Palavra deste cada vez que um ato sacramental de união sexual ocorre; ou seja, cada vez o amor é feito sob vontade. Este é o sacramento que os Cristãos abominam como a suprema blasfêmia contra o Espírito Santo porque eles não podem admitir a operação da fórmula da besta unida à mulher como a condição necessária para a produção da divindade! Além disso, No Éon precedente (o de Osíris), Set ou Satan eram vistos como maléficos porque a natureza do desejo era mal compreendida; ele era identificado com o Diabo e com o mal moral. Entretanto, este diabo, Satan é a verdadeira fórmula da Iluminação.”

Satan possui a sua origem no deus egípcio Set, o princípio da consciência isolada no ser humano. De Set-Hen^[2], Satan. O sacerdócio de Set remonta de antes de 3200 a. C., com estimativas chegando até 5000 a. C. Os adoradores de Set foram os maiores astrólogos do Egito, bem como os construtores da Grande Pirâmide, segundo o egiptologista Lepsius. Set era a mais antiga de todas as deidades, remonta até a época acadiana ou sumeriana, e era a mais poderosa também, segundo O Livro dos Mortos (Capítulo 175).

Naqueles tempos, Set não era ainda considerado a personificação do mal e o seu culto possuiu uma imensa quantidade de adeptos. Da mesma forma, o deus Shiva, que foi quem teve mais templos na Índia, sendo visto também como outro arquétipo da Sombra. Na trindade criação-manutenção-transformação, Set e Shiva eram signos da transformação, não apenas a acarretada pela morte (transformação de realidade), mas sobretudo a pela iluminação (transformação de consciência).

A estrela de Set, Sothis ou Sirius, o sol por detrás do sol, ou o sol que aparece no abismo cabalístico, também abria o ano zodiacal em 365 dias. Set era o senhor do Pólo Sul, a primeira estrela da Constelação Boreal de Tífon, a Grande Ursa. Quando os povos emigraram para o deserto, deu-se a impressão ilusória que a estrela tinha “caído”, daí surgiu a idéia do “anjo caído” cristão. “Esta é a razão do pentagrama reverso ou apontando para o sul ser normalmente abominado como o selo do diabo. Ele é o Selo de Satan, pois que ele invoca a serpente do sexo, a serpente obehah. Os osirianos, não menos do que os cristãos, rechaçavam esse aspecto da existência, e o pentagrama de Set, o Sul, era considerado como sendo o emblema de impureza e da abominação. Ele é também a Estrela de Satan para aqueles que vêem o uso mágico da corrente sexual como ‘mau’, ou seja, do diabo. Originalmente, ele não possuía qualquer mácula moral; esta foi projetada sobre ele pelos seguidores dos cultos do velho éon, aqueles representados nos mitos pelo Deus Moribundo - Adônis, Osíris, Cristo etc.”^[3]

Ensina o Templo de Set que “o Terceiro Século da Era Comum foi o ápice do Hermeticismo Setiano. Mas com a imposição do cristianismo como a religião imperial romana, o individualismo foi novamente desprezado. O cristianismo egípcio identificou Set com Satan e ele quase desapareceu como uma figura na magia egípcia”. Durante as migrações, os yezides levaram o seu deus com eles. Set (ShT) deu origem a Shaitan (ShTN), acrescentando-se a letra N, atribuída a Escorpião. O valor numérico de Shaitan é 359.

Shaitan passou depois a significar "o adversário". Adversário de que? Bem, se entendermos o conceito obsoleto de Deus, como a projeção do próprio sistema corrupto e decadente, a resposta se encaixa. Satan é o grande adversário de todo ranço inventado sob a capa da religião e da sociedade para o ser humano NEGAR A SI MESMO.

Visto que a origem do termo Satan está em Set, é de se perguntar de onde veio a forma do diabo com chifres. Quando os primeiros padres católicos começaram a catequizar os pagãos, contrapunham ao deus local um mártir cristão inventado. É de se observar que não há documentação válida para a maioria dos santos antigos, simplesmente porque não existiram. Os verdadeiros mártires do início do cristianismo foram os pagãos, essênios e gnósticos. Nietzsche esclarece que "As histórias dos santos apresentam a mais duvidosa variedade de literatura existente; examiná-las pelo método científico, na completa ausência de documentos comprobatórios, parece-me condenar antecipadamente toda a indagação – trata-se de um vão esforço de erudição..." E Marcelo Mota^[4] explica muito bem como se deu o processo de transposição dos deuses locais para os santos católicos. Realmente, desconhece-se documentos fidedignos em que a Igreja poderia se basear para provar a sua existência.

Contudo, houve um deus que não podia ser transformado em santo, porque ele era tremendamente celebrador da vida, musical, irreverente, viril, namorador de ninfas. Este deus era imensamente querido e celebrado pela massa, era um deus de chifres e cascos de bode, chamava-se Pan. Como os seus ritos eram muito orgiásticos, não podia ser absorvido pela Igreja Católica, pois esta recepcionou uma parte do seu cerimonial no culto persa de Mitra, muito popular entre os soldados romanos, que pregava a castidade como forma de evolução espiritual, e que foram difundidos em Roma na época de Pompeu. Então foi transformado no diabo!

Na verdade, Satan representa uma rebelião contra esta fraude religiosa. Vejamos o sentido de rebelião nas palavras de Alberto Cousté: "Santo Anselmo de Canterbury, em *De casu Diaboli*, atribui a rebelião de Satan ao desejo de ter uma vontade própria, ou seja, à sua vocação pela liberdade. Sabemos que os anjos, como os homens, gozam por decisão divina de livre-arbítrio, e esta responsabilidade é praticamente a chave de toda a ontologia. Com efeito, se a liberdade dos filhos consistisse exclusivamente em realizar os desejos dos Pais, em lugar de anjos e homens falaríamos de marionetes, além do que ninguém diferiria essencialmente de seus congêneres. Desde que reconhecido como Senhor, o Diabo é bom pagador e tem com que pagar; sua moeda é o conhecimento, único caminho que assinala aos homens para livrar-se do temor, da reverência e da submissão a um Deus remoto e sempre indiferente."^[5]

Alguém vai perguntar: *A imagem de Satan não estaria consolidada pela religião cristã após estes 2000 anos? Vai adiantar o avanço ou o recuo no tempo para mudar uma imagem tão bem construída?* É uma boa pergunta. O autor responde que, por detrás da capa do diabo com chifres e garfos, no meio das chamas infernais, há algo a ser perscrutado. Adão era apenas um animal pastando no Paraíso, sua vida era totalmente sem sentido. Comer, beber, dormir e obedecer. O que Adão realmente realizava? Nada. A serpente veio para mudar este quadro. Tornou Adão consciente e responsável por si mesmo. "Imitar o Diabo significava então rebelar-se contra a opressão, recusar-se à submissão entendida como uma fatalidade inamovível, conhecer em vez de repetir, ser consciente do uno entre a multidão, fornicar com alegria, gozar dos sentidos, só se arrepender de ter deixado de aproveitar uma experiência, negar os dogmas em benefício da investigação. A partir desse descobrimento, a sorte estava lançada. E se é certo que os homens não podem viver sem Deus, não é menos verdade que não parece possível que tentem ressuscitar o velho deus mosaico, terrível e repressor, tirano da carne em troca de um prêmio cuja verossimilitude é hipotética, mas sim que o substituíam por outro: jovial, concessivo, estimulante, disposto a misturar-se com suas criaturas e incitá-las à ação."^[6]

O problema realmente começa no Gênesis. Vamos pelo raciocínio cristão, para ver aonde chega. Se Deus é suma bondade e onisciência, sabe de antemão o que irá acontecer, de forma a evitar o mal. Então, é de se perguntar: por que criou Satan? Criou a sua criatura imperfeita, sabia que ela ia se rebelar e não impediu? Por que Deus apontou a Árvore do Bem e do Mal a Adão? Todos sabem que o fruto proibido é o mais gostoso... De qualquer forma, seria praticamente impossível Adão descobrir a árvore num jardim tão vasto como o Éden. Não teria sido Deus o verdadeiro tentador, ao apontá-la? Ele nem sequer impediu a ação da serpente.

O cristão responderá "mas Deus nos deu o livre arbítrio". O problema é que livre-arbítrio, cuja segunda opção é o Inferno, nunca foi livre-arbítrio. O verdadeiro livre-arbítrio não impõe nenhuma ameaça. Uma pessoa normal não destrói irremediavelmente o seu filho só porque errou para consigo. Então, imagina o ser de suma bondade... Simplesmente contraditório.

É óbvio que há uma inversão de papéis na Bíblia. Javeh é que é o verdadeiro demônio, não Satan. Observe-se que não há nenhum Evangelho Segundo Satan. Nunca houve direito de resposta ao suposto ente que tem levado a culpa de todas a estupidez humanas nestes 2000 anos. Até mesmo nos julgamentos humanos dos crimes mais hediondos sempre se dá direito de resposta ao réu, é a célebre máxima latina *audiatur et altera pars*, que significa *seja ouvida também a parte adversa*. Trata-se, por conseguinte, a Bíblia, de um livro extremamente parcial.

O que o sistema sócio-religioso trouxe ao homem? Bem, o homem originalmente era um mamífero da espécie do macaco. Contudo, todos os mamíferos entram naturalmente em equilíbrio com o meio ambiente, mas o homem não. O homem vai para uma área, multiplica-se e devasta o ecossistema. Então, a solução é ir para outra área. Há outro organismo na Terra que segue o mesmo padrão. É o vírus. O sistema sócio-religioso transformou o homem num vírus que consome a si próprio, à sua própria espécie, às outras espécies e ao planeta em geral, como um todo.

Então, a explicação é outra, simbólica, citada anteriormente. Deus é uma essência inerente ao ser humano e a toda existência (não apenas física). Satan é o grande fator de transformação humana, o homem deixa de ser um animal para se tornar o seu próprio Deus. Há também o aspecto kundalínico na serpente, eis que a energia sexual faz parte do processo. Afinal, sexo é o portal da vida, o criador de vida, não apenas corporal, mas magicamente é considerada de maior importância. O homem é a chave e a mulher é o portal, por onde transpassam todas as criações do universo.

Satan representa o elemento Fogo, o seu ponto cardeal é o Sul, naipes de Tarot é Paus, e está simbolicamente relacionado ao Inferno, que trata todos os aspectos considerados "negativos" como fatores transformativos da qualidade de ser. É o grande senhor da realidade onírica. No ser humano representa os poderes psíquicos.

[1] Extraído do livro Renascer da Magia

[2] Majestade de Set.

[3] Idem.

[4] É muito interessante a discussão a respeito do Cristianismo que este autor faz em Carta a um Maçon. Todavia, este texto não se acha publicado. Se o caro leitor quiser ter acesso ao mesmo, entre em contacto com alguma ordem thelemica na Web.

[5] Extraído do livro A Biografia do Diabo, de Alberto Cousté.

[6] Idem

O arquétipo de Lúcifer

Segundo a Grande Enciclopédia Delta Larousse, este nome foi, nos primeiros séculos da Igreja, aplicado ao Cristo. Entretanto, a sua origem é anterior ao Cristianismo. Era o nome que os latinos davam ao planeta Vênus, também conhecido como a Estrela da Manhã. Lúcifer é uma palavra latina que significa "portador da luz" (Vem do latim lux, lucis = luz; ferre = carregar) cuja correspondente em grego é "phosphoros", significa "o portador do archote" ou "o portador da luz", sendo ele mesmo, como indica o seu nome, aquele que traz a luz onde ela se faz necessária. Mais tarde, o sintagma Estrela da Manhã foi copiado para compor a figura do Cristo no Apocalipse, 22:16, assim como inúmeros outros itens do Paganismo, sem que fosse apontada a sua origem correta... E transformaram Lúcifer num demônio.

Devido à cópia deste sintagma, alguns estudiosos concluem que Cristo = Lúcifer. Bem, depende do enfoque. Se levarmos em conta que o termo cristo[1] significa a autodivinização, estão corretos. Afinal, cristo é palavra de origem essênica, e não cristã, não se confundindo com Jesus.

Outra questão acerca de Lúcifer é a possibilidade de ser um arquétipo feminino. É bem possível: uma teoria diz que Lúcifer é oriundo da deusa babilônica Ishtar. Existe também sua relação com Vênus. Esta seria a chave também do filme O Último Portal do diretor Roman Polansky, em que uma mulher acompanha o personagem na sua busca, essa mulher seria o próprio Lúcifer, na forma de Babalon. De qualquer forma, não se olvide que a essência do ser sempre será andrógina, melhor dizendo, assexuada.

Por Cousté, “Hervé Masson, um dos melhores compiladores modernos do esoterismo, escreve, no capítulo destinado a Lúcifer de seu Dicionário iniciático, sobre a suposta expulsão do Diabo do reino da luz e se posiciona contra o que ele chama de simplismo especulativo. ‘Lúcifer, o portador da luz, é pelo contrário a personificação da Gnose, que livra o homem das cadeias da ignorância e permite-lhe libertar-se da escravidão em que o mantém o criador deste mundo mau. Ele é, nesse sentido, o grande escriba universal, o grande enviado cósmico, o grande agente mágico.’ Para uma visão que tradicionalmente temos do Diabo, essa variante pode parecer exagerada, quando não sacrílega.” Na Introdução ao Livro de Lúcifer[2], LaVey expõe: “O Deus romano, Lucifer, foi o condutor de luz, o espírito do ar, a personificação da iluminação espiritual. Na mitologia cristã ele se tornou sinônimo de demônio, que era somente o que se esperava de uma religião cuja real existência é perpetuada por definições vagas e valores fraudulentos! É o momento de definir um critério correto. Falsos moralismos e ocultismos imprecisos precisam ser corrigidos. Diversão é o quanto eles precisam se ocupar, muitas histórias e brincadeiras sobre a devoção ao Demônio precisam ser reconhecidas como os absurdos obsoletos que eles são. Tem sido dito ‘a verdade tornará o homem livre’. A verdade sozinha nunca torna ninguém livre. É somente a dúvida que trará emancipação mental. Sem o maravilhoso elemento da dúvida, o vão por onde a verdade se move seria firmemente fechado, impenetrável pelo mais ativo seguidor de mil Lucíferes. Como compreender que a Sagrada Escritura poderia se referir ao Monarca Infernal como o ‘Pai das Mentiras’ - um magnífico exemplo de inversão de caráter. Se alguém acredita na acusação teológica que o Demônio representa a falsidade, então seguramente precisa concordar que foi O HOMEM, NÃO DEUS, QUE ESTABELECEU TODAS AS RELIGIÕES ESPIRITUAIS E QUEM ESCREVEU TODAS AS BÍBLIAS SAGRADAS! Quando uma dúvida é seguida de outra, a fraude, crescida abundantemente de longas e acumuladas falácias, ameaça romper. Para aqueles que já duvidam de supostas verdades, este livro é revelador. Então Lúcifer terá renascido. Agora é o momento da dúvida! A fraude ou a falsidade está se rompendo e seu som é o urro do mundo!”“.

Na verdade, Lúcifer representa a inteligência, a sabedoria e a consciência no seu mais alto grau, ou seja, quando as três se tornam uma só. Daí este grande arquétipo ser intimamente associado à transformação qualitativa da consciência no ser humano, representada essa essência pelo Self junguiano.

Lúcifer representa o elemento Ar, o seu ponto cardeal é o Leste, naipe de Tarot é Espadas, e está simbolicamente relacionado à supraconsciência. No ser humano representa a inteligência.

[1] É importante dissociar a idéia de Jesus da de Cristo, Jesus foi um mito criado para dar cumprimento à profecia judaica acerca do Messias; Cristo é um termo essênio e vincula-se à idéia de transpessoalidade (iluminação).

[2] Refere-se a The Book of Lucifer, o segundo livro de The Satanic Bible. O primeiro é The Book of Satan, e os outros The Book of Belial e The Book of Leviathan.

O arquétipo de Belial

A possível origem deste termo remonta à Sodoma. Significava o *rebelde*, o *desobediente*. LaVey diz que ele é o *sem mestre, a base da terra, a independência*. Por outras palavras, Belial denota a via material em todos os sentidos, ou seja, a via da carne e da matéria.

O autor não concorda com a idéia de que não há *espiritualidade*^[1] no Satanismo. Seria o mesmo que pregar a extinção absoluta post mortem, que LaVey advoga, mas nem ele mesmo parece acreditar, pois afirma que “É a luxúria pela vida que permite a pessoa vital viver depois da morte inevitável da sua concha de carne”. Os satanistas exclusivamente laveyanos dirão que isto simboliza a recusa em morrer, mas quando o Papa Negro fala em "viver depois da morte inevitável", seu inconsciente aceita a continuidade da existência.

Belial mostra que o homem é o seu próprio mestre, possui o seu próprio caminho. Nada de imitar ou seguir as pegadas de terceiros, mesmo porque quem segue nunca ultrapassa. Nada de vassalagem a um deus inconveniente que nega tudo aos seus filhos. Este arquétipo contém também o sentido de uma realização plena no plano físico.

Belial representa o elemento Terra, o seu ponto cardeal é o Norte, naipe de Tarot é Ouros, e está simbolicamente relacionado ao lado prático, objetivo, concreto e útil das coisas. No ser humano representa a sensação.

^[1] O autor refere-se à espiritualidade no sentido da existência não-carnal.

O arquétipo de Leviathan

Leviathan é simbolizado pelo dragão oriundo das profundezas do oceano. Este é o grande arcano da magia satânica, daí o signo de Baphomet usado pela Church of Satan possuir as letras hebraicas do seu nome espalhadas nos cinco vértices do pentagrama invertido.

Devido à água ser o seu elemento mágico, há uma pista interessante em Madame Blavatsky sobre a criação do plano físico, a partir do momento em que iguala o mito de Adão ao de Noé^[1].

O mito de Noé revela que a arca é o símbolo da vinda dos primeiros seres do astral ao plano físico. A água é tradicionalmente o grande elemento mágico criativo da emoção, que é empregado em qualquer ritual mágico. Falam do caráter milagroso do fervor religioso, mas essa energia emocional é a grande chave da magia. Agora, é de se imaginar a enorme carga mágica representada pelo dilúvio. Novamente, inverteram aí os papéis, e o dilúvio cristão tratou da destruição dos habitantes, com alguns poucos sobreviventes privilegiados. Leviathan, este grande dragão oceânico, é o portal de toda a magia.

Leviathan representa o elemento Água, o seu ponto cardeal é o Oeste, naipes de Tarot é Copas, e está simbolicamente relacionado à magia. No ser humano representa a emoção.

Os arquétipos de Satan, Lúcifer, Belial, Leviathan são os mais importantes da doutrina satânica, representando os quatro Príncipes do Inferno. Não obstante, há mais alguns arquétipos importantes.

^[1] Ísis sem Véu.

O arquétipo de Lilith

A origem do nome Lilith está no termo sumério *Lil*, que significava *espírito do vento*. Segundo o Talmude, ela foi a primeira mulher de Adão. Este arquétipo era conhecido da mitologia suméria, babilônica, assíria, persa, hebraica, árabe e outras, ficando conhecida como Lilith na Mesopotâmia.

O lado sombrio e feminino do eu, que se manifesta nos homens e mulheres, tanto em nível pessoal, quanto em coletivo, é representado pelo arquétipo de Lilith. Um exemplo, em nível pessoal, é o estado puerperal que acomete a mulher após o parto, que é uma espécie de loucura momentânea, outro exemplo é a irritação da mulher durante o período menstrual; em nível coletivo, o melhor exemplo é o Movimento Feminista, que inspirou tremenda reação ao patriarcalismo do homem, o que levou a mulher a alcançar o *status quo* de liberdade atual. Da mesma forma, milhões de homens projetaram a sua sombra feminina em Marilyn Monroe. Esta foi a causa da sua morte, porque ninguém pode receber tantas projeções sem contato pessoal.

Uma piada...

Um terrível dragão assolava o reino, assustando os camponeses e matando os cavaleiros da Távola do Rei Artur. O soberano, vendo que não havia mais jeito, reuniu os cavaleiros e disse:

- Darei a mão da princesa a quem matar o dragão!

Os cavaleiros que não passavam de um monte de vagabundos, que viviam às custas dos camponeses, e não queriam nada com a Hora do Brasil, nem responderam.

O rei repetiu:

- Eu darei a mão da princesa a quem matar o dragão!

Foi então que se fez ouvir uma vozinha lá do fundo...

- Majestade! Majestade!

E o rei:

- Fala, nobre cavaleiro!

Então surgiu um cavaleiro jogando plumas para todos os cantos, aproximou-se do rei e disse:

- Majestade, se eu matar a princesinha, posso casar com o dragão?

Enquanto Eva era o símbolo da submissão da mulher ao domínio do homem, Lilith era o signo da independência, daí ser relacionada *oportunamente* com um demônio devorador de bebês, pelos patriarcas judeus. Barbara Black Koltuv, Ph. D.[\[1\]](#), relata que “Eva é o lado feminino instintivo que nutre a vida, enquanto Lilith é o seu lado oposto, aquele que lida com a morte”. Eva representa a mulher que cuida do marido, que procria os filhos e submete-se ao patriarcalismo do homem; Lilith é a mulher mágica, livre, criativa, instintiva.

Eva, pela idéia de pecado original, e Lilith, pela idéia de demônio, levaram a mulher a uma degradação e inferioridade durante os últimos dois mil anos na cultura cristã-judaica. A estratégia foi simplesmente decretar que a mulher era maligna. Em Provérbios, VII, 25-27, reside a sentença: “Creio que a mulher é mais amarga que a morte porque é uma armadilha, seu coração uma cilada, suas mãos cadeias; quem ama a Deus foge dela, quem é pecador é capturado por ela.” Ainda hoje ordens iniciáticas, como a Maçonaria, vedam o acesso da

mulher às suas lojas, o que demonstra este escolho "divino" baseada no mau entendimento dos dois arquétipos.

O homem possui o seu lado feminino[2], passível de ser bem trabalhado, tanto psíquica quanto magicamente, para integrá-lo. Renegar este lado, impondo uma espécie de machismo ostentador, bloqueia o próprio lado masculino e leva o lado feminino a irromper de forma perniciososa. Lilith pode ser perigosa para as pessoas completamente inconscientes, mas para o buscador ela se torna o grande passo para o transpessoal e *a assimilação de Lilith tem um profundo efeito sobre a individuação*[3].

Se um homem é visto cozinhando ou uma mulher praticando uma arte marcial, alguém pode achar que os mesmos são homossexuais, mas a canalização da energia *oposta* pode servir para uma osmose entre as duas tendências no ser humano. Afinal, quando se é dada uma utilização produtiva a uma qualidade pessoal, ela deixa de se manifestar de forma exacerbada.

Por fim, Roberto Sicuteri[4] afirma que “Se Lilith-Lua Negra, como vimos nos numerosos ritos cultuais, era fonte de terror, de pânico, devia ser também fonte de uma experiência psíquica transformativa e de enriquecimento do mundo interior, conduzido para diante do deus e dos nascentes segredos da vida. O medo, como o amor, diz Hillman, pode se tornar um apelo para a consciência; permanecendo em contato com o medo, encontra-se o inconsciente, o desconhecido, o numinoso e incontrolável. Por isso, não nos desagrada, hoje, que a Lua Negra provoque ainda medo e, por que não, nos seduza!”

[1] Extraído de O Livro de Lilith, desta autora.

[2] O homem não possui dois lados, a referência dual aqui é apenas cultural, fruto de mais uma ilusão. Como se vive na ilusão, o autor é obrigado, infelizmente, a trabalhar com eles.

[3] O Livro de Litith.

[4] Lilith, a lua negra

Outros arquétipos das trevas

Há outros arquétipos que merecem estudo. São eles:

Belphegor - Demônio dos inventores, dos descobrimentos e das soluções engenhosas. É definido também como “uma aparência feminina, de deslumbrante juventude e beleza”. Esta variante vaginal parece mais de acordo com suas características recônditas. É considerado o pai da *internet*.

Baalberit - Chamado o “arquivista”. É advogado astucioso e possui uma prodigiosa memória. Os fenícios o tomavam como testemunha de seus juramentos. É o campeão das causas perdidas.

Belzebu - Seu nome significa “o senhor das moscas”, tem um aspecto imponente, e suas feições refletem uma altíssima sabedoria.

Astaroth - Sua expectante função no Inferno provém do cargo de tesoureiro-geral, e é tal condição que o faz recomendável como protetor de banqueiros, homens de negócios e financistas.

Thamuz - Bem diplomático, a ele é também atribuída a invenção da artilharia e dos talismãs para conseguir ou reter o amor de alguém.

Baal - É o comandante das tropas do Inferno, ou seja a sua maior potência militar. É hermafrodita. Foi adorado pelos caldeus e babilônios e existe a suposição de que vem do difundido e diluído culto solar.

Asmodeus - Chamado “o destruidor”, é um dos mais antigos demônios. É o patrono dos jogadores.

Moloch - Um grimório anônimo invoca-o como “o príncipe do país das lágrimas”. É relacionado com os ritos da fertilidade.

VI

Palavras Da Escuridão

O modelo holográfico

Quem assistiu ao filme Guerra nas Estrelas, viu a imagem da princesa Lela projetada tridimensionalmente pelo robô. Essa imagem, incrivelmente real, é um holograma. Basicamente, o filme de um holograma é cheio de borrões, que lembram os círculos formados por pedras atiradas num lago. Contudo, quando a imagem é projetada, sai aquele prodígio tecnológico.

O importante é que vários cientistas começam a acreditar que o próprio universo, e tudo que ele contém, não passam de hologramas de outro nível de realidade ainda desconhecido. Os autores desta idéia são David Bohm e Karl Pribram. Entretanto, o que nos oferece este modelo? Bem, o mais importante é uma mudança de enfoque: não é o cérebro que cria a consciência, mas a consciência que cria o cérebro.

Além disso, o filme do holograma, sendo cortado ao meio, cada parte vai oferecer a visão do objeto por inteiro. Corte-se em mais duas e acontece o mesmo. Várias pesquisas científicas provam que o modelo do holograma adapta-se perfeitamente a nós. Se for removida uma parte “qualquer” do nosso cérebro, a memória continua a mesma, porque ela não está localizada num setor específico, mas o preenche por inteiro. O mesmo acontece com outras partes do corpo, como os nervos ópticos. Se eliminada uma parte, também a visão permanece por inteira. É a característica do “todo em cada parte”, que, misticamente, explica também o modelo do macrocosmos no microcosmos e vice-versa. Na verdade, não passamos de hologramas de outro nível de realidade.

O UNIVERSO É UM HOLOGRAMA DA CONSCIÊNCIA CÓSMICA!

O modelo também explica as experiências no limiar da morte, as experiências arquetípicas, os sonhos lúcidos, as sincronicidades, a telepatia, a levitação e todas as experiências paranormais.

Diz Michael Talbot^[1] que “A idéia de que a consciência e a vida (e na verdade todas as coisas) são conjuntos envolvidos por todo o universo tem um reverso igualmente deslumbrante. Assim como toda parte de um holograma contém a imagem do todo, cada porção do universo envolve o todo. Isto quer dizer que, se soubéssemos como ter acesso a isto, poderíamos encontrar a galáxia Andromeda na unha do polegar de nossa mão esquerda.”

Quem assistiu ao filme Matrix, pôde perceber três níveis de realidade. O primeiro acarretada pela interação neurovegetativa das pessoas dormindo, sob o controle das máquinas. O segundo, por Neo, o protagonista, ao despertar, tomando ciência da verdadeira realidade: da guerra entre os humanos sobreviventes e as máquinas. O terceiro, também por Neo, no final da película, quando combate o programa sensiente e percebe que toda a realidade do sonho não passa de uma espécie de codificação superelaborada e, assim, consegue desfazê-la.

Em outras palavras, “na ordem implícita, como no próprio cérebro, a imaginação e a realidade na verdade são indistinguíveis e portanto não deveria ser nenhuma surpresa para nós que as imagens mentais possam conseqüentemente se manifestar como realidades no corpo físico. Achterberg descobriu que os efeitos fisiológicos produzidos por meio do uso da imaginação não só são poderosos como também podem ser extremamente específicos”^[2]. Esse assunto é de importância capital, porque pode ser usado magicamente, não apenas de modo terapêutico, mas também com outros objetivos.

Magicamente, a arquitetura da convicção consiste no fortalecimento da crença através de uma vontade inabalável, consolidada por um modelo estruturalmente concebido de forma o mais perfeita possível e aliado a uma carga emocional induzida de forma intensa. A mente não perceberá a distinção entre realidade e fantasia, porque o trabalho tornou-se o mais vívido e profundo possível. Neste aspecto, é possível mudar o holograma da realidade presente. Diz Walt Whitman: "Uma vasta semelhança conecta tudo" e Yogananda esclarece que "O mundo e nada mais do que um sonho objetivado e tudo aquilo em que sua poderosa mente acredita com intensidade, instantaneamente acontece".

Outro aspecto é a semelhança entre a mente e o *quanta*. Diz Talbot que “Talvez o mais surpreendente de tudo é que há provas contundentes de que a *única vez em que os quanta se manifestam como partículas e quando estamos olhando para eles*. Por exemplo, descobertas experimentais sugerem que, quando um elétron não está sendo visto, é sempre uma onda”. Mais adiante, continua: “Quando semelhante a partícula, a consciência pareceria estar localizada em nossa cabeça, mas quando semelhante a onda, a consciência, como todos os fenômenos de onda, também poderia produzir efeitos de influência à distância. Eles acreditam que um desses efeitos de influência à distância é a PK.” Esta é uma chave muito importante. Se você deseja intensamente algo que está sendo bloqueado por algum elemento estranho, desconhecido, pode alcançar o objetivo, buscando algo de importância semelhante. Por exemplo, na meditação, o objetivo é feito em cima de um mantra, quando, na realidade, o que você quer são insights.

Um enfoque interessante acerca da consciência. Há inúmeros estudos sobre a aura, mas, em essência, somos vazio. Isto revela a impossibilidade de destruição completa do nosso ser. Como o vazio pode ser destruído? Todavia o vazio não é um nada, ele é repleto de consciência/energia. Este é um dos maiores segredos do universo. É também a razão por que muitos buscadores abandonam sua senda. O vazio do ser é algo imensamente apavorante, afasta quase todos, quiçá a maior sombra a ser aceita, trabalhada e desvelada pelo ser humano. Diga-se de passagem, a mais perigosa também, associada à loucura e a morte, bem como, por outro lado, ao fator transpessoal.

Seja o sonho, a imaginação, o cotidiano ou o que seja, uma das maiores verdades é que a realidade é um *constructio* da consciência. O satanista realiza a sua busca sabendo que os limites entre o subjetivo e o objetivo, entre o interior e o exterior, são apenas aparentes, uma simples questão didática. Na realidade, não há limite algum, o homem está além de quaisquer limites. O homem é o seu próprio deus.

[1] Extraído do livro O Universo Holográfico, deste autor.

[2] Idem.

O paradigma divino

Antes de iniciar o estudo do paradigma divino, é importante dar uma noção acerca do ateísmo. Lacan explica que o verdadeiro ateísmo não diz que *Deus não existe*, ou que *Deus está morto*, mas sim que *Deus é inconsciente*. Explica-se curialmente que negar a Deus também é uma forma de afirmá-lo, caso contrário qual o porquê da ênfase?

É óbvio que a visão de um ente metafísico, habitando um Céu longínquo, deve ser descartada de imediato. A análise - principalmente junguiana - revela que tal ente não passa de uma projeção coletiva de um estado que o ser humano possui dentro de si. Deus, como imensa projeção do inconsciente coletivo, como máxima aspiração da humanidade, é extrojetada num imenso arquétipo/egrégora. Sempre foi necessário dar forma a um conceito abstrato, para que se pudesse trabalhar com ele. Em verdade, foi o medo da morte e do sobrenatural que criou todas as religiões do passado, as escrituras sagradas foram criadas exclusivamente pelos homens, daí as falhas de todas elas também.

Por outro lado, todo anseio traz em si uma possibilidade, só é possível a projeção de algo que o ser humano tem dentro de si, um estado inconsciente, algo que pode ser realmente revelado ou despertado. Portanto, é muito rara a existência de um ateu verdadeiro. Esta centelha divina, ao assumir várias máscaras neste mundo de *maya*, assume ainda o aspecto da própria existência, da qual todos participam. Como pode a pessoa ignorar aquilo do qual participa? Como você pode ignorar a si mesmo, se Deus é o próprio homem?

Entretanto, se você é totalmente indiferente em relação a qualquer conceito de Deus ou, usando as palavras de Lacan, você é inconsciente para com a referida idéia, então você realmente é ateu, porque sequer perderá o seu tempo estudando, pensando ou mesmo discutindo acerca deste conceito. ELE SEQUER PASSA PELA SUA CABEÇA.

Assim, é raríssima a ocorrência do ateísmo.

O guru indiano Rajneesh possui duas idéias importantes a respeito de deus:

- Deus não é o criador, mas a própria criatividade
- Você não pode conhecer deus, a menos que se torne o seu próprio deus

Hermes Trismegisto, ao enunciar o Princípio do Mentalismo, diz que *O TODO é MENTE; o Universo é mental*^[1]. Neste caso, Deus seria a Mente Universal ou, se preferir, a Consciência ou Inteligência Cósmica. LaVey assere que *todo homem é um deus se escolher se reconhecer como um*, ao mesmo tempo que Crowley afirma que *todo homem e toda mulher é uma estrela*, ou seja, o homem é o seu próprio deus.

A própria Bíblia também dá esta pista. Nos Salmos 82:6, as seguintes palavras vão parar na boca do mito de Jesus: *Eu disse: Vós sois deuses; vós sois todos filhos do Altíssimo*. O mesmo ocorre em João 10:34. É evidente que a interpretação cristã é outra, daí o emprego de iniciais minúsculas antes do vocábulo *deuses*. Todavia, não é interpretação cristã também o fato de a Bíblia ser um livro revelado? Não é interpretação cristã também o fato de que cada passagem bíblica ser reveladora *per si*? A razão é que não interessa a nenhuma religião "divina" fazer a abordagem da divindade humana, porque tornaria o homem livre e, quem é realmente livre, não se deixa mais manipular por sistema algum. Madame Blavatsky diz que "A expressão 'Sois deuses', que, para os estudiosos bíblicos é uma mera abstração, tem para os cabalistas um significado vital. Todo espírito imortal que se irradia sobre o ser humano é um deus - o Microcosmo no Macrocosmo".

Segundo Nietzsche, "O conceito cristão de um deus – o deus como protetor dos enfermos, o deus tecedor de sofismas, o deus como espírito – é um dos conceitos mais podres que jamais foram apresentados no mundo;

provavelmente toca o nível mais baixo da água na evolução do tipo de deus. Deus degenerado até tornar-se contradição da vida. Em vez de ser a sua transfiguração e o eterno Sim! Nele, é declarada guerra à vida, à natureza, à vontade de viver! Deus torna-se a fórmula para todas as calúnias contra o 'aqui e agora', e todas as mentiras do 'além'! Nele coisa alguma é deificada, e a vontade do nada se torna santa!..."

A análise junguiana revela que a crença num ente metafísico não passa de uma projeção coletiva de um estado que o ser humano possui dentro de si. Contudo, fica a questão: e o restante do cosmos? Em Trismegisto, se aceitarmos este estado como consciência cósmica, fica fácil de explicar, pelo menos, racionalmente, que a existência é processo de *criatividade*, conforme diz Rajneesh, e não simples criação. A diferença é descartar a idéia de morte, que é a grande ilusão deste campo dual, com antíteses como criação versus destruição, vida versus morte, bem versus mal. Mudando o paradigma, é possível encontrar uma chave mais adequada, pois o estado inerente ao ser humano estaria aquém das formas existentes no universo. O ser humano sente estados como amor, ódio, alegria, tristeza... mas também sente um fluxo transbordante de criatividade ou uma energia tremendamente inspirativa em alguns momentos, quando escreve uma poesia, pinta um quadro, executa uma dança. É a sublime expressão de si, como se fosse uma fonte jorrando água. O Self, o Eu Supremo, a Essência Pura ou qualquer que seja o nome para este estado crístico ou divino é uma possibilidade, pois só se projeta externamente aquilo que se tem dentro de si.

Segundo Mihaly Csizkszentmihalyi, um psicólogo americano de origem húngara, "nós desfrutamos a sensação de felicidade quando estamos imersos, completamente concentrados, em atividades nas quais encontramos desafios e possibilidade de crescimento pessoal". A palavra com que Csizkszentmihalyi define este estado da mente é *fluxo*. Esta é a definição de fluxo: "Os melhores momentos geralmente ocorrem quando o corpo ou a mente estão no limite de sua capacidade, num esforço voluntário de realizar algo difícil e que valha a pena." Seja no estudo, na vida profissional, social etc. há, realmente, momentos em que este fluxo acontece. Ele não é raro, é mais comum do que se pensa. O segredo é investir em atividades que tragam satisfação e, ainda, aprender a amar as atividades normais do cotidiano... ou mudá-las. Se você, leitor, não ama o seu emprego, pense nas duas alternativas: aprenda a amá-lo ou deixe-o. "Você só fica feliz", diz Csizkszentmihalyi, "quando se volta completamente para uma tarefa que envolva desafio. Não é preciso escalar o Monte Everest. Uma dona de casa pode entrar no fluxo preparando um bolo". Este fluxo que Mihaly fala nada mais é do que a livre expressão do Self, que é o estado divino inerente ao homem. Ele se alimenta através dos desafios e é o responsável pelos êxtases. A própria palavra Entusiasmo, do grego *in theo*, significa "deus interior". É o entusiasmo que provoca este fluxo.

Um grande exemplo é o do sábio grego Arquimedes. Quando perguntado por Hierão, rei de Siracusa, se sua coroa era realmente de ouro puro, o sábio solucionou o problema enquanto se banhava e, em seguida, saiu nu pela rua correndo e gritando *Eureka! Eureka!*.[\[2\]](#)

Outro fator é que o ego nunca vai ser eliminado no processo de iluminação; na verdade, o ego é enriquecido pelo Self. O ego não é eliminado, porque dele depende a sua própria permanência no Plano Físico. Por conseguinte, a posição budista está altamente equivocada. Há um vazio sim, mas a natureza detesta o vácuo, este precisa ser preenchido, senão o iluminante iria cantar noutra freguesia, mas não poderia continuar vivendo neste plano. Ao contrário destas doutrinas orientais, que apontam o ego como o maior entrave à realização máxima do ser humano, o Satanista vê o Ego e a Sombra como grandes auxiliares. No primeiro caso, é o ego forte, centrado, realizado, que pode ser preenchido pelo Self. Edward F. Edinger, diz que a comunicação entre o Ego e o Self deve ser restabelecida, ou seja, o eixo Ego-Self deve ser restaurado.[\[3\]](#) No segundo, repito a citação de Erich Neuman: "O Self fica escondido na sombra; ela é a guardiã dos portais, a guardiã da entrada. O caminho para o Self é através dela; por trás do aspecto escuro que ela representa está o aspecto da totalidade, e é só fazendo amizade com a sombra que ganhamos a amizade do Self." Outra questão: É possível parar de pensar? Não, enquanto você estiver vivo. "Se alguém ordenar ao cérebro para interromper o pensamento, ele se concentrará sobre essa idéia", ironiza o neurofisiologista Gilberto Xavier, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Ou seja, estará pensando. "O pensamento", segundo Xavier, "é um processo consciente que ocorre o tempo todo, do nascimento à morte". Mesmo durante o sono, uma parte da consciência continua ligada. "Não se pode parar de pensar nem por meio de um processo de concentração intensa, como a meditação", explica.

Surge, porém, uma questão: O que fazer para alcançar este estado de consciência cósmica? Não existe um roteiro definido. Nem a fé, nem a razão ajudam. É necessária a experiência direta. Há coisas que você faz naturalmente no seu dia a dia, como tomar banho, em que tanto a fé quanto a razão são dispensáveis. Você tem convicção que sempre tomará banho, porque já adquiriu a experiência direta de fazê-lo. Ocorre o mesmo em relação ao logos. Quando tiver a experiência direta, verá que a fé e a razão nunca foram necessários, e sim a sua busca.

De qualquer forma, o autor pode sugerir uma tentativa. Quem pratica Hatha Yoga sabe que o exercício com os olhos, chamado *trataka*, aumenta a percepção do campo visual. O praticante fixa o olhar num ponto, sem forçar demais, e, tão logo ardam as pupilas, simplesmente fecha os olhos para relaxá-los. Depois de praticar tal exercício por alguns dias, o praticante, mesmo olhando para a frente, possui visão também do que acontece ao seu lado, como uma pessoa levantar um braço ou abaixar a cabeça. Se tal aumento de percepção for possível na consciência, por intermédio da meditação, fixa também num ponto, que, neste caso, trata-se de um mantra (som) ou mandala (símbolo), começamos a pisar em terreno seguro. Minha sugestão seria utilizar alguma palavra ou imagem que surtisse um efeito tremendamente *positivo* em direção à meta desejada. Meu conselho é que seja mentalizado continua e tranquilamente, de forma a evitar a maior dispersão possível, durante uns 20 minutos.

Um detalhe final: se o buscador comunga com a consciência cósmica, simplesmente não se manifestaria mais carnalmente? Viveria eternamente numa espécie de Shangrila, onde tudo passa a ser perfeito? Não, porque tudo seria monótono, enfadonho, estagnado. Uma das chaves da vida é ser cheia de surpresas. O conhecimento é sempre mutável, a consciência não. Por que o iluminante abandonaria o banquete de carne? Agora, mais do que nunca, é um rei. Agora, mais do que nunca, estaria apto a interagir com os fatos mais insólitos da vida e sair vencedor. Agora, mais do que nunca, descobriu que a verdadeira liberdade assenta-se na essência mais profunda do seu ser.

Por falar em “ser”, carece de sentido a discussão sobre o “não-ser”, pois seria o oposto de algo que já é completo em si (o Ser, o Self). Trata-se de uma armadilha intelectual para recair de novo na dicotomia e na ilusão. Se o Ser, o Self, em essência, é vazio ou não, pouco importa, pois isto não o tornará um “não-ser”, continuará sendo o “ser”, dentro de sua natureza real. De qualquer modo, tudo isso pode ser encarado como especulação, e não há razão para maiores preocupações.

Para concluir, um resumo:

- O homem é o seu próprio deus
- Este estado é contínua criatividade
- A unificação (Yoga) é uma possibilidade aberta à consecução deste estado, resume-se na fórmula $1 = \forall$

A essência do universo é a consciência cósmica, estado divino inerente ao ser humano também, através de transformação qualitativa da sua própria natureza.

[1] Extraído da obra O Caibalion, deste autor.

[2] “Encontrei! Encontrei!”

[3] Extraído da obra O Encontro do Self, deste autor.

A lei da reciprocidade

Tanto a idéia de pecado quanto de carma funda-se na infusão do sentimento de culpa, que é o grande responsável pela carga perniciosa que acomete a pessoa que agiu “errado”. Ainda mais, quem nutre sentimento de culpa torna-se perfeitamente manipulável por terceiros. É fácil, basta invocar a “consciência” do afligido e o mesmo agirá de modo a readquirir a homeostase anterior, o mesmo estado de tranquilidade que havia antes que alguém lhe apontasse a suposta falha, para tal – é claro! - cumprindo os desígnios do manipulador. Favorece, assim, o vampirismo psíquico.

É evidente que o satanista não abriga tal sentimento, porque, além de ser fútil, trabalha sempre contra si. Se o satanista percebe que cometeu um verdadeiro erro, simplesmente o corrige, e não irá cometê-lo de novo. Caso contrário, é inútil apoiar um jogo sórdido que não conduz a lugar algum e, ainda por cima, direciona o ser em direção a um rol de problemas gratuitos.

Ambos, carma e pecado, alicerçam-se em recompensas e castigos futuros, tirando a eficácia do presente. Se a pessoa comete um ato “bom” e só vai receber a recompensa no futuro, qual é a vantagem em praticá-lo? Qual é a prova que realmente existirá um futuro nos moldes que as religiões “divinas” enfatizam? Do mesmo modo, em relação a um ato “mau”, qual é a prova da existência de um castigo eterno ou de uma reencarnação expiatória? De fato, quando se posterga a consequência de um ato para uma “outra vida”, tira-se totalmente a responsabilidade NESTA vida, onde o castigo realmente poderia ser exemplar e surtir o efeito desejado. Destarte, torna-se cômodo ser “mau”, porque, ao menos religiosamente, não é punível no presente.

Bem e mal, cabe lembrar, são relativos, subjetivos, contudo, já que nadamos dentro do mar da ilusão, algumas detalhes devem ser levados em conta. O entendimento do caráter ilusório da dualidade permite maior liberdade, mas não permissividade. Quem resolve fazer tudo o que deseja, certamente irá pagar um preço, já que a vida não perdoa a estupidez.

A partir daí, é possível entender que há certas regras, dentro da ilusão, que não devem ser quebradas, sob pena de retaliação imediata. Chama-se isto reciprocidade. A reciprocidade trabalha com a fórmula “tratar os outros como gostaria de ser tratado”. Assim, se alguém quer cordialidade, amizade, respeito, busca dar o exemplo em primeiro lugar; caso contrário, que assuma as consequências.

As vantagens da reciprocidade são:

- Efeito imediato. Tanto a gentileza quanto a agressividade, ao gerar uma ação recíproca, são imediatos, pois dão satisfação a quem os devolve. No primeiro caso, na retribuição da gentileza, dá-se a continuidade de uma relação, seja de amizade, de amor, de emprego etc. No segundo, pela resolução de um conflito, pois, ainda que saia perdedor, a pessoa não ficará lamentando sua passividade como um covarde.
- Efeito preventivo. A reciprocidade permite a prevenção de inúmeros problemas, pois, se a pessoa está ciente da idêntica retribuição, agirá de forma mais responsável e consciente, contribuindo para um melhor convívio entre as pessoas. Portanto, se a pessoa sabe que dando uma bofetada em alguém levará outra, pensará duas vezes antes de passar à ação.
- Efeito gratificante. Torna-se prazeroso ver pendências resolvidas. Tudo que é deixado por resolver causa inquietação. Se alguém lhe dá um presente e, depois, você dá outro, ambos saem satisfeitos. Da mesma forma, se alguém lhe dá um tapa e você devolve, não ficará se remoendo por não ter retribuído à altura; sairá, sim, satisfeito por ter agido como deveria.
- Efeito geral. Se alguém comete um crime, tendo a grande probabilidade de ser condenado de forma justa, rápida e exemplar, então evitará cometê-lo. Tal contribuirá para uma sociedade com maior qualidade de vida. Apenas um adendo: a sociedade ainda não alcançou este status quo.

· Efeito concreto. Não se delega a um futuro ilusório a aplicação do castigo: este é aplicado no presente, tão logo sejam sanadas quaisquer dúvidas em relação ao criminoso.

A reciprocidade possui uma exceção. Algumas vezes, é necessário esperar o momento adequado para retribuir a ofensa. Astúcia, segundo Ben Caria, “é receber o mal e calar, e dar o golpe na boa oportunidade”. Em outras palavras, aguardar um momento mais satisfatório para devolver o presente na mesma moeda.

Sendo a reciprocidade uma evolução da *lex talionis*, assenta-se na mesma proporção do mal causado e não apenas imitar a ofensa. Assim, se determinado indivíduo comete um estupro, uma forma de retribuir ao mal causado seria acabar com a vida sexual do mesmo definitivamente. O melhor método é uma injeção na base do pênis, sem necessidade de mutilar o órgão genital. Possui as seguintes vantagens:

- Previne o crime, diante do capitulação da pena exemplar.
- Dá perfeita satisfação à vítima e sua família.
- Castiga-se adequadamente o criminoso, que nunca mais cometerá o mesmo delito.

Aos melindrados que opõem-se a tais medidas, dizendo que violência gera violência, respondo que a sociedade, em si, já é violenta, e discursos intelectualóides não resolvem nada. Um discurso pode ser bonito e ao mesmo tempo imbecil, então é melhor colocá-lo num quadro, pois não funciona. Na vida, são necessários o pragmatismo e a funcionalidade. Cirurgicamente, um câncer se arranca, e o criminoso é um câncer social.

A guerra é uma das maiores aplicações da reciprocidade, já que nenhum país permanece inerte diante de uma agressão não provocada, a não ser em caso de capitulação e, ainda assim, é curial haver resistências, como a francesa na 2^a. Guerra Mundial, quando minava os nazistas diante de inúmeras ações terroristas.

Os irmãos animais

LaVey cita, na sétima declaração satânica que "Satan representa o homem como outro animal, algumas vezes melhor, mais freqüentemente pior do que os outros que caminham de quatro, porque, em sua divina espiritualidade e intelectualidade em desenvolvimento, ele se tornou o mais cruel de todos." O médico e antropólogo Melvin Konner conta, em *The Tangled Wing*, que foi a um zoológico, viu uma placa que dizia "O Animal Mais Perigoso da Terra" e se descobriu olhando para um espelho. O estudo de um paleontologista no Quênia, cujo nome o autor não se recorda, assere que o homem não passa de um "ape killer", ou seja, um macaco assassino. O homem é um macaco sim, não só pela conformação do seu corpo, mas também pela sua arcada dentária, razão pela qual a melhor alimentação seria a frugívora, mas, devido, ao péssimo condicionamento, desde criança, não mais é possível adotá-la exclusivamente. Por fim, os criacionistas devem estar passando sérias dificuldades, agora que foi constatado que os homens partilham 98% dos seus genes com os chimpanzés.

É fato sabido e notório que o homem sempre foi considerado um ser superior ao resto da pangeração. Logo, não pode existir ser extraterrestre, porque Adão e Eva foram expulsos para a Terra, depois de terem aprontado no Éden, assim o restante do Universo só serviria para adorno. Do mesmo modo, os animais não possuem inteligência, apenas instinto. Vamos rebater estas duas teses obsoletas.

Através do meteorito ALH84001, achado na Antártica em 1984, foi verificada a existência de microorganismos alienígenas. Então, porque não haver macros? Do mesmo modo, a recente descoberta de água na Lua e em Europa (satélite de Júpiter), abre-se uma porta até mesmo para colonização espacial em pontos mais afastados, sem o incômodo de se criar estações espaciais, já que, na composição da água (H₂O), o oxigênio supriria a respiração humana e o hidrogênio converter-se-ia no combustível das naves. Então, no futuro, a prova "física" de seres extraterrestres inteligentes também ocorrerá. Por fim, todo o dispêndio de dinheiro e segredo em torno da Área 51 (tema do seriado Arquivo X), onde supostamente ter-se-ia guardado um disco-voador e feita a autópsia num extraterrestre gera uma grande inquietação. Caso contrário, qual a razão, afinal, de tanto mistério?

Quanto aos animais, há muito se verifica a inteligência deles. Os golfinhos possuem linguagem própria, ainda desconhecida. Os elefantes protegem animais menores. *Uma vez um elefante tornou-se amigo e protetor de um burro*, conta Blavatsky. As aranhas e os pássaros da espécie joão-de-barro fazem construções complexas, outros animais como a serpente no deserto aprendem artes de camuflagem. O peixe-piloto guia o tubarão à sua presa e, em contraprestação, come as sobras dele, o que demonstra uma sabedoria cooperativa entre ambos. A lista seria longa para ser citada aqui, então é preciso abreviar.

As formigas tem uma agricultura, uma pecuária (rebanho de pulgas, tipo "vacas de leite"), tomam banho, praticam esportes, promovem guerras, estão organizadas em diferentes classes sociais. Num texto de reportagem, extrai o seguinte: "Algumas formigas sul-americanas foram observadas passando por cima de um trem urbano. Depois de verem suas companheiras serem mortas muitas vezes pelas rodas do trem, as formigas construíram um túnel por baixo dos trilhos. Então o observador - Bates - tapou os túneis só para ver o que acontecia. As formigas, porém, não voltaram a passar por cima dos trilhos. Pararam, reprocessaram as informações e reconstruíram os túneis. Elas retomaram à passagem apenas quando esses estavam prontos."

Na verdade, o primeiro golpe contra a suposta supremacia do homem sobre os animais aconteceu através do naturalista Charles Darwin, com a doutrina científica das espécies, que demonstrou que os animais possuem intelectualidade. Há poucos anos atrás, o estado de Kansas, nos EUA, devido, com certeza, a pressões religiosas dos criacionistas, retirou este pensador do currículo escolar, o que revela uma atitude retrógrada e preconceituosa.

O segundo golpe foi mais recente, através de outra reportagem. O casal Allen e Beatrix Gardner, da Universidade de Nevada, nos EUA, fizeram uma pesquisa com uma chimpanzé fêmea, chamada Washoe, que aprendeu, desde criança, a falar com as mãos usando a linguagem de sinais dos surdos-mudos. Depois de aprender a falar, Washoe passou a expressar sentimentos como raiva, compaixão, inveja, solidariedade e um

grande senso de humor. Segundo a reportagem, “Washoe foi adotado pelo casal de cientistas em regime de ‘maternidade postiça cruzada’, ou seja, embora fosse um bebê chimpanzé, foi educada como uma criança, numa versão invertida da história de Tazã. Os Gardner e Roger Fouts (assistente do casal) não foram os primeiros cientistas que tentaram ensinar chimpanzés a falar. Alguns pioneiros, como Winthrop e Luella Kellog, nos anos 30, ou o psicólogo Keith Hayes, nos anos 40, pensaram nisso, mas falharam em suas tentativas. A razão do fracasso foi insistirem no aprendizado da linguagem vocal, que é própria da espécie humana. ‘De fato, o aparelho fonador dos chimpanzés é menos desenvolvido do que o homem’, explica o enologista Eduardo Ottoni, do Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. ‘Embora eles sejam capazes de emitir alguns sons, a pronúncia das vogais requer uma estrutura anatômica muito mais complexa. Em contrapartida, são ótimos gesticuladores. Esta é a forma de comunicação que utilizam em seu estado natural na selva.’” Roger Fouts, autor do livro *O Parente Mais Próximo*, publicado no Brasil pela Editora Objetiva, era assistente do casal e continuou as pesquisas, mudando-se para o Instituto de Estudos Primatas da Universidade de Oklahoma. “Ali, Washoe passou a conviver com outros chimpanzés que, como ela, conheciam a linguagem dos surdos-mudos. Fouts, depois de instalar câmaras de vídeo no local onde viviam, notou que eles conversavam normalmente entre si usando os sinais aprendidos, tanto quando se preparavam para comer ou dormir, como para fazer brincadeiras uns com os outros. A sinalização já fazia parte de seus processos mentais. Isso levantava a possibilidade de que todos os membros da espécie fossem capazes de pensar na forma simbólica. Washoe não era um caso isolado de chimpanzé superdotado. Muito importante é o fato de que transmitem o ensinamento desses sinais para a própria prole. Embora o objetivo científico seja o estudo do uso da linguagem de sinais entre eles, a família de Washoe não é tratada como ‘animais de laboratório’. As instalações do instituto reproduzem uma floresta tropical, com áreas ao ar livre e telhados especiais onde seus habitantes podem trepar e se balançar como se estivessem na selva. ‘Estamos também desenvolvendo um sistema educacional para chimpanzés estudantes, entusiasma-se o pesquisador.’”

Confesso que ao ler esta reportagem, pensei logo na trilogia O Planeta dos Macacos, com Charlton Heston. Seria um tipo de premonição, como os livros de Júlio Verne? Não importa. O importante é que, na doutrina satânica, só se mata os animais em duas circunstâncias, para se alimentar ou se defender de uma agressão. Abro aqui um parênteses, o Satanismo não advoga também o vegetarianismo, pela simples razão de que a planta também é um ser vivo, já está provado que elas possuem emoção e inteligência, então tanto faz o alimento vegetal ou animal, a não ser que, por razões médicas, uma dieta seja imposta.

Na prática de ritual, não há necessidade do sacrifício, pois seria a emoção do animal (e não o seu assassinato) que criaria o clima mágico - e esta emoção é mais perfeita quando tirada do próprio mago. Se a pessoa mata o animal, é o terror dele, e não o seu estertor *causa mortis*, o que cria a carga emocional. Então, a emoção do mago é ainda a mais adequada, a mais pura, com melhor efeito, sem que se retire inutilmente uma vida. Em segundo lugar, os animais e as crianças são os grandes magos naturais, devido à própria inocência, conforme ensina LaVey. Logo, merecem todo o nosso respeito.

Não há nada de errado numa pescaria, por exemplo, se o pescador vai matar a sua fome, ou se é o seu trabalho, em prol da sua subsistência, ao mesmo tempo que fornece alimentos a outras pessoas que exercem atividades diferentes. Agora, pescaria de campeonato, competição de peixes de briga, rinhas de galo, touradas, vaquejadas, farras do boi, caça a raposa, torneios, corridas de cavalo e de cães etc. não passam de atos cruéis contra os nossos irmãos animais. Antes que alguém rebata que correr não faz mal a ninguém, o Autor já viu, num páreo do Jockey Club, um cavalo ser sacrificado pelo simples fato de que quebrara a perna numa curva do hipódromo. Assim, não é apenas o fato de obrigar o animal a correr, mas também as possíveis conseqüências que podem advir. É de se citar o artigo 225, inciso VII, da Constituição Federal: *Proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção das espécies ou SUBMETAM OS ANIMAIS A CRUELDADE* (caixa alta do Autor).

Várias pessoas abandonam os animais de estimação pelas ruas. Trata-se de uma atitude vil contra seres que não podem se defender. Aqui, no Rio de Janeiro, existe a SUIPA, sociedade que protege os animais. Ora, um animal de estimação abandonado corre sério perigo de vida, como morrer atropelado por um veículo, envenenado ou espancado por pessoas que os odeiam, mordido por um outro animal mais feroz etc. O ideal é levá-los a esta instituição para castrá-los ou doá-los, conforme o caso, mas nunca abandoná-los. Mais

importante ainda é saber se, na aquisição do animal, a pessoa terá capacidade de ficar com ele, pois o animal passa a amar o dono e sofre com o seu posterior descaso. Nesta instituição, existe uma ala de animais que não se alimentam mais, estão morrendo de inanição devido ao enorme estresse causado pelo abandono de quem os amavam.

O que eu quero dizer é que a seleção natural, sendo uma lei da natureza, leva cada ser a se alimentar de outro, seja planta ou animal. Não há como fugir disso. Realmente, é necessário que seja assim. Contudo, um leão, ao devorar um novilho, respeita o resto da manada e os outros animais não temem a presença do leão, pois sabem que ele está perfeitamente saciado e não vai atacar inutilmente. Na verdade, o ser humano é o único que mata por futilidade ou prazer.

Niezsche compreendeu bem o problema. “Este mundo puramente fictício, para grande desvantagem sua, tem de ser diferenciado do mundo dos sonhos; esse último pelo menos reflete a realidade, enquanto o primeiro a falsifica, diminui-a e nega-a. Uma vez que o conceito ‘natureza’ se opôs ao conceito ‘deus’, necessariamente o mundo ‘natural’ assumiu a significação de ‘abominável’ – o conjunto daquele mundo fictício tem sua origem no ódio ao natural (ao real!).” Esta é, talvez, a maior razão da destruição ao planeta. Este mundo é visto de forma deletéria, por que, originariamente, foi descrito como um local de castigo, para onde Deus expulsou Adão e Eva. Por conseguinte, nenhuma consideração há com a natureza e, enquanto o buraco na camada de ozônio aumenta e as geleiras começam a degelar, todas as outras reservas naturais estão sendo rapidamente consumidas e a poluição tornou-se global. Se não for tomada uma medida imediata para conter tudo isto, arrisco a previsão de que o homem logo terá de se mudar de planeta.

Na verdade, a única coisa que diferenciou o bicho homem do resto foi alguém ter criado a escrita, através das primeiras pinturas na caverna, o que serviu para preservar o conhecimento e permitir a sua evolução científica. As pessoas envolvidas em tais covardias contra os animais, sempre estão com a saúde fragilizada, situação financeira precária, afundando-se no álcool e nas drogas etc. A natureza da qual faz parte devolve na mesma moeda a quem não a respeita. O engraçado é que a grande massa relaciona o Satanismo a sacrifícios, quando tal não ocorre nesta doutrina. *Vida é a grande indulgência*, explica LaVey^[1], e, mais ainda, a vida é o maior presente cósmico!

[1] Vida é a grande indulgência, morte é a grande abstinência.

O terceiro pólo

O desafio é o grande fator humano. Através do desafio, advém a felicidade, o êxtase, após a vitória, que é o fluxo transbordante do Self. Para ilustrar melhor essa idéia, baseei-me numa reportagem,[\[1\]](#) que trata da ida ao Monte Everest, considerado o Terceiro Pólo, só escalável durante poucas semanas do ano e contando com tempestades de proporções gigantescas.

Segundo a reportagem, “Clientes pagam até 65000 dólares (sem contar a passagem aérea até o Nepal e o caro equipamento pessoal de cada um) por seis semanas (tempo que o organismo leva, em média, para se adaptar à crescente falta de oxigênio) de agudas privações físicas e psicológicas, exaustão, alucinações, vômitos e edemas, hipotermia, necroses e excitação.” A trilha ao cimo do Monte é repleta de cadáveres. Basta um erro e toda a expedição fica por lá mesmo. Na verdade, a média diz que, em cada quatro alpinistas, apenas um retorna com vida. É uma aventura de risco calculado, mas não controlável.

A morte por exaustão, ou congelamento, é perigosamente agradável. Assemelha-se a uma sonolência gostosa. Quem assistiu ao filme *Sonhos de Akira Kurosawa*, viu um trecho onde os alpinistas estavam perdidos na neve e um deles vê uma alucinação, que lhe dá um cobertor aconchegante e o convida ao sono. Isso realmente acontece.

Luiz Makoto Ishibe, um alpinista brasileiro, dá a sua opinião: “Como descrever a sensação de completa exaustão, de medo controlado, do risco, da dúvida, do prazer físico, da beleza ou das proporções? É como querer explicar uma paixão ou um orgasmo. Não é azul, nem azedo, nem líquido. Com um pouco de ousadia na cabeça e muita disciplina, o homem pode se transformar num animal de olhar selvagem, obsessivo, que acaricia o diabo e desafia suas forças. E, quando isso lhe acontece, só ele pode saber o quanto lhe custou chegar lá.” Continua: “Se é que existe um destino, eu me sinto grato por não ter de morrer como mais um geólogo. É estranho que os humanos chamem de morte natural a morte por velhice. Nunca vi, no meio natural, um animal morrer de velho. Mesmo o leão, quando começa a perder a força, acaba vítima dos companheiros na luta pela soberania territorial. Ou acabará como presa de um bando de hienas. Não consigo imaginar um leão de óculos e dentadura, caçando. Nem uma zebra com marcapasso. Ou gazelas instalando alarmes antipredadores em seu território. A meu ver, a morte por velhice, que nós humanos praticamos, deveria chamar-se morte artificial.” Para Makoto, morte natural encontram os alpinistas no Everest.

É óbvio que há duas classes de pessoas envolvidas: os alpinistas que estão envolvidos existencial e economicamente na tarefa e os turistas que pensam apenas em termos de emoção. Parece muito tênue o limite entre uma atividade perigosa e uma grande estupidez, porém isto também é reflexo da vida, sempre de mãos dadas com a morte. O que leva a pessoa a um tipo de objetivo como este é *se superar*.

Um cristão, num fórum de discussão, disse que ia rezar para passar nos estudos da faculdade. Um adepto da magia wiccana, num *mail list*, perguntou se havia algum feitiço bom para tirar notas altas. De fato, há processos mágicos que auxiliam quaisquer atividades, mas *o melhor feitiço ainda é o estudo*. Pessoalmente, nunca aceitei nada de *mão beijada*. Quando terminava a aula, ia para a biblioteca e pesquisava os principais tópicos nas prateleiras, reunindo inúmeros livros ao meu redor, pois os dois grandes auxiliares de qualquer estudo são o questionamento baseado na dúvida e a pesquisa de todas as posições sobre o assunto, INCLUSIVE as contrárias. Depois, fazia uma redação própria sobre o assunto, citando os autores e o que me levava à conclusão por vezes diversa da do professor. O primeiro resultado foi um histórico escolar excelente, sem a necessidade de memorizar arduamente os temas para a prova, já que é muito mais fácil fazê-lo quando se escreve de próprio punho, no seu próprio estilo. O segundo resultado foi passar no primeiro concurso público que surgiu e ganhar o respeito profissional.

Alguém, neste momento, me dirá: *Noto que você teve tempo suficiente para estudar, mas eu trabalho o resto do dia...* Respondo eu que ninguém trabalha 24h por dia, sempre é possível um escalonamento de valores. A pessoa pode abrir mão de alguns prazeres, como beber chope numa roda de amigos, para estudar e lutar pela sua independência financeira, sem que seja preciso depois alimentar a máquina dos cursinhos. Eu estudava em todos os momentos ociosos, inclusive nas conduções. Quem estuda apenas para passar nas provas, corre o

risco de se formar um engenheiro fazendo confusão nas vias de tráfego, ser um médico receitando remédio errado para o paciente, ser um advogado copiando petições de outros profissionais etc. etc. etc. Não estranhe, caro leitor, isto é mais regra do que exceção. O desenvolvimento do ser humano é árduo. Sem que a pessoa exija o máximo de si, ela se torna apenas morna, quando realmente deveria se tornar quente, fervendo mesmo, um excelente profissional que imponha respeito não pela sua aparência de *bonzinho*, mas pelo seu amor-próprio revelado na sua honra profissional.

Outro fator é se você mistura *a fome com a vontade de comer*. Se você necessita realmente ter sucesso no seu objetivo e, ao mesmo tempo, sente imenso prazer pelo que faz, já possui a chance de competir com qualquer um. Não se espante com o número de pessoas inscritas num concurso público, porque elas estão sob o peso do quantitativo dos concorrentes, enquanto você preocupa-se com o qualitativo de si. Você está, na verdade, preocupado em romper as suas limitações, além da simples *decoreba*, contando com o auxílio destes dois aliados importantes, que citei no chavão.

A ida ao Monte Everest é, portanto, a metáfora de quem aceita os riscos e procura ir além de si mesmo. O alpinista aceita o desafio, com a ajuda da audácia, disciplina e determinação férrea, rompendo os limites da sua natureza. Exemplifiquei longamente apenas o aspecto profissional, mas poderia fazê-lo também com a vida amorosa, social, religiosa e muitas outras. O importante é você se tornar um verdadeiro alpinista não lá no Everest, mas aqui mesmo, atingindo o terceiro pólo dentro de si.

[1] Revista Veja n. 1526, de 17.12.97, intitulada No Limite da Vida.

As nuances do amor

A doutrina satânica aceita a maioria das formas de amor e sexo, desde que o limite imposto pelo parceiro seja respeitado. Assim, coisas como pedofilia, estupro, atentado violento ao pudor etc. são repudiadas não apenas por serem crimes, mas porque atentam contra a própria liberdade de escolha do outro. Por outro lado, não há problema algum com fetichismo, homossexualismo, sadomasoquismo, sexo grupal etc., se de comum acordo entre ambos. Do mesmo modo, a masturbação, como opção individual. O mais natural é o amor entre parceiros de sexo oposto, mas nada impede que uma pessoa procure uma forma alternativa, se é esta que realmente a satisfaz.

Uma das representações mais verdadeiras do amor está em Rajneesh: “O amor é escuro. Não é coincidência o fato de as pessoas terem escolhido a noite para fazer amor; existe uma afinidade entre a escuridão e o amor. Fazer amor em plena luz do dia parece um pouco rude, vulgar, feio. Fazer amor num mercado, onde todos podem ver, é insano. É preciso intimidade, e a escuridão lhe dá uma intimidade absoluta, pois você não pode ver a pessoa amada e ela não pode ver você. Você fica completamente sozinho e o outro não faz nenhuma interferência. O amor tem uma qualidade de escuridão em si, pois tem profundidade. A escuridão é sempre profunda e a luz é rasa. Mesmo que haja muita luz, ela é sempre rasa. O dia é raso, superficial, e a noite é profunda, infinita.”

Este mesmo autor fala que o relacionamento a dois é baseado no amoródio. Esta é uma palavra bela. Os atritos costumeiros no casal são um fator de crescimento, se bem direcionados; se mal direcionados podem levar ao desfazimento da união, através de uma crescente rivalidade. Discutir é sadio, sinal de que ninguém está morto. A superficialidade odeia os conflitos. Achar que um relacionamento corre sempre às mil maravilhas é se perder naquela ladainha do príncipe encantado. Na sociedade, existem mais sapos do que príncipes. Aliás, muitas vezes é melhor ser um sapo do que um príncipe.

Outro aspecto do amor é o casamento. Na natureza, a seleção é natural, nenhum animal precisa de um documento para provar que ama o seu parceiro. Somente o homem impôs isto. Swift conta que Vênus, uma bela mulher de bom gênio, era a deusa do amor; Juno, uma víbora, a deusa do casamento. E sempre foram inimigas mortais. Inúmeras vezes, o casamento é o primeiro passo rumo à destruição do amor. De fato, não deveria haver tal imposição, mas este assunto deve ser de escolha de cada um. Há vantagens no casamento, como no caso de adoção de uma criança, que não será discriminada socialmente em relação ao filho efetivo do casal.

Do mesmo modo, é um absurdo a Igreja Católica proibir o casamento de um aleijado, por causa da sua impotência. Há outras formas de satisfação sexual para o cônjuge, como o sexo oral, se ambos o admitem. O aleijado pode não ter satisfação sexual, mas tem a satisfação amorosa. Todavia, o clero vê o casamento através da fórmula "crescei e multiplicai-vos", quando a união de um casal deveria ser vista de forma o mais abrangente possível, ainda porque a referida fórmula está levando ao superpovoamento do planeta, enquanto o controle da natalidade já deveria ser severamente exercido, para sobrevivência de todos.

A espécie humana é a única que adota os casamentos de conveniência, como alpinismo social, melhoria de padrão de vida, ganho financeiro (o dote mudou de feição, mas ainda existe), aparência física e muito mais. Neste caso, possui pleno sentido o caráter contratual do matrimônio, em que é necessária a presença de testemunhas, pois não passa de mera mercancia. O amor é sempre relegado a um segundo plano.

Igualmente, se um dos cônjuges perde completamente o amor pelo outro, corre o risco de ficar preso até morrer num relacionamento cada vez mais pernicioso, em prol do "até que a morte vos separe". Se por um lado dá uma satisfação à sociedade e à religião, por outro surgem vários problemas, como a violência doméstica, o descaso familiar, a manutenção oculta de um (ou mais de um) amantes e o próprio sacrifício pessoal no altar da hipocrisia.

Ouvi contar...

O marido chega em casa e encontra a mulher deitada na cama, completamente nua.

- O que houve, Solange?

- Nada, Eduardo... É que as minhas roupas estão tão velhas, desbotadas, rasgadas, que não tenho nada para vestir...

E o marido, abrindo o armário...

- Como não tem? Na semana passada você comprou três vestidos. Olha aqui o azul, o vermelho, o Alfredo, o verde...

Assim como uma refeição saborosa é preparada com vários ingredientes e cozinhada de modo lento, o mesmo deveria acontecer com o sexo, de forma a torná-lo o mais gostoso possível. Ao par do conhecimento de várias técnicas de satisfação mútua, aliado ao envolvimento conjunto nos aspectos mentais, emocionais e outros, além do físico, o sexo deve ser saboreado mais lento. Afinal, não se trata de simples malhação física, seguido pela emissão seminal. Isto se converteria em pura masturbação refinada, que é melhor praticar sozinho. Sexo é pura arte mística. É o grande altar do amor. Repetindo o que disse noutra capítulo, o homem é a chave e a mulher o portal por onde transpassam todas as criações do universo. O cosmos inteiro conspira no ato sexual. O grande sentido do amor é quando você se expressa inteiramente. O amor está intimamente associado à livre expressão do Self.

Outro tópico importante é a diferença entre o orgasmo e a emissão seminal propriamente dita. A pessoa pode ter orgasmo sem que ocorra o lançamento dos fluidos. Na verdade, o orgasmo pode e deve se espalhar pelo corpo inteiro, de forma que cada célula se torne altamente viva, antes da ejaculação. Esta prática auxilia no controle da precocidade, sem que se restrinja o prazer. Isto é conhecido como polimorfia sexual.

Magicamente, o sexo é a energia mais poderosa que existe, não só como derivativo para o orgasmo em nível cósmico, uma porta aberta para a transpessoalidade, mas também para mudar eventos de acordo com a vontade do mago. O sexo é sempre um grande ritual, quando realizado da forma o mais intensa possível. Existem inúmeras técnicas neste sentido, mas o segredo ainda reside na profundidade dos amantes, numa comunhão em todos os sentidos. São totalmente dispensáveis a maioria dos tratados tântricos que existem por aí, pois trata-se de um aventura de autodescoberta. No sexo, o homem se torna o lindo animal selvagem que é, sem qualquer controle, além da própria imaginação, daí toda a repressão em cima dele, como a tentativa derradeira de dominação, transformando-o em pecado. É desejável que o ser humano deixe aflorar o sátiro que existe em si. Se a pessoa vê o sexo como algo sujo, logo surgem problemas como frigidez, impotência, ejaculação precoce, além de crimes como o estupro e o atentado violento ao pudor.

Outro fator a ser levado em conta são os mitos românticos. Ou eles supervalorizam a mulher, colocando-a acima do seu alcance, ou a infravalorizam, colocando-a abaixo do seu alcance, mas nunca no mesmo patamar. Nas palavras de Sharyn Wolf, “Os mitos românticos podem nos ferir. Eles nos fazem acreditar que não temos controle sobre a nossa vida amorosa. Isso simplesmente não é verdade. Sua vida social não é determinada pelo destino. É você quem a determina.”

Por fim, Omar Khayyam está totalmente certo, quando afirma que “O amor que não devasta não é amor. A brasa pode espalhar acaso um calor de fogueira? Noite e dia, durante toda a sua vida, o amante verdadeiro consome-se de dor e alegria.” Se o amor é realmente intenso, vivo, ilimitado, vale correr quaisquer riscos. Daí o célebre conselho das Mil e Uma Noites: “Amigo, se te oferecessem as riquezas deste mundo e do outro, em troca de uma noite de amor, recusa esta troca.”

Um pouco de Thelema

A idéia de Thelema surgiu no delicioso livro Gargantua de François Rabelais. Este monge resume em linhas simples como era a Abadia de Thelema: “Toda a sua vida era orientada, não por leis, estatutos ou regulamentos, mas de acordo com a própria vontade e livre-arbítrio. Levantavam-se da cama quando bem lhes parecia; bebiam, comiam, trabalhavam e dormiam quando lhes vinha o desejo. Ninguém os despertava, ninguém os forçava a comer, nem a beber, nem a fazer qualquer coisa. Assim o estabelecera Gargantua. Todo o seu sistema se resumia nesta cláusula única:

Fay Ce Que Voudras.”^[1]

Assim, era possível cultivar a honra própria de cada indivíduo, naturalmente, sem a vil sujeição a obrigações impostas pela sociedade. O que ele queria dizer é que há uma “virtude” natural no ser humano, quando não lhe é imposta nenhuma barreira à livre expressão do Self. De fato, descartando as virtudes pré-fabricadas e impostas por terceiros, a pessoa pode ser o melhor de Si.

Ouvi contar uma história que, num reino, o Soberano era muito amigo do cozinheiro. Sempre o visitava na cozinha e conversava bastante com ele. Após algum tempo, virou-se para o cozinheiro e disse “Você tem sido muito zeloso nas suas funções em todos estes anos que me serviu. Concedo-lhe agora um desejo.” O cozinheiro respondeu: “Meu Rei, sempre quis ser um nobre.” O Rei disse: “Está concedido. A partir de agora, você é barão. Amanhã não precisa mais vir à cozinha, pode ir direto à corte.” O cozinheiro ficou muito feliz. No dia seguinte, apareceu na corte, mas o rei passou direto por ele, sem lhe dar a mínima atenção. Sem entender, o cozinheiro aproximou-se do rei e perguntou o que havia ocorrido. “É muito simples”, respondeu o rei, “ontem você era o melhor cozinheiro do meu reino, hoje você é o pior dos barões.” A grande lição é que não importa muito o título que você ostente, mas o que você realmente é na sua natureza. Há cozinheiros por aí que se transformam em grandes “chefs”, ganham muito dinheiro e prestígio social. O importante é você investir no que você é, entrar no seu próprio fluxo, e dissipar as barreiras que lhe impeçam esse propósito.

Aleister Crowley revivificou o conceito de Rabelais, formulando *Do what thou wilt shall be the whole of the law*.^[2] É óbvio que “faze o que tu queres” não é o mesmo que “faze o que te agrada”. Ao mesmo tempo que a fórmula implica a mais alta liberdade, também denota a mais alta responsabilidade, ou no sentido místico, “a mais estrita das injunções”. Neste sentido, acentua-se a diferença entre desejo e vontade, que o Autor discorreu num outro ensaio. Thelema é uma palavra grega, que significa Vontade. Gematricamente, o seu valor é 93, que é o mesmo de Agape (“amor”; outro vocábulo grego), daí resultando a construção da fórmula *Love is the law, love under will*.^[3] Conclui-se que a natureza da vontade universal é amor.

O sentido de Thelema significa também que cada pessoa é uma estrela e, portanto, pode se mover em sua própria órbita, sem necessidade de chocar-se com a órbita de outra estrela. Para tanto, é necessário descobrir a sua Verdadeira Vontade e fazê-la “com propósito único, desprendimento e paz”, conforme a mensagem do Mestre Therion^[4]. Se o buscador obrar a sua verdadeira vontade, ninguém dirá “Não!”. O cosmos conspira para que ela se realize.

^[1] Faze o que tu queres.

^[2] “Faze o que tu queres, há de ser o todo da lei.” Qualquer tradução implica em traição, então o autor usou o original.

^[3] “Amor é a lei, amor sob vontade.”

^[4] Aleister Crowley.

Satanarquia

O termo satanarquia foi criado pelo diácono satânico Maskim Xul, para distingui-lo das várias correntes anárquicas existentes. De modo geral, o anarquismo postula a acracia, ou seja, a total ausência de governo ou classe dominante. Tudo deve ser livre, mas não irresponsável. Em linhas simples, a liberdade é plena, desde que não haja invasão no circuito de terceiros. Assim, uma violência intencional e gratuita não é admissível na anarquia.

Na Grande Enciclopédia Delta Larousse, *anarquia* é o “sistema político ou social segundo o qual o indivíduo deve ser emancipado de toda tutela governamental”. *Anarquismo* é a “doutrina política que preconiza a abolição total do Estado e de todas as autoridades temporais e espirituais, esperando eliminar as injustiças sociais e garantir a paz e a felicidade do gênero humano pelo estabelecimento da associação livre dos cidadãos e para fins produtivos”.

Informa, ainda, a mesma fonte que os ideais anárquicos “foram pela primeira vez sistematizadas pelo romancista inglês Godwin e pelo filósofo alemão Max Stirner. Mas o verdadeiro teórico do anarquismo é Proudhon, que encontrou numerosos adeptos da classe operária francesa; e o primeiro grande líder foi o russo Bakunin, cujo coletivismo e propaganda da destruição violenta de todas as ordens estabelecidas converteram ao anarquismo os trabalhadores da Espanha, Itália, Suíça francesa e Áustria; um anarquismo menos violento é a doutrina do russo Kropotkin, que exerceu influência sobre a não-violência de Tolstói e Gandhi. Os proudhonistas participaram, em 1871, da revolta da Comuna de Paris. Proudhonistas e bakunistas entraram na Primeira Internacional, que estourou em 1872 entre o marxismo e o anarquismo”.

Para atingir este estado social, deve haver uma emersão, que é um movimento de baixo para cima, ou seja, a partir do próprio povo esclarecido, criando o caos até que haja o resultado desejado, o fim de qualquer regência sobre a vida do cidadão. Os anarquistas que não adotam a violência como meio de ação pleiteiam pela manifestação não-violenta, que também não é pacifista, já que qualquer agressão deve ser reprimida à mesma altura, ainda que sob a capa da autoridade, uma vez que esta nem devia sequer existir. Portanto, é bem diferente de terrorismo, em que inocentes pagam a conta da subversão de esquerda.

Uma das maiores distinções entre a anarquia e a satanarquia assenta-se no fato de aquela pregar a paz e o amor universal, enquanto esta, como fruto do Satanismo, ciente está que o conflito é uma lei natural, por causa da cadeia alimentar, não apenas em sentido gástrico, mas socialmente considerado também. Torna-se passível de observação que a existência de um ser sempre depende de outro, daí a explicação curial para as guerras.

Outra discordância da satanarquia, segundo Maskim Xul, é que sempre haverá pessoas que preferem se submeter aos desígnios do forte a lutarem pelo autodomínio. Portanto, o rebanho sempre existirá, mas tal fato dar-se-á naturalmente, pois seres inferiores realmente precisam ser regidos por terceiros e, neste caso, reflete o exercício da própria escolha espontânea de cada um, e não mera imposição.

Um terceiro erro das correntes anárquicas é a pura e simples eliminação do capital, preconizada por Karl Marx, que o associa a um vampiro. Na realidade, o capital não é um vampiro, e sim quem dele se utiliza para controle de massa, ditando normas às quais ninguém consegue escapar. No estabelecimento da anarquia, o capital continua necessário, caso contrário as comunidades não terão um parâmetro (no caso, a moeda) para fazer negócios. O escambo (troca de mercadoria) pura e simplesmente faliu desde a antiguidade, porque nem sempre determinado bem é aceito para troca, mas o dinheiro é universal. Por outro lado, a gratuidade dos bens numa comunidade pode favorecer o parasitismo, em que uma só pessoa recolhe, por exemplo, inúmeros remédios desnecessários, para fazer um estoque hipocondríaco, impedindo que outras pessoas usufruam do mesmo. Tendo de pagar o preço, tal pessoa pensará duas vezes antes de recolher o produto aleatoriamente. Não obstante, torna-se imperativa a eliminação das instituições mantenedoras de megariquezas que permitem o domínio de determinada elite sobre o povo, como é o caso do infame FMI, bem como o estabelecimento de uma moeda única, aceita em qualquer lugar. Neste sentido, em alguns escritos anarquistas não se tenta destruir a idéia do capital, mas direcioná-lo a um uso mais adequado, tipo “empresa familiar”, no qual tudo

seria distribuído equitativamente. Também é risível esta idéia, pois favoreceria quem pouco produz e desfavoreceria quem muito labora. “O ideal é o capitalismo voltado para um darwinismo social verdadeiro”, conforme ensina Beto Pataca.

Quanto à língua universal, muitos anarquistas defendem o esperanto, que nunca vingou, porque não há praticidade no estudo do mesmo. O inglês, desde o século XIX, pela expansão britânica, é falado correntemente no mundo inteiro. Em qualquer hotel, agência de viagens, clube, restaurante, sempre há quem fale o inglês. Inúmeros livros são escritos também neste idioma permitindo uma compreensão global. Nos primeiro e segundo graus escolares, é estudado praticamente no planeta inteiro. Contudo, dizem que o inglês é fruto do imperialismo americano, o que é uma falácia, não só por já ser universal antes do advento desse xerifado, mas também por que uma língua é apenas uma ferramenta de comunicação. O uso dela pode se dar por vínculos de amizade, de cultura, de arte, de ciência e mesmo para dominação política e religiosa, mas não exclusivamente. Além disso, o esperanto é utilizado por católicos e espíritas, o que revela a nódoa da dominação religiosa. Portanto, é uma estupidez tentar trabalhar com o esperanto, que é apanágio de uns poucos lingüistas, literatos e entusiastas, quando o inglês está suficientemente universalizado e aceito por todos.

Em relação às leis, o anarquismo prega a total extinção das mesmas, revendo a frase altamente imbecil do senhor Jean-Jacques Rousseau, que “o homem nasce bom, a sociedade o corrompe.” Destarte, o homem totalmente livre seria naturalmente bom, e não precisaria de nenhuma lei. A satanarquia adota justamente a posição contrária, ao se servir da famosa frase de Plauto, repetida por Bacon e Hobbes, que *Homo homini lupus*, “o homem é um lobo para o homem”. A verdade é que vemos a predação na natureza inteira, e nunca foi diferente com o bicho-homem em toda a história da humanidade. O conflito sempre foi regra; a ausência do mesmo, exceção. Querer uma sociedade totalmente sem crimes é o mesmo de aceitar que nunca haja blecaute num sistema de energia elétrica. Portanto, algumas leis são necessárias, mas não como forma de dominação, e sim para defesa do próprio indivíduo ou grupo. O que forçosamente deve ocorrer é uma minimização dos delitos, desde que implante-se a liberdade, MAS elimine-se a impunidade, o maior incentivador de curtos-circuitos sociais.

Uma solução para o advento de uma sociedade anárquica seria o de irmandades ou comunidades, pessoas ligadas por alta sintonia e afetividade, como é o caso do *kibutz*, em Israel, que é um estabelecimento coletivo. É óbvio que, neste caso judaico, há ainda o ranço da religião, mas tal não eiva a validade da idéia, pois é perfeitamente possível criar uma comunidade cooperativa em termos de auxílio mútuo, no sistema de trabalho, produção, consumo e educação. De qualquer forma, cada um deve ter sua própria propriedade, e não uma propriedade totalmente comum, caso contrário, até as cuecas e escovas de dente acabarão sendo comunais também. Uma família ter de dividir seu espaço com outra é totalmente antinatural, eis que na natureza é o contrário que acontece. Cada família de pássaros possui seu próprio ninho na árvore.

Os princípios da satanarquia são:

- Autonomia. Cada ser humano é totalmente livre e independente para tomar suas decisões. Se uma decisão é tomada por um grupo, os membros discordantes não são obrigados a participar da mesma, exceto se for uma decisão vital, como ocorre, por exemplo, num condomínio em que a maioria dos membros vota pela aquisição de um sistema de segurança mais eficiente.
- Apoio mútuo. Numa irmandade satânica, fortalecida pela afinidade entre os membros, seria tremendamente prazeroso o auxílio mútuo de forma a haver o fortalecimento e a melhoria da qualidade de vida dos membros, já que não há submissão a ninguém. O mesmo não ocorre na sociedade, pela situação nefasta em que se acha. De qualquer forma, é perfeitamente possível que ocorra o mesmo em comunidades não-satânicas, como é o caso do *kibutz*.
- Autogestão. Todos teriam o poder de gerir a comunidade, como acontece no caso do condomínio citado anteriormente, em que o síndico depende da avaliação dos demais moradores para a administração do prédio no tocante às decisões mais importantes. Daí os periódicos editais de convocação para reuniões, onde se debate cada idéia até haver uma espécie de consenso. Note-se que, mesmo nas questões de administração, prevalece o sistema de rodízio. Portanto, o síndico é um

mero funcionário, exercendo sua função, e não um governante. O mesmo é possível na sociedade como um todo.

- Autodefesa. É necessária de forma a preservar a comunidade, tanto de ingerência externa, quanto de elementos perniciosos que eventualmente estejam nela. É o que havia nos clãs primitivos, em que se defendiam de outros clãs e eliminavam ou baniam os membros indesejáveis.
- Aceitação unânime. Para se entrar numa comunidade satânica deve haver aceitação total dos irmãos, de forma a evitar dissonância entre o grupo. Num sistema secreto de votação, uma bola branca (símbolo da destruição) basta para eliminar o pretendente. Outros métodos podem ser igualmente invocados, conforme seja a postura do grupo.
- Apolitismo. Política é sinônimo de regência, manipulação e corrupção. Com o advento da *internet* torna-se plenamente possível a regência do próprio indivíduo, pela discussão e votação nas questões mais importantes. Diga-se de passagem, o apolitismo é um grande passo para a eliminação da pátria, outro conceito de subserviência idiota.

Termino este ensaio, postando uma famosa frase anárquica: “Quem quer que seja que ponha as mãos sobre mim, para me governar, é um usurpador, um tirano. Eu o declaro meu inimigo.”

Da inexistência de Jesus

Antes de iniciar o aspecto da inexistência do homem chamado Jesus, é necessário dissociar o conceito Jesus do de Cristo. Cristo vem do *crestus* essênio e significa peixe, literalmente, mas o sentido é de ungido, entre outras palavras, referindo-se ao estado transpessoal do ser humano. Jesus vem de JHVH (Jeová). Em verdade, Jesus era um nome comum na época, como o José brasileiro. Então, Jesus Cristo nada mais é do que *José Deus*. O homem chamado Jesus, filho de Maria e José, nunca existiu.

Autores de peso, como Sêneca, Marcial, Juvenal, Plínio o Velho, Apuleio, Fílon de Alexandria e muitos outros, viveram no transcorrer do século I e nunca o mencionaram, apesar de serem imensamente interessados nas questões religiosas da sociedade em que viviam. Os autores gregos, hindus, árabes e judeus também nunca ouviram falar na existência de Jesus. Nada consta no Sinédrio de Jerusalém, nem nos anais de Pôncio Pilatos, nem nos do Imperador Tibério, malgrado a ameaça de um novo rei, ainda que do "outro mundo" merecesse toda a atenção do Império Romano. Nenhuma estátua ou pintura de Jesus desta época: nada, nada mesmo. O silêncio é gritante!

Segundo La Sagesse, "As bibliotecas e museus guardam escritos e documentos de autores que teriam sido contemporâneos de Jesus os quais não fazem qualquer referência ao mesmo. Por outro lado, a ciência histórica tem-se recusado a dar crédito aos documentos oferecidos pela Igreja, com intenção de provar-lhe a existência física. Ocorre que tais documentos, originariamente não mencionavam sequer o nome de Jesus, todavia foram falsificados, rasurados e adulterados visando suprir a ausência de documentação verdadeira. Por outro lado, muito do que foi escrito para provar a inexistência de Jesus Cristo foi destruído pela Igreja, defensivamente. Assim é que por falta de documentos verdadeiros e indiscutíveis, a existência de Jesus tem sido posta em dúvida desde os primeiros séculos desta era, apesar de ter a Igreja tentado destruir a tudo e a todos os que tiveram coragem e ousaram contestar os seus pontos de vista e os seus dogmas".

Paralelamente, Alberto Cousté diz que "A única exceção estaria em um parágrafo das Antigüidades Judaicas, de Flávio Josefo (37-95), mas Hainchelin demonstra, pela crítica comparada que faz de outras passagens, que se trata de uma grosseira e tardia interpolação. Voltaire já o havia intuído no artigo 'Cristianismo' do Dicionário Filosófico: 'Como teria esse judeu obstinado afirmado que Jesus era o Cristo? Que absurdo colocar na boca de Josefo palavras de um Cristão!' É muito importante se indagar qual o porquê desta interpolação forjada por Euzébio. Qual motivo haveria senão encobrir a inexistência de Jesus?"

Os maçons do mais alto grau sabem (ou desconfiam) que as palavras postas na boca do mito de Jesus eram na realidade de João, o Essênio, também conhecido como o Batista. Marcelo Mota, em Carta a Um Maçon, denuncia esse fato, explicando que João teria nascido antes do século I e o seu pensamento teve grande impacto sobre a época em que viveu, afirmando que "o homem era o templo do deus vivo". Assim, os primeiros patriarcas não puderam deixar de incluí-lo, sob pena de levantar suspeita. O quarto Evangelho assere que "Havia um homem enviado por Deus, cujo nome era João". Iguala, pois, João a Jesus.

Em relação aos supostos milagres do mito do nazareno, a cópia descarada foi, agora, de Apolônio de Tiana, que teria revivido os mistérios de Dionísio. Vejamos alguns desses milagres, de acordo com Alberto Cousté: a) Apolônio teria nascido também de mãe virgem; b) Diversos reis enviaram presentes e cartas à parturiente; c) Ainda criança, ele discutiu com os doutores do templo de Esculápio e os derrotou; d) Os cisnes cantaram no seu nascimento e um raio caiu do céu (adoração dos pastores e a estrela de Belém); e) Os anjos transportavam-no pelo ar (segunda tentação de Jesus); f) Ressuscitava mortos, curava cegos e aparecia na frente de amigos distantes; g) Entendia a linguagem dos pássaros; h) Convocava o demônio, que lhe aparecia sob a forma de um olmo; i) Tinha poder sobre os demônios inferiores que atormentavam os possuídos, expulsando-os ao capricho dos seus desejos. Basta dar uma consultada em A Vida de Apolônio, escrita por Filóstrato.

Não é só. Os ritos solares baseados na fórmula do deus sacrificado, copiaram-se uns aos outros. Seria cansativo repeti-los todos aqui, mas, veja-se, por exemplo, em relação ao mito de Horus, há milhares de anos antes do conto de Jesus e, depois, leitor, julgue você mesmo a espantosa semelhança: a) Horus nasceu de uma virgem em 25 de dezembro; b) Horus teve 12 discípulos, que representavam os doze signos zodiacais; c) Horus foi enterrado em um túmulo e ressuscitado; d) Horus era também a Verdade, a Luz, o Messias, o Pastor Bom etc.; e) Horus também realizava milagres; f) Horus ressuscitou um homem chamado El-Azar-Us, que, é óbvio, traduziram como Lázaro, o leproso. O copista nem se deu ao trabalho de mudar o nome, já que a grande massa era ignara e não sabia latim; g) O epíteto de Horus era "Iusa" (Jesus), "o Filho sempre tornando-se" de "Ptah", o "Pai"; h) Horus também era chamado o "KRST" (Cristo) ou "Ungido". Se perscrutar outros ritos, como o de Mitra, Adônis, Krishna, Osíris etc., fica patente novas e inúmeras cópias, vários plágios de textos religiosos, com pouca alteração. Indico aqui ao leitor que quiser se aprofundar no assunto a obra Ísis Sem Véu, de Madame Blavatsky.

Além disso, os textos pagãos, essênios e gnósticos foram descaradamente copiados para compor o atual Novo Testamento, junto com o expurgo dos apócrifos, no Concílio de Nicéia, em 325, onde provavelmente foi criado o mito de Jesus para dar cumprimento à profecia judaica sobre o advento de um messias. O anônimo autor de *Supernatural Religion* demonstra o caráter espúrio dos quatro Evangelhos, perpetrada por Irineu e seus lacaios. É óbvio que esta fraude em nada influenciou os judeus, que sabiam da história toda, razão por que eles têm sido perseguidos nestes dois milênios pelo Vaticano.

Havia quase setenta seitas, no século IV, de acordo com uma enumeração de Epifânio, que compartilhavam sobre a maldade intrínseca da criação e viam em Jeová um demiurgo imperfeito e rancoroso, que se deixava enganar por sua própria criação. Uma dessas seitas, de opinião diversa, sofrera enormemente a influência do culto mitral, trazida pelos soldados de Pompeu, pouco antes do início da era cristã, deslumbrados pelo dualismo persa. Estando o Império Romano fragilizado, esta seita aliou-se a Constantino. O benefício seria mútuo. Por um lado, ajudaria a fortalecer o império, por outro destruiria as outras seitas, firmando-se por absoluto. Esta seita se transformou no que conhecemos hoje como a Igreja Católica.

Portanto, o Cristianismo só poderia se assentar através da pena (fé cega) e pela espada (perseguição religiosa). Os que advogam a existência do nazareno, querem usar o conteúdo da Bíblia para provar a própria Bíblia, mas isso é uma tautologia. É o mesmo que usar a obra O Assassinato no Expresso do Oriente para provar a existência do detetive Hercule Poirot. Curial se torna que haja dados fora do contexto da obra, afim de que a mesma seja confiável. Em relação à Bíblia, não há dado algum. E, invocando a própria Igreja Católica, está na frase histórica, proferida pelo papa Leão X, o reconhecimento desta farsa toda: *Quantum nobis prodest haec fabula Christi!* - "Quanto nos ajuda esta fábula de Cristo!"

Igualdade ou seletividade

A igualdade deve ser apenas de oportunidade, ou seja, estar na base. O resto do processo deve ser e é seletivo, não só na natureza, como na selva humana. Por exemplo, se há um concurso público, deve-se dar oportunidades a todos que preencham os seus requisitos básicos, sem qualquer tipo de discriminação, para que possam se inscrever. Isto é a igualdade. Contudo, é uma minoria que passa nas provas, pois o processo se resume na filtração. Isto é a seletividade. A avaliação é importante para aferir a competência do candidato, caso contrário daria margem ao nepotismo e apadrinhamento - mais comum do que se pensa -, em vez de se voltar para o profissional preparado para exercer a função escolhida.

A teoria da igualdade não cabe mais nos dias de hoje, pois leva a absurdos. Dois profissionais diversos ganham o mesmo salário e trabalham na mesma carga horária. Um é covoqueiro, outro é agente administrativo. Vamos supor que ambos trabalham oito horas e ganham R\$500,00. O covoqueiro, por lidar com dinamite, possui estresse acentuado, assim a carga elevada de horas de trabalho põe a si e aos demais em perigo. Do mesmo modo, o trabalho deve ser melhor remunerado, dado o potencial risco de vida. O agente administrativo, malgrado a responsabilidade do seu cargo, não possui o mesmo nível de estresse do covoqueiro, o seu mister é muito mais tranqüilo. Interessante é que ocorre justamente o contrário.

O Direito tende a reformular a fórmula arcaica da Revolução Francesa, baseada em igualdade, para o sentido de que *igualdade é tratar os desiguais na exata medida da desigualdade verificada*. Já dizia Karl Jaspers que *tentar igualar os homens além de assegurar-lhes oportunidades iguais é a maior injustiça*.

A seletividade é cruel? Pode ser, mas é verdadeira. Darwin refletiu muito bem acerca do assunto, através da sua teoria da evolução das espécies. A sobrevivência é a dos mais aptos, ou seja, dos mais capazes, dos mais inteligentes, dos mais fortes, dos mais espertos. É como um jogo de cartas, onde todos iniciam com o mesmo cacife, depois é o modo de jogar que revela o vencedor. Por que alguns jogadores sempre vencem? Pelo seu modo de jogar: invariavelmente, a audácia é que comanda o espetáculo, já dizia Virgílio - *audentes fortuna juvat* - a sorte favorece os audaciosos. Arthur Schopenhauer fala que *a personalidade do homem indica antecipadamente o grau de sua fortuna*. O mesmo ocorre em todos os campos sociais.

Há vários exemplos de seletividade, alguns abomináveis como o sistema de castas hindus e o feudalismo medieval, onde imperava a imobilidade absoluta. A verdadeira seletividade está em dois campos, o da natureza, que é - como o nome diz - uma seleção natural, espontânea, baseada também na cadeia alimentar, entre outros fatores. A seleção da sociedade moderna está baseada na inteligência e na luta para vencer. Daí o preparo nas escolas. Esta seleção é artificial, contudo pode se transformar num modo de valorização do indivíduo, se este conseguir agir por si mesmo, sem se enredar pelas armadilhas da irreflexão imposta pelo próprio sistema. O espírito da coisa é auscultar a realidade *per si*, de forma a o homem ir sempre além de si mesmo.

Pelo lado político, hoje em dia não existem mais governos, eles são simples fachadas das empresas multinacionais, que são quem, em verdade, detêm o poder por detrás dos Governos. A antiga União Soviética descobriu demasiadamente tarde que não há motivação alguma em *servir o Estado por altruísmo*, razão pela qual o poderoso sistema comunista, baseado apenas em igualdade, entrou em colapso. Onde não existe seletividade baseada na competição e sobrevivência dos mais aptos não pode haver progresso, pois o homem resigna-se a uma situação de mero comodismo e ineficácia, não dá o melhor de si. As empresas, sabiamente, investem pesado em Recursos Humanos, de forma a aproveitar a capacidade máxima de cada funcionário. LaVey citou que todo homem de grande sucesso é um satanista, mesmo sem o saber.

Qualquer sistema social baseia-se na adaptação, na estabilidade, como aparência externa catequizada pela elite dominante. Interessa sempre manter o estado atual das coisas, seja em política, religião, economia, ciência, moda e modo de vida. Vence quem joga o jogo do sistema, adaptando-se, mas mantendo a própria integridade. Vence quem cultiva profundo amor por aquilo que faz, seja no trabalho, seja na família e, acima de tudo, desenvolve uma auto-estima e um auto-respeito. É sentença de Thelema - *amor é a lei, amor sob vontade*.

Da paz e da guerra

Se a paz e o amor pudessem ser obtidos através de bilhões de orações diárias, há muito a violência teria sido erradicada deste planeta. Existe uma enorme carga de fervor religioso neste sentido, mas o efeito desejado não ocorre; a egrégora é enorme, mas está altamente corrompida, porque se tornou parcial. A guerra e a paz devem ser trabalhadas em conjunto, não isoladamente. Enfatizar a paz não elimina a guerra, apenas cria uma pausa entre duas guerras. Já dizia Woodrow Wilson: “Não sou daqueles que acreditam que um grande exército seja um meio de preservar a paz, porque se formas uma grande profissão, os membros desta profissão vão querer exercê-la”. Note-se que até o Vaticano possui a sua guarda suíça. As guerras são necessárias, não só para evitar o superpovoamento, mas também para mudar estruturas sociais apodrecidas e desgastadas, sem valor algum. Se não houvesse a Revolução Francesa e o advento de Napoleão, a Santa Inquisição ainda estaria levando uma infinidade de pessoas à fogueira.

Em todas as guerras, as maiores vítimas são os indefesos. Então, a bondade divina não passa de uma falácia. Dizem que o reino de Deus não é deste mundo, mas este mundo não foi criado por ele? Ou será que a vingança contra Adão e Eva continua até hoje?

A própria "não-violência" de Gandhi não passa de uma forma mais sutil, refinada e esperta de violência, pois ele *constrangeu* os ingleses a deixarem a Índia. Ele apelou para os pontos fracos deles, revelando a contradição entre a crença cristã e a usurpação do território alheio. Não havia outra alternativa, senão os ingleses deixarem o País definitivamente. É evidente que houve baixas em prol desta "não-violência". De Gandhi é o seguinte pensamento: “Onde não há escolha senão entre a covardia e a violência, aconselharei a violência. Cultivo a coragem tranqüila de morrer sem matar. Mas quem não possui tal coragem, deve cultivar a arte de matar e ser morto antes do que fugir vergonhosamente do perigo.”

Além disso, a martirização em prol de um ideal não revela coragem, mas estupidez baseado num altruísmo hipócrita. É pretencioso quem pensa que, sacrificando a sua vida, vai mudar o quadro. Em toda a história da humanidade o quadro foi sempre o mesmo, guerra pelo poder e pela posse de terras. Quem ganhou com isso? Uma elite privilegiada. Quem perdeu com isso? Todos: a grande massa de soldados, seus familiares e os povos em geral. Por conseguinte, todos deveriam se reunir e dar um basta nisso. Nem motivos políticos nem religiosos pagam o preço.

Atualmente, a OTAN (leia-se EUA) servem excelentemente à elite do poder dominante, buscando *moralizar* as guerras, daí se ouvir falar em bombardeios cirúrgicos, ataques humanitários e outras imbecilidades semelhantes. Anteriormente, os soldados se confrontavam nas guerras, atualmente a OTAN poupa os seus próprios soldados, enquanto infligem baixas pesadas nos seus inimigos, não só nos combatentes, mas também na população, haja vista os fatos recentes em relação aos sérvios e albaneses na Iugoslávia,[\[1\]](#) inclusive com mortes na Embaixada Chinesa, o que levou a um clima alto de tensão entre os dois países.

No interesse desta minoria privilegiada, o Armagedon se distancia cada vez mais, pois eles mesmos se tornariam vítimas disso, daí se falar ao longo destas décadas em desarmamento nuclear e na busca de um acordo com os russos, chineses e, principalmente, os árabes, que já dispõem também desta tecnologia. Se nenhum fanático apertar um botão, tudo deve continuar como está.

Ouvi uma piada.

Um amigo chega para o outro e pergunta:

- Você sabe como será a Terceira Guerra Mundial?
- Não, mas eu sei como será a Quarta.
- E como será?

- Por meio de arco e flecha.

É o problema da devastação total. Pior do que isso, o planeta não passa de uma enorme laranja e, se alguém fica dando tiro nela, em dado momento explode por completo. A pessoa é capaz de acordar com a Terra transformada num meteorito.

Como xerife do mundo, os EUA há muito vêm se metendo nos problemas internos dos países, o que causa imensa revolta. O Presidente Bill Clinton, no caso dos sérvios e albaneses, sugeriu à OTAN indiciar o Presidente Milosevick como criminoso de guerra, então nada mais justo que ele mesmo também fosse indiciado devido aos inúmeros erros militares dos seus comandados. Aliás, esta história de criminoso de guerra... Ou qualquer um que participa de uma guerra é criminoso, ou ninguém é. Ninguém cita os americanos como responsáveis pelo holocausto de Hiroshima e Nagasaki, em 1945, que ceifou instantaneamente 120000 vidas, o assunto foi praticamente esquecido sem nenhuma menção pejorativa aos autores deste crime covarde e hediondo contra civis, mas o dos judeus é eternamente lembrado e o número foi forçosamente aumentado, pois seria impossível Hitler matar seis milhões de judeus em seis anos de guerra, o que equivaleria a 50 vezes a hecatombe japonesa[2]. Em resumo: a história é sempre escrita pelos vencedores.

Antigamente, a guerra possuía realmente sentido. Se você fazia parte de uma tribo pequena, tinha o maior interesse em defender a sua família e os seus amigos do ataque de invasores, bem como estender os seus domínios. Os líderes eram respeitados pela bravura e inteligência, não pela corrupção esperta. A comunidade era muito unida. Hoje, em cidades do interior, por exemplo com 5000 habitantes, ainda sobrevive este resquício, todos se conhecem, se respeitam, há laços de amizade muito fortes. Quem é pernicioso passa a viver à margem da comunidade e acaba mesmo mudando-se de cidade. Este era o sentido do banimento e do ostracismo, que corria até de forma natural, devido à forte desaprovação social. Hoje, as guerras não interessam a ninguém, a não ser na preservação dos interesses desta elite, em nível mundial. O verdadeiro patriotismo descambou para as torcidas de futebol, de escolas de samba e de galeras *funk*, sendo um caso de transferência de valores, porque é impossível existir o patriotismo assentado apenas na emoção de um hino nacional (o torcedor de futebol conhece perfeitamente a história e o hino do seu clube, mas e o hino e história do país?), enquanto o território brasileiro é imenso demais para haver uma afinidade sentimental da população, razão por que se explica plausivelmente a violência dos grandes centros urbanos, enquanto no interior é raro tais acontecimentos.

A solução para o problema da guerra está no egoísmo. O egoísmo ou filáucia, segundo o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulete, significa, entre outras definições: a) amor-próprio; b) conjunto de propensões ou de instintos adaptados à conservação do indivíduo. Em outros dizeres, o egoísmo não se confunde com o egocentrismo, que é a “tendência exagerada de uma pessoa em referir tudo a si próprio, considerando-se como o centro do universo”, o que se trataria de uma doença mental, um subjetivismo na doutrina de Lombroso.

Se as pessoas tivessem egoísmo, não haveria guerras, pois nunca se comprazeriam em seguir os seus líderes em prol de abstrações coletivas, como patriotismo, interesse religioso, etnia e outras anomalias semelhantes. Símbolos de “valor”, como medalhas, poderiam muito bem ser jogados no lixo, pois só servem para tornar o “herói” um pavão. Todo o sofrimento desnecessário causado nos conflitos, em prol de pretensos ideais assenta-se na idéia de martirização, na imbecilidade de “morrer pela pátria”, quando são as “pátrias” que enviam os seus filhos para a morte. O autor se pergunta porque os presidentes, os políticos e os generais não ficam na linha de frente, junto com os soldados, como na época de César.

[1] Dados do momento em que o autor escreve, no primeiro semestre de 1999.

[2] Antes que um idiota me acuse de ser anti-semita ou nazista, afirmo que escrevo apenas a verdade e não endosso nenhum preconceito religioso.

Vampirismo psíquico

O vampirismo psíquico é arte de escravizar psiquicamente uma vítima, de forma a eliminar a sua vontade e assumir total controle sobre a sua vida. É conhecido também por chantagem emocional. LaVey explica que “Muitas pessoas que caminham sobre a terra praticam a arte requintada de fazer os outros se sentirem responsáveis e mesmo em dívida para com eles, sem causa.” Em linhas simples, o praticante desta arte atinge as emoções da vítima e nubla a sua mente, drenando a sua essência vital e forçando-a a fazer o que não quer. Opera sob as asas da necessidade, da moralidade, da religiosidade e da cobrança de gratidão, e suas vítimas mais comuns são as pessoas honestas e responsáveis, que possuem um senso de obrigação a cumprir. Atinge às pessoas cuja idéia de obrigação é maior do que o amor-próprio, a auto-estima e o auto-respeito.

Vejamos como se processa o assédio vampiresco. Em primeiro lugar, há uma exigência do vampiro, que pode ser feita diretamente, de forma insinuada ou via terceiros. Quando há uma resistência da vítima, o vampiro pressiona e ameaça até que a vítima ceda. Através da aquiescência da vítima, o vampiro sabe que terá sucesso numa nova empreitada, pois já conhece o seu ponto fraco. Aí começa o círculo vicioso e as presas fincam-se cada vez mais no pescoço do incauto.

Como sempre há uma ameaça velada e sutil por parte do vampiro, sugiro ao leitor que pense nas seguintes perguntas, quando você se recusa a fazer o que lhe é exigido:

- Alguém ameaça infernizar a sua vida?
- Alguém ameaça terminar o relacionamento?
- Alguém pune a si mesmo, entra em depressão ou adocece?
- Alguém sempre quer sempre impor a sua vontade?
- Alguém sempre ignora os seus sentimentos e necessidades?
- Alguém lhe oferece dinheiro ou presentes para comprá-lo?
- Alguém sempre lhe acusa de maldade e outras coisas semelhantes?

Se o leitor respondeu “sim” a apenas uma destas perguntas, afirmo que já é vítima de um vampiro. Este tipo de indivíduo é altamente nocivo à sua vida, nada lhe acrescenta e merece a sua total indiferença e repúdio. A melhor solução é sair imediatamente da sua presença, ignorando-o por completo, num total ostracismo. “Ser puramente satânico, a única maneira de negociar com o vampiro psíquico é o ‘jogo do silêncio’ e comportar-se como se eles fossem genuinamente altruístas e realmente não esperarem nada em retorno. Ensine-os a lição que eles graciosamente dão a você, agradecendo-os sonoramente por toda a atenção que lhe deu, e saindo fora!”^[1]

Nem sempre isto é possível, pois na família e no trabalho também aparecem esses vermes. Neste caso, é melhor jogar fazendo-se de bobo e recusando “inocentemente” o pedido, por motivos de “força maior”; ou colocando-se de vítima, no lugar do vampiro (que é o que o vampiro gosta de fazer, passar-se por vítima), mostrando a todos que você será grandemente prejudicado pela pretensão deste ser infame; ou simplesmente aceitando fazer o que o vampiro quer, e depois se tornando o “eterno esquecido”; ou, por fim, aceitando o lado “altruístico” desse drácula solar e agradecendo os favores concedidos, mas negando-se a fazer o que o vampiro quer, afinal não era nada esperado em troca, não é verdade?

Lembre-se de que nem sempre o vampiro é uma pessoa. Muitos templos religiosos, organizações altruístas e ordens iniciáticas vivem de vampirizar os seus membros. Mal a pessoa ingressa num deles, logo surgem uma miríade de obrigações que sobrecarrega a sua vida e nenhum proveito lhe traz em retorno. Quando a pessoa

acorda e resolve sair, ligam para a sua casa, para o seu trabalho, entram em contacto pessoal com você, tentando forçar um retorno, que, a esta altura dos acontecimentos, você já está bem longe de querer.

Como muitas vezes o vampirismo é sutil, insidioso e difícil de ser percebido, há uma fórmula excelente para saber se você está sendo sugado ou não. É observar a contrapartida do seu préstimo. Simplesmente observe o que está recebendo em troca e como isto afeta a sua vida. Um exemplo: se você trabalha num cargo e o chefe sempre lhe acumula de obrigações, nas quais você perde os seus dias de folga ou momentos de lazer para poder cumpri-las, é um forte sintoma que está sendo vampirizado. Contudo, se tal chefe tolera eventuais atrasos ou falhas no serviço que você efetua, então não há porque você reclamar.

Ao contrário do que LaVey diz, os “pecados” do vampiro não são somente de omissão, mas de ação também. Muitos deles usam violência física para conseguir o que querem. O que ocorre é que, na maioria das vezes, agem pela forma indireta, caso contrário seriam prontamente “condenados”. Eles costumam ser mestres na insinuação e na dissimulação. Se há um amigo que lhe visita constantemente e o vampiro sente ciúmes da sua amizade, pode, por exemplo, comentar características “ruins” de um ator na televisão, que, por “coincidência”, são justamente as que se encaixam perfeitamente no seu amigo. Trata-se de uma tentativa sutil de romper o relacionamento entre ambos. Se não der resultado, pode apelar para a ameaça, a violência ou se fazer de doente para intimidá-lo.

Muitos vampiros são inválidos ou emocionalmente perturbados. Aproveitam a própria doença para exercer pressão sobre a vítima. P. tinha uma tia histérica e hipocondríaca. Quando P. recusava a ceder aos desejos da tia, esta sofria ataques histéricos e afundava-se em remédios. Dizia, entre outras coisas, que era portadora de diabete. Duas ou três vezes por semana, o médico ia até o apartamento em que P. e a tia moravam, para ministrar cuidados a mesma. Um dia, P. viu a tia comer compulsivamente, com uma colher, meia lata de Ovomaltine. Já desconfiando do processo manipulativo da tia, ele entrou no quarto, virou-se para o médico e lhe relatou o fato; este simplesmente ficou lívido, pois sabia que a paciente não tinha doença física alguma, e sim mental; estava sangrando o dinheiro dela, para favorecer o jogo infame e viu-se descoberto. Assim que terminou a consulta, a tia deu um dos maiores ataques histéricos já vistos por P. Então, P. simplesmente pediu desculpas, reconciliou-se com a tia e, quando esta dormiu, P. arrumou as suas malas e se mandou. Susan Forward, no seu Chantagem Emocional, explica que “A chantagem emocional ataca muito perto de casa. Os chantagistas emocionais sabem o valor que damos ao nosso relacionamento com eles. Conhecem nossos pontos vulneráveis. Geralmente conhecem nossos segredos mais profundos. E por mais que gostem de nós, quando temem não conseguir o que querem, usam esse conhecimento íntimo para armar a ameaça que dará a eles o que desejam: nossa aquiescência.” Além disso, “compaixão só acrescenta combustível à chantagem”.

Se a pessoa consegue livrar-se, finalmente, do vampiro psíquico, nota, de imediato, que a sua força vital retornou. Sente-se bem consigo mesmo e pergunta-se por que não tomou esta atitude há mais tempo.

[1] Anton LaVey.